

GRUPO POLITICA NOVEMBRO

2019

Coletânea de artigos sobre a conjuntura

Contexto e Análise

Org. Paulo Timm – Uso sala de aula

Lula - ABC dia 09 nov

<https://external.fccm8->

[1.fna.fbcdn.net/safe_image.php?d=AQCbmDrvZ_Nw2bRd&w=540&h=282&url=https%3A%2F%2Fnoaute.blog.br%2Fwp-content%2Fuploads%2F2019%2F11%2FCaptura-de-Tela-2019-11-09-a%CC%80s-13.19.33-1024x576.png&cfs=1&upscale=1&fallback=news_d_placeholder_publisher&nc_eui2=AeEeJvBelg5ciyhPwg5JblQjQE_Ho_jGFoI0T3MBYiTv5xu1VJBn7dvC_6Hueka7YYUhJ7wZS1v8-2BOwHlnpSDabpKEalXhgoOJUa1qJU17XQ&nc_hash=AQCEWRixMVal-332](https://external.fccm8-1.fna.fbcdn.net/safe_image.php?d=AQCbmDrvZ_Nw2bRd&w=540&h=282&url=https%3A%2F%2Fnoaute.blog.br%2Fwp-content%2Fuploads%2F2019%2F11%2FCaptura-de-Tela-2019-11-09-a%CC%80s-13.19.33-1024x576.png&cfs=1&upscale=1&fallback=news_d_placeholder_publisher&nc_eui2=AeEeJvBelg5ciyhPwg5JblQjQE_Ho_jGFoI0T3MBYiTv5xu1VJBn7dvC_6Hueka7YYUhJ7wZS1v8-2BOwHlnpSDabpKEalXhgoOJUa1qJU17XQ&nc_hash=AQCEWRixMVal-332)

DA SACRALIDADE DA CONSTITUIÇÃO

O Absolutismo nutria-se da origem divina dos soberanos para justificar-se como elo de ligação entre o sagrado e o profano. Em seu lugar a República colocou a Constituição como o selo sagrado do novo Pacto e verdadeira alma de nações soberanas

ÍNDICE

Prolegômenos

- **COMITE DE APOIO À DEMOCRACIA. Encontro mensal do Grupo de Análise da Conjuntura Econômica - Dia 18 oct 2010 - Local CEAPE - Rua 7 setembro 703**
- **PRISÃO EM SEGUNDA INSTÂNCIA X CONSTITUIÇÃO**
- **AO LONGO DOS TEMPOS, A TRANSGRESSÃO AO ESTADO-DE-DIREITO TEM SIDO A PORTA ABERTA PARA AS GRANDES TRAGÉDIAS HUMANITÁRIAS.**
- **A História do AI 5 - ESP**

- **Angelina Peralva – FB 29 NOV – CODINOME CLEMENTE**
- **Milton Saldanha : Gugu, um caso de divã**
- **Aiano Bemfica , via Angelina Peralva = dia 23 nov FB –**

Flamengo

- **Grupo de extrema direita católica tenta impedir missa em homenagem ao dia da consciência negra**

• **‘Nós gastaremos quase 10x mais com o Fundo Eleitoral do que com Saneamento Básico – e isso é uma vergonha!’**

- **Milton Saldanha – SP Estranha coincidência**

• **Alerta da poeta Elizabeth Bishop, que viveu no Brasil de 1951 a 1965:O Brasil e a "Arte de perder"**

• **Renato Janine Ribeiro fb 06 NOV Só sei que nada sei**

- **ENEM**

- **Brasil, país da sobremesa**

- **Angelina Peralva FB 02NOV**

• **BOLSONARO SUGERE LUGAR DE EXECUÇÃO DA DITADURA PARA SERVIDORES PÚBLICOS**

• **Por que Bolsonaro está se adiantando e blindando seus filhos?**

• **Tomaz Wonghon –Ponta da praia FB 3 NOV**

- **Milton Saldanha – Nunca mais... FB 24 NOV**

- **FAKE NEWS PODE ANULAR ELEIÇÃO**

PARTE I – Contexto

1. **Manifestações sociais e novas mídias: a construção de uma cultura contra-hegemônica**

M.Castelsa

2. **MANUEL CASTELLS: “O GRANDE ERRO DA ESQUERDA É PENSAR QUE MOVIMENTOS SOCIAIS SÃO SEMPRE BONS”** FLÁVIA MILHORANCE

3. **Elecciones en Uruguay: Por media cabeza, diría Gardel** Gilberto Lopes

4. **La CIDH investiga la masacre de Senkata en El Alto**
Represión en Bolivia: "Como animales, como perdices nos cazan" En El Alto siguen los bloqueos porque las muertes son demasiadas. Por Marta Dillon.

5. **Partidos, movimientos, democracia: riscos do século vinte e um – Parte I** Marco Aurélio Nogueira

6. **O Estado já está pensando em 6G na China e Coréia do Sul** escrito com Daniel Bispo

7. **O fim do neoliberalismo e o renascimento da história.** Artigo de Joseph Stiglitzz REVISTA IHU ON-LINE

8. **Desastre à vista** Paulo Kliass

9. **O “OUTUBRO VERMELHO” e a esclerose brasileir** por JOSÉ LUÍS FIORI

10. **É hora de falar de uma primavera Latina?** Rafael Pires de Mello

11. **Žižek: “Coringa” e o grau zero da revolução** Por Slavoj Žižek.

12. **As lições que vêm do Chile** Por Marcus Pestana

13. **Carlos Azevedo: O brasileiro é corrupto? Uma leitura de Elite do Atraso, de Jessé Souza** por Carlos Azevedo, no Vermelho
14. **O capitalismo nunca foi tão forte como agora. E o maior risco ao sistema e à democracia é a plutocracia'**
15. **A face do imperialismo no século XXI** por Jason Hickel
16. **A economia mundial em declínio** por Prabhat Patnaik
17. **O esperado fracasso do neoliberalismo** Roberto Amaral

PARTE II – Análises

1. **BOLSONARO CANCELA ASSINATURAS FSP**
2. **Nas entrelinhas: Mentres reacionárias**
Luiz Carlos Azedo
3. **Xadrez da contagem regressiva para a ditadura** Luis Nassif
4. **Mônica Bergamo: mundo político desconfia que há algo muito grave a ser revelado da família Bolsonaro**

5. “Contradições e bate-cabeça da campanha de Bolsonaro são intencionais” entrevista por e-mail ao EL PAÍS

6. Bolsonaro colocou suas digitais no caso Marielle, diz Noblat

7. Sobrou para o porteiro Bernardo Mello Franco - O Globo

8. Os ‘tresloucados e malucos’*Os militares não embarcam no AI-5 e no ‘Três Oitão’ dos Bolsonaro* Eliane Cantanhêde, O Estado de S.Paulo

9. Por que o Chile interessa Sergio Fausto

10. A esfinge e os líderes Fernando Henrique Cardoso

11. Graças ao governo Ricardo Rangel

12. ‘Brasil submeteu sua história a um processo de avacalhação’ Antonio Risério

13. SILÊNCIO ENSURDECEDOR João Guilherme Vargas Netto

14. Promotora afastada do caso Marielle: “combater o crime passa por combater ideologia abolicionista” revistaforum

15. Viver com 413 reais ao mês, a realidade de metade do Brasil HELOÍSA MENDONÇA

16. **Brasil, uma grande aldeia isolada do mundo**

17. **Diante da subversão** Octavio Dantas

18. **STF é tribunal da impunidade? Mentira!** Por

Lênio Streck

19. **Recado do Nassif: equipe de Guedes quer reforma administrativa sem conhecer o básico** Luis Nassif

20. **Sem Partido, Sem OCDE, Sem Aliados, Bolsonaro Está Cada Vez Mais Perdido.** Celeste Silveira

21. **O sonho do clã –** Marcos Rolim

22. **Domingos Roberto Todero – Assim não dá**

23. **Globo diz ter perdido ilusões com Bolsonaro e afirma que ele é inimigo da democracia** POR EDITORIAL

24. **De Amaral Netto a Pedro Bial: as duas Globos** Milton Saldanha

25. **Por que o leilão do pré-sal resultou no ‘pior cenário’ para o governo** Vitor Hugo Brandalise e Rafael BarifouseDa BBC News Brasil

26. **Manuela escreve carta para Joice: “Não é mesmo nada fácil ser mulher”** Por Tamires Vitorio

27. **Monica de Bolle: Paulo Guedes está preso nos anos 70** Por Lucas Amorim

28. O que está no pacote de reformas Mais Brasil anunciado hoje por Guedes

29. REDE GLOBO - Final Milton Saldanha

30. O fundo do poço de Augusto Nunes ao atacar filhos de Glenn e David GUSTAVO FREIRE BARBOSA

31. Paulo Baía - LULA SOLTO ABRE NOVO CICLO - FB 08nov

32. O dia seguinte ao Lula Livre Cláudio Gonçalves Couto

33. Lula: No meu coração só tem espaço para amor porque o amor vai vencer nesse país
Escrito por: Rosely Rocha

34. Sob embalo de vitória de Lula, esquerda latino-americana se reúne em Buenos Aires Márcio Resende

35. Celso de Mello diz que Bolsonaro não tem estatura para ser presidente POR FERNANDO BRITO

36. Sentença contra Lula será estudada como exemplo de má justiça por Redação RBA

37. Nas entrelinhas: A jararaca está de volta Luiz Carlos Azedo

38. A crise de identidade brasileira Adhemar Bahadian

39. Em mau estado (trecho) Janio de Freitas, na Folha

40. O Brasil que não perdoou Sobel pelas gravatas canonizou Gugu pelo lixo que levou à TV

Kiko Nogueira

41. Sergio Moro pode acabar preso na teia de aranha que ele mesmo teceu JUAN ARIAS

42. Veja a íntegra do discurso de Lula: “O Brasil precisa embarcar de volta para o futuro”

Luiz Inácio Lula da Silva

43. Xadrez da marcha acelerada para o fascismo Luis Nassif

44. No terreno da Exceção Bruno Boghossian - Folha de S Paulo

45. O AI-5 que, sim, nos assusta Diego Iraheta

46. As tentações autoritárias Luiz Carlos Azedo

47. Nem Bolsonaro, nem Lula, nem Centrão. Como faz? Mauricio RH

48. A DIVISÃO POLARIZADA Milton Saldanha

49. Em editorial, Folha diz que Bolsonaro veste fantasia de imperador por Dercio

50. O Brasil ao lado das ditaduras mais cruéis do mundo JAMIL CHADE

51. O Chile é aqui: Bolsonaro e grande mídia inflam o balão de ensaio da esquerda nas ruas, por Wilson Ferreira Wilson Roberto Vieira Ferreira

52. Esquerda urbana perdeu a conexão com o Brasil real, comentário de Leandro A. Por Leandro A.

53. As aberrações nos governam

54. Vaza Jato: reprovação a Moro vai a 91% nas redes e Lava Jato cria farsa judicial Lula Marques

55. A crise de representação dos partidos políticos Por Renata Lo Prete

56. Marta, Lula, Guedes e a conjuntura Marco Aurélio Nogueira

57. Nas entrelinhas: Era uma vez em... Alter do Chão Luiz Carlos Azedo

PARTE III . Artigos autores Torres/Passo T

• **BOLSONARO E GLOBO AUTO CONTENÇÃO COMO SINAL DE MATURIDADE** Paulo Timm

• **A CONSTITUIÇÃO É A ALMA DO ESTADO REPUBLICANO** Paulo Timm

• **O QUE FAZER?** Paulo Timm

- **'Tentam criar fato político que desestabilize o País', diz general Heleno sobre caso Marielle** Paulo Timm

• ANEXOS

O ROLO DO VIVENDAS

- **MP-RJ ignorou eventual adulteração em sistema de gravação em portaria de Bolsonaro**

- **Entidade de criminalistas pede que Bolsonaro seja investigado** De Henrique Gomes Batista

- **Juristas: autoridades devem reagir ao crime confessado por Bolsonaro no caso Marielle**

- **Os milicianos dominaram** Cleusa Slaviero

- **Bolsonaro cometeu crime de responsabilidade**

- **Caso do porteiro não está resolvido** Milton Saldanha

- **Porteiro que aparece no áudio de Carlos Bolsonaro não é o mesmo que diz ter falado com 'seu Jair'** POR LAURO JARDIM

- **Surge prova de que Bolsonaro pode ter atendido porteiro**

- **Perícia incompleta em áudios do condomínio de Bolsonaro expõe nova falha em caso Marielle** DANIEL HAIDAR

- **Anexo II – A escalada do fascismo**

ANEXO II

ESCALADA PARA O FASCISMO

Coletânea artigos recentes

P.Timm org. - (uso sala de aula)

INDICE

1. Xadrez da marcha acelerada para o fascismo - Luiz Nassif

<https://jornalggn.com.br/noticia/xadrez-da-marcha-acelerada-para-o-fascismo-por-luis-nassif/>

2. No terreno da Exceção - Bruno Boghossian

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bruno-boghossian/2019/11/antes-de-propor-protacao-a-militares-bolsonaro-discutiui-reprimir-protestos.shtml?fbclid=IwAR3gPqx3OPpEErDTWm6mxxsDbAcLRUJTxBfC0hAh75yGnFwNN4QX-DKJYe8>

3.0 Ur-Fascismo brasileiro e Bolsonaro como sua consequência - Sergio Saraiva

<https://jornalggn.com.br/artigos/o-ur-fascismo-brasileiro-e-bolsonaro-como-sua-consequencia/>

4. Editorial FSP -Ineptos e autoritários

<https://revistaforum.com.br/comunicacao/na-direcao-certa-folha-faz-editorial-historico-e-se-pinta-para-guerra-contra-bolsonaro/?fbclid=IwAR17JcILVcmGQDvjwIqgTpcDpljLTLbHXyce8-uGNvbQqX9a36TGZYKmpY>

5. OXFAM participa de ato Frente Democrática

<https://oxfam.org.br/noticias/oxfam-brasil-participa-de-evento-em-defesa-da-democracia-brasileira/>

6. Proposta de criar canal para denunciar professores é mais um instrumento de perseguição contra os educadores

<https://www.sinprodf.org.br/proposta-de-criar-canal-para-denunciar-professores-e-mais-um-instrumento-de-perseguiacao-contra-os-educadores/>

7. As tentações autoritárias – L.C.Azedo

<http://blogs.correiobraziliense.com.br/azedo/as-tentacoes-autoritarias/?fbclid=IwAR3as2uJW07gFn58nZ8pKMoHQcdlOnR4dOvfbPzxxvh6SKtyTOozW-8gqgg>

8. O erro da esquerda: M. Castels

MANUEL CASTELLS: “O GRANDE ERRO DA ESQUERDA É PENSAR QUE MOVIMENTOS SOCIAIS SÃO SEMPRE BONS”

<https://theintercept.com/2017/12/08/manuel-castells-e-a-crise-da-democracia-que-vai-de-trump-a-brexit-e-brasil/>

9. O Chile é aqui: Bolsonaro e grande mídia inflam o balão de ensaio da esquerda nas ruas, por Wilson Ferreira

https://jornalggn.com.br/artigos/o-chile-e-aqui-bolsonaro-e-grande-midia-inflam-o-balao-de-ensaio-da-esquerda-nas-ruas-2/?fbclid=IwAR0B_gWvixaORL_XMi7U9pcslsqLgzTbbZluGdM2MVJZKy4hKMTOLqzW8E

[2/?fbclid=IwAR0B_gWvixaORL_XMi7U9pcslsqLgzTbbZluGdM2MVJZKy4hKMTOLqzW8E](https://jornalggn.com.br/artigos/o-chile-e-aqui-bolsonaro-e-grande-midia-inflam-o-balao-de-ensaio-da-esquerda-nas-ruas-2/?fbclid=IwAR0B_gWvixaORL_XMi7U9pcslsqLgzTbbZluGdM2MVJZKy4hKMTOLqzW8E)

Wilson Roberto Vieira Ferreira

10. Esquerda urbana perdeu a conexão com o Brasil real, comentário de Leandro A.- Jornal GGN Leandro A.

<https://jornalggn.com.br/crise/esquerda-urbana-perdeu-a-conexao-com-o-brasil-real-comentario-de-leandro-a/>

11. A entrada do darwinismo social no Brasil – Vídeo

https://www.youtube.com/watch?v=93f7nkbD7tY&feature=share&fbclid=IwAR2P-YkYVUIZE4IewK_PIsI1ZE8kXkeSEBwuTjVOU3w2LMjNXm5P8BHcFxU

12. Uma semana de escalada fascista

https://www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-ppds/uma-semana-de-escalada-fascista?utm_source=isa&utm_medium=site&utm_campaign=Projeto+Sa%C3%BAde+e+Alegria&fbclid=IwAR0Zms4z8JgfMjltzOFZ97p4eMo0HbdkS6MBJ-gEzJxKZgKLup2LPd9oBU

13. LENIO STRECK – 02.12.19 – DIREITO, A PRIMEIRA VÍTIMA, DEMOCRACIA É A SEGUNDA

Prolegômenos

- **COMITE DE APOIO À DEMOCRACIA. Encontro mensal do Grupo de Análise da Conjuntura Econômica - Dia 18 oct 2010 - Local CEAPE - Rua 7 setembro 703**
<https://www.facebook.com/redesoberania/videos/409893586592332/>

Aldo Fornazieri - Bolívia

Evo Morales foi derrubado por um violento movimento de extrema-direita na Bolívia. Evo fez governos muito bem sucedidos, mas terminou metendo os pés pelas mãos ao querer um quarto mandato sucessivo. Tinha que ter preparado um sucessor. Deu no que deu depois de uma eleição com denúncias de fraude. A América Latina vive em sua trágica normalidade: elites predatórias e sanguinárias, uma extrema-direita cada vez mais violenta e uma esquerda confusa, quando não arrogante. Evo já tinha perdido parte de sua base tradicional de populações indígenas. Tal como o Brasil, a América Latina não tem futuro. É a região mais desigual e mais violenta do mundo.

- **PRISÃO EM SEGUNDA INSTÂNCIA X CONSTITUIÇÃO**

Cesar Cantu

Prezados (as),

Algumas questões para análise sobre o tema em pauta:

❖ Constituição - Artigo 5º - Inciso LIV:

– Ninguém será privado da liberdade ou de seus bens sem o devido processo legal.

❖ Constituição – Artigo 5º - Inciso LVII:

– Ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória.

❖ Código Penal – Artigo 283:

– Ninguém pode ser preso, exceto em flagrante ou se houver sentença condenatória transitada em julgado.

CONCLUSÃO: Até o trânsito em julgado, ninguém será considerado culpado e, portanto, poderá ser privado de sua liberdade, ou seja, ninguém poderá ser preso.

- ◆ *Compete ao STF preservar o cumprimento da Constituição.*
- ◆ *Mas, acontece que, com a amplitude das apelações legais, a impunidade está aumentando muito.*
- ◆ *Isso é verdade. É preciso que se resolva isso, caso contrário, as apelações dos que podem pagar bons (Ou bem relacionados) advogados levarão o caso até a prescrição.*
- ◆ *Alguém diria: Então, o STF deve manter a prisão com a condenação em segunda instância.*
- ◆ *Não, compete ao STF fazer prevalecer a Constituição como está hoje.*
- ◆ *Então, como resolver a questão da impunidade?*
- ◆ *Compete ao Poder Legislativo mudar a Constituição. O Poder Judiciário pode, e deve, incentivar o Poder Legislativo a fazer isso.*
- ◆ *Até lá, cumpre-se o estado-de-direito, ou seja, aplica-se a Constituição.*

- **AO LONGO DOS TEMPOS, A TRANSGRESSÃO AO ESTADO-DE-DIREITO TEM SIDO A PORTA ABERTA PARA AS GRANDES TRAGÉDIAS HUMANITÁRIAS.**

- **A História do AI 5 - ESP**

https://brasil.estadao.com.br/blogs/estadao-podcasts/a-historia-do-ai-5-o-mais-duro-golpe-da-ditadura-ouca-o-podcast-estadao-noticias/?utm_source=whatsapp&utm_medium=grupo&utm_campaign=manha&fbclid=IwAR2k6KlshG49oL9eNcqYWBU6_4kd9aFTzqNUf8u8Wn5UuD67LfzfGqURCjw

- **Angelina Peralva – FB 29 NOV – CODINOME CLEMENTE**

Ontem fomos ver “Codinome Clemente” – documentário sensível sobre uma figura controvertida da luta armada brasileira. Figura ao mesmo tempo amada e odiada, como disse durante o debate sua companheira, Maria Claudia Badan Ribeiro. A ABI acolheu a apresentação inaugural do filme no Rio de Janeiro. Li “Viagem à Luta Armada”, relato autobiográfico de Carlos Eugênio Paz, há muitos anos. O livro me interessou pela maneira como abordava um percurso onde coisas horríveis aconteceram – não apenas coisas sofridas, mas também praticadas. A pergunta que ficava para mim, e que o documentário recoloca era: como você lida com a sua própria subjetividade quando aquele momento da história, que dava sentido ao que você fez, já passou? Clemente era muito jovem quando entrou para a ALN. Lembro-me, ao ler o livro, de ter detestado Marighella por ter recrutado gente tão jovem. Depois, lendo o Marighella de Mário Magalhães – livro indispensável para compreender o período – recapacitei. Lembrei-me do que disse Marx: que os homens fazem a história, mas não nas condições que escolhem. A esquerda daquele momento se dividiu em relação à pertinência da luta armada. Mas a verdade é que a luta armada foi um paradigma da resistência no século XX: houve a revolução russa, a revolução chinesa, a revolução cubana, a guerra no Vietnam, as guerras anti-coloniais na África. E essas referências deram sentido à luta de uma geração. Foram elas que forjaram jovens muito jovens – secundaristas – como Carlos Eugênio, Yuri e muitos outros. Hoje as referências não são mais as mesmas, as armas não

são mais as mesmas e o desafio (como dizem Dardot e Laval) é imaginar o que pode ser a revolução no século XXI. Tenho a convicção profunda de que as novas formas dessa revolução estão sendo experimentadas nos quatro cantos do planeta. E o esforço para refletir sobre elas também está em curso. Apesar das aparências. O tempo da gestação é incontornável.

- **Milton Saldanha : Gugu, um caso de divã**

A morte de qualquer pessoa é um momento que pede respeito. Porque encerra uma trajetória de vida, mesmo que seja a mais simples, e porque alguém vai sentir essa falta.

Mas há que existir comedimento. O que o enterro do Gugu mostrou foi a profunda carência afetiva do nosso povo. Pessoas que até cancelaram viagens longas, com passagem comprada, para estar lá. Uma senhora contou que entrou oito vezes na fila para passar pelo caixão. Cada vez demorava duas horas.

Desculpem, mas é caso de psiquiatria.

Sejamos sensatos. Mesmo que tenha sido uma pessoa querida por muitos, Gugu nunca foi um líder nacional. Sequer um astro de primeira grandeza num tipo de televisão popular, sem qualquer caráter educativo.

Mas o povo precisa se apegar a ilusões. Assume fácil a orfandade porque nunca teve, de fato, paternidade social.

- **Sandra Campos Soares Nós o POVO não somos carentes e sim amorosos somos queridos♥**
- **Milton Saldanha Um olhar crítico será sempre impessoal, vindo de fora. Como a lente de uma câmera, que capta a imagem, mas não se inclui na cena. Por isso o uso da primeira pessoa geralmente não se aplica à crítica. Isto posto, todos somos o povo.**
- **Carla Liba Eu respeito todo sentimento e loucura humanos, mas não deixo de questionar qual o legado que Gugu deixou pra que as pessoas se sentissem tão órfãs, como vc comentou. Não há carência de líderes, pois temos de sobra em nosso país. Só a educação pode preencher esse "vazio", penso...**
- **Marinete Veloso Exatamente! Uma catarse coletiva doentia! É chocante.**

- **Paulo Timm** "Mas o povo precisa se apegar a ilusões"- Como dizia Prometeu a Zeus, diante da reprimenda deste por haver dado o fogo aos vermes mortais: - *Mas dei-lhes , também, Senhor, vãs ilusões.*

- **Aiano Bemfica , via Angelina Peralva = dia 23 nov FB - Flamengo**

"O ano do Flamengo vai entrar pra história: por essa virada (incrível), pelo futebol jogado (excelente), pelos títulos ganhos (histórico), pela grana que girou (enorme) e, claro, por ter seu renascimento pro futebol ligado pra sempre ao ano que, não só matou 11 meninos, como não indenizou ninguém.

Se houvesse sombra de justiça no universo desportivo, esse clube não jogava a serie A esse ano é estaria banido da libertadores até regularizar o CT e a indenização pras famílias. Mas, pedir justiça pra uma entidade do tamanho do Flamengo seria acreditar em um futebol honesto demais.

Será que depois desse título vai sobrar um troco pras famílias?"

- **Grupo de extrema direita católica tenta impedir missa em homenagem ao dia da consciência negra**

https://www.youtube.com/watch?fbclid=IwAR0eTWfg3gpct6rkBMeZlAbW7_By4V2RMxoQfZnNHnzJB9pWmTSeMb37iwo&v=nGTf09FvG9c&feature=share&app=desktop

- **‘Nós gastaremos quase 10x mais com o Fundo Eleitoral do que com Saneamento Básico – e isso é uma vergonha!’**

<https://m.blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2019/08/10/nos-gastaremos-quase-10x-mais-com-o-fundo-eleitoral-do-que-com-saneamento-basico-e-isso-e-uma-vergonha/?fbclid=IwAR0s08IEDdLDSSCW7GaUKEUv9rYR3jjhdGe0LwFnTkqeGgHELGeUFV7TFyg>

Por Charbel Maroun, do partido Novo no Recife

Na última quinta-feira, 8 de agosto, a Lei de Diretrizes Orçamentárias para o ano de 2020 foi aprovada na Comissão Mista de Orçamento do Congresso Nacional.

Esta legislação é quem orientará a construção do Orçamento vigente no próximo ano. Estabelece os parâmetros a serem

seguidos pelo Governo Federal e parlamentares sobre quanto e onde se deve gastar o dinheiro dos nossos impostos.

A construção do Orçamento é um momento decisivo para entendermos as prioridades dos nossos governantes.

Por exemplo, este ano, a União, de acordo com o Orçamento aprovado, prevê investir R\$ 458 milhões em obras de Saneamento Básico.

Do outro lado, com apoio suprapartidário, do PSL ao PT, deputados e senadores querem que o Fundo Eleitoral seja ampliado de R\$ 1,7 bilhões para inacreditáveis 3 bilhões e 700 milhões de reais. E esta medida já foi aprovada na Comissão Mista de Orçamento (CMO).

Durante a votação, dos membros que compõem a CMO, apenas 5 deputados (4 do Partido Novo e 1 do PSB) se manifestaram contrários a ampliação do Fundo Eleitoral.

Então, neste momento, para boa parte dos nossos representantes, é mais importante garantir que uma quantidade maior de dinheiro dos impostos sejam utilizados para bancar as campanhas de prefeitos e vereadores que destinar a obras que levarão água tratada a população e que poderão reduzir o convívio de brasileiros com o esgoto a céu aberto.

Isso é vergonhoso.

- **Milton Saldanha – SP Estranha coincidência**

Uma rede de supermercados do Paraná, chamada Condor, resolveu cortar sua publicidade na Rede Globo, como forma de apoio a Bolsonaro.

Já nasce um movimento de boicote aos supermercados Condor, como já ocorre com a Havan.

A curiosidade é que Condor foi o nome de uma operação de extermínio de opositores políticos de ditaduras da América do Sul.

A Operação Condor nasceu em 25 de novembro de 1975, numa reunião de serviços de Inteligência da Argentina, Bolívia, Chile, Uruguai e Paraguai, com observadores do Brasil. A coordenação foi da CIA.

Secreta desde aquele ano, foi descoberta e denunciada pela

primeira vez em 1979, pelo famoso jornalista norte-americano Jack Anderson. Ele teve acesso a um documento secreto, no Senado, que tratava dos crimes da Condor.

(O assunto é contado em detalhes no livro “Condor”, do fotógrafo e pesquisador João Pina).

- **Alerta da poeta Elizabeth Bishop, que viveu no Brasil de 1951 a 1965: O Brasil e a "Arte de perder"**

“Como país, acho que o Brasil não tem saída – não é trágico, como o México, não; é apenas letárgico, egoísta, autocomplacente, meio maluco. O país perdeu a inteligência e a consciência moral. Não há princípio que não seja desmentido, nem instituição que não seja escarnecida. Já não se crê na honestidade dos homens públicos. A classe média abate-se progressivamente na imbecilidade e na inércia. Os serviços públicos abandonados a uma rotina dormente. O desprezo pelas ideias aumenta a cada dia. A ignorância pesa sobre o povo como um nevoeiro. A intriga política alastra-se por sobre a violência a sonolência enfasiada do país. Não é uma existência; é uma expiação”

- **Renato Janine Ribeiro fb 06 NOV Só sei que nada sei**

**Há anos que digo: saúde é mais popular que educação.
Porque é fácil saber que está doente.
Saber que é ignorante é uma descoberta sofisticada.
Sócrates, o grande filósofo, dizia:
- Só sei que nada sei.**

Essa sofisticação da demanda por ciência ou educação explica por que, na campanha eleitoral, elas são quase um não tema, enquanto a saúde bomba.

Por isso, somar as despesas obrigatórias de saúde e educação é apenas mais um desastre de Paulo Guedes.

Atende a dor de cabeça e mata o que vc pode fazer com a cabeça o resto do tempo...

- **ENEM**

https://l.facebook.com/l.php?u=https%3A%2F%2Fwww.youtube.com%2Fwatch%3Fv%3DDesgt3RY9gX8%26t%3D239s%26fbclid%3DIwAR0vuNiMRKBcoRlefdi4TKIQuONZRb3yvoa9qBOzop6qs2Jh-tOMEq8NKqQ&h=AT1s4qVG40ENWDgAeh3VB359H9OwfoNkDhVjFBM2PmuC4QS2IQniRAF1ESx92R6_fUyDR7fPhL_OzK35JlkYQRhbaup5Ydh52JgneXyFBvQa-Yen6DgMIH30WGof362qWjGk_b7H5f52KDdUA

- **Brasil, país da sobremesa**

“País de sobremesa. Exportamos bananas, castanhas-do-pará, cacau, café, coco e fumo. País laranja! (...). Os nossos economistas, os nossos

políticos, os nossos estadistas deviam refletir sobre este resultado sintético da história pátria. Somos um país de sobremesa. Com açúcar, café e fumo só podemos figurar no fim dos menus imperialistas. Claro que sobremesa nunca foi essencial.” Oswald de Andrade, 1937”

- **Angelina Peralva FB 02NOV**

Monica Bergamo: "A virulência dos ataques de Jair Bolsonaro ao governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel (PSC), reforçou a desconfiança generalizada de autoridades sobre a postura agressiva do presidente e de sua família. Há entre autoridades a convicção de que algo grave, e que ainda não é público, ocorre e já é do conhecimento dos Bolsonaros, tamanha é a inquietação entre eles. Os ataques são feitos em público e também em conversas privadas com autoridades. Bolsonaro insiste na tese de que Witzel usa a máquina investigativa do Rio para tentar envolver sua família em escândalos. O presidente e sua família vêm também subindo o tom há alguns dias, chegando a falar de saídas autoritárias para uma hipótese de “radicalização”

- **BOLSONARO SUGERE LUGAR DE EXECUÇÃO DA DITADURA PARA SERVIDORES PÚBLICOS**

Presidente mencionou 'ponta da praia', gíria usada na ditadura militar
01/11/2019

Jair Bolsonaro sugeriu que servidores de órgãos federais ambientais se destinem à “ponta da praia”, um local de execução da ditadura militar no Rio de Janeiro.

"Eu tenho ascendência, porque os diretores, o presidente têm mandato, porque se não tivessem, eu cortava a cabeça mesmo. Quem quer atrapalhar o progresso vai atrapalhar na ponta da praia, aqui não", disse o presidente durante transmissão feita em suas redes sociais.

Bolsonaro falava sobre a dificuldade do dono da Havan, Luciano Hang, conseguir uma licença ambiental para construção de uma loja da rede em Rio Grande (RS).

"Ponta da praia" foi uma gíria usada por militares no tempo da ditadura para se referir a uma base da Marinha na Restinga de Marambaia, no Rio de Janeiro. O local era usado para a execução de presos políticos.

• **Por que Bolsonaro está se adiantando e blindando seus filhos?**

<http://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/280112/por-que-bolsonaro-esta-se-adiantando-e-blindando->

<s.htm?fbclid=IwAR0z35yzVUiZ0f3O5JfcwwdoSJTqLOZz6ju0bIoDekxEqtW0M1662qweqGA>

Maria Cristina Fernandes avalia que, ao tentar desmontar narrativas, o presidente brasileiro constrói outra, que depõe contra ele e sua família. Bolsonaro fez nada menos que 18 menções aos filhos e à família em vídeo de defesa que levou às redes sociais. Detalhe é que nenhum dos filhos, em momento algum, foi citado na reportagem da TV Globo, alvo do vídeo.

• **Tomaz Wonghon –Ponta da praia FB 3 NOV**

PARA QUEM NÃO SABE LER NAS "ENTRELINHAS"...

(e desconhece o "jargão" militar na ditadura)

"Ponta da praia" foi uma gíria usada por militares no tempo da ditadura para se referir a uma base da Marinha na Restinga de Marambaia, no Rio de Janeiro. O local era usado para a execução de presos políticos.

..."Eu tenho ascendência, porque os diretores, o presidente têm mandato, porque se não tivessem, eu cortava a cabeça mesmo. Quem quer atrapalhar o progresso vai atrapalhar na ponta da praia, aqui não"..

(Declaração de Jair Bolsonaro em suas redes sociais sobre Órgão e Fiscais Ambientais)

• **Milton Saldanha – Nunca mais... FB 24 NOV**

Os alemães que apoiavam Hitler não percebiam que seus filhos, ainda adolescentes, acabariam convocados para a guerra. Para morrer. Ou voltar inválidos. No mínimo mentalmente.

É um processo similar que estamos vivendo no Brasil. Quando a política se baseia no ódio e não em teses construtivas, a cegueira coletiva toma conta. Não se trata nem de ideologia. Apenas de perceber que direitos duramente conquistados, ao longo de décadas, estão sendo eliminados com um simples canetaço. Sem discussão prévia com quem será prejudicado.

Quando acordarem, o desmonte estará consumado. Para reconstruir será um novo parto, longo. Ou talvez nunca mais se recupere . Só que

o fanático nunca vai admitir que teve responsabilidade nisso. Como aconteceu na Alemanha. Depois da guerra, quem sobrou afirmava que apenas cumpriu ordens. Aqui, no futuro, certamente vão dizer que foi o demônio que se apossou das suas mentes. Também não tiveram nada com isso.

- **FAKE NEWS PODE ANULAR ELEIÇÃO**

https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/fux-diz-que-justica-pode-anular-eleicao-se-resultado-for-fruto-de-fake-news-em-massa.ghtml?fbclid=IwAR0Tf55_74oPw1UrfVRpuFMUUKN-a1TTVXc1X1MhrBKG_y9ni45v26hZQMM

PARTE I – Contexto

1. Manifestações sociais e novas mídias: a construção de uma cultura contra-hegemônica

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792014000300009

M.Castels

Caderno CRH

Print version ISSN 0103-4979

Cad. CRH vol.27 no.72 Salvador Sept./Dec. 2014

<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792014000300009>

Paulo Rodrigues Gajanigo^I; Rogério Ferreira de Souza^{II}

^IDoutor em Ciências Sociais. Professor da Universidade Federal Fluminense (UFF). Líder do Núcleo de Estudos da Cultura no Capitalismo Tardio. Membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e Marxismo (Niep-Marx). Rua José do Patrocínio, nº 71, Centro. CEP: 28010-385. Campos dos Goytacazes - Rio de Janeiro - Rio de Janeiro. gajanigo@gmail.com

^{II}Doutor em Ciências Sociais. Professor Programa de Pós-graduação em Sociologia do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ-UCAM). Coordenador do Laboratório de Estudos da Cidade e Cultura, IUPERJ-UCAM (LECC), junto ao CNPq. Praça Pio X, n. 7. Cep: 22040-020. Candelária - Rio de Janeiro - Rio de Janeiro. rogeriosouza@iuperj.br

RESUMO

O artigo analisa algumas manifestações sociais que surgiram pelo mundo a partir de 2008, em especial no Egito, na Espanha, nos EUA, no Chile e no Brasil. O nosso interesse está no impacto, nessas manifestações, do uso das redes sociais, já razoavelmente inseridas num contexto de intensa mediação na comunicação entre manifestantes e na opinião pública em geral. Analisamos dois aspectos: o impacto na organização desses movimentos e o uso cada vez mais central das imagens como forma de comunicação. Com a preocupação de identificar pontos de novidade mais do que analisá-los profundamente, indicamos que há interessantes possibilidades de luta contra-hegemônica a partir do uso extensivo e intensivo das mídias sociais, o que se dá pela busca da democracia radical e pelo uso crítico da imagem.

Palavras-chave: Internet. Mídias sociais. Hegemonia. Movimentos sociais. Política.

Neste artigo, propomo-nos a avaliar, a partir das manifestações que ocorreram a partir de 2008, quando já se consolidara o uso das redes sociais virtuais,¹ como a mediação de tais redes tem impactado a dinâmica das manifestações. É evidente que, por ser um processo recente e pelo escopo de um artigo, esses impactos não poderão ser avaliados em detalhe. Antes, queremos destacar dois pontos que ajudam nas problematizações futuras do tema. Primeiro, trataremos de como as novas tecnologias de comunicação passaram a exercer papel importante na mediação e organização das manifestações sociais, buscando destacar o sentido do "novo" nessas manifestações, através de coletivos em redes;² segundo, abordaremos o impacto, nas formas de comunicação e publicização, particularmente da centralidade dos usos das imagens como forma de expor as bandeiras e fortalecer politicamente a luta dos sujeitos de tais manifestações. Nossa preocupação ao avaliar esses impactos, ainda que inicialmente, é pensar as possibilidades e impossibilidades existentes na configuração da uma luta contra-hegemônica.³

Para tanto, dialogaremos com uma visão mais pessimista sobre o uso amplo das mídias sociais e suas consequências políticas. No que diz respeito ao formato, pode-se argumentar que esses movimentos organizados pelas redes sociais virtuais são inócuos, já que eles estariam fadados à fragmentação e ao espontaneísmo, o que constitui um obstáculo à luta política de fato. Aqui se contrapõem esses movimentos aos movimentos clássicos da classe trabalhadora, que fazem uso de instituições políticas, como partidos, sindicatos e associações. As redes sociais virtuais, portanto, não se enquadram nas formas organizativas experimentadas até agora. Aqueles que apontam exclusivamente para essas formas consagradas, ao pensar a eficácia das mobilizações, resistem a ver uma capacidade de luta contra-hegemônica com a mediação das redes virtuais. De fato, as novas mobilizações deslocam o local tradicional do enunciado na sociedade capitalista, redimensionando a importância da função organizadora das instituições políticas. Por trás dessa perspectiva, há uma visão mais geral de que as relações criadas pelas redes virtuais são de natureza frágil, o que impediria os vínculos fortes necessários à política. É o que defendeu recentemente Malcolm Gladwell em *A revolução não será tuitada* (2010).⁴

No sentido midiático, a larga bibliografia sobre o caráter alienante da mediação imagética das relações sociais nos indica que a generalização do uso das novas tecnologias de comunicação e das redes sociais virtuais aprofundaria a espetacularização das relações sociais (e o caráter conservador e passivo desses sujeitos, denunciado por Guy Debord) e, portanto, impediria um uso político eficaz para aqueles que buscam a democratização da sociedade. Além disso, a sociabilidade mediada pelas redes sociais virtuais tem fortalecido, no primeiro impacto, a fluidez e efemeridade dos produtos das relações (imagens, mensagens). André Lemos (2007, p. 38) afirma que a cibernabilidade forma uma:

[...] subjetividade exteriorizada, desterritorializada, efêmera, empática [que] cria novos formatos sociais que visam compartilhar, à distância e em tempo real, a vida como ela é. A vida comum transforma-se em algo espetacular (atrai e prende o olhar) e ao mesmo tempo especular (reflete o olhar, o espelho). Não há histórias, aventuras, enredos complexos ou desfechos.

No entanto, o que vimos, nesses últimos anos, foi um uso positivo dessas novas tecnologias de informação e comunicação a serviço de um coletivo em rede (Scherer-Werren, 2006) no ciberespaço, na construção do movimento político. Se essa sociabilidade ganha em imediatismo, fluidez, efemeridade e fragmentação, interessa-nos saber como esses atributos estão sendo usados politicamente e como são enfrentados os obstáculos à politização.

A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA MEDIADA PELAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS

Inúmeros autores⁵ que estudam o processo de globalização e os movimentos sociais postulam que, a partir da década de 1990, com a expansão da Internet pelo mundo, foram surgindo novas formas de comunicação entre os indivíduos, como os *blogs*, as mídias alternativas e os diferentes sites de relacionamento (*Orkut, Facebook, Twitter*, entre outros), engendrando, assim, uma cibercultura, como classifica Lévy (2011). Tal mudança foi consequência do movimento social iniciado nos anos de 1970, que tinha como propósito a democratização e a universalização do uso do computador pessoal e da linguagem informacional.⁶

Segundo o autor, a partir desse momento "[...] o significado social da informática foi completamente transformado" (Lévy, 2011, p. 127), pois possibilitou que um número muito maior de pessoas tivesse acesso a esse meio técnico e de comunicação. Nesse sentido, o autor destaca que a disponibilidade da informática pessoal não foi fruto de uma decisão governamental nem de uma multinacional poderosa, mas de um "[...] movimento social visando à reapropriação, em favor dos indivíduos, de uma potência técnica que até então havia sido monopolizada." (Lévy, 2011, p. 127).

Os anos de 1990 também foram um período marcado por inúmeras manifestações e movimentos sociais antiglobalização, que reocuparam os espaços públicos em vários países. Tais movimentos seriam uma resposta ao agravamento da crise financeira global, que impôs

medidas severas de controle dos gastos públicos sociais, além de um alto índice de desemprego em grandes economias, como a dos EUA e a de países da Europa.

Assim como Pierre Lévy, Manuel Castells também destacou que o mundo, a partir da década de 1970, passou a experimentar uma nova forma de sociabilidade, de comunicação e integração política, social e econômica, o que foi denominado pelo autor de "sociedade em rede". Castells (2001b) observou que, no bojo das transformações tecnológicas que deram amplitude à globalização, possibilitou-se, também, o surgimento de novas manifestações e movimentos sociais no cenário político internacional, que exigiam mudanças no discurso político e cujo conteúdo passava das questões socioeconômicas da desigualdade social para a desigualdade cultural, ou seja, o discurso da diferença. Grande parte desses movimentos buscou incorporar, em seus discursos políticos, a valorização das identidades e suas singularidades, do direito à expressão de novas ou diferentes formas de ver e estar no mundo e de uma política de tolerância às diferenças.

Nesse processo, boa parte dos partidos políticos, em sua maioria partidos de esquerda, procurou incorporar discursivamente, em suas plataformas partidárias, as políticas de tolerância às diferenças sociais, culturais e identitárias. Em certo sentido, uma nova ordem democrática foi estabelecida no âmbito das demandas sociais e culturais, na qual um conjunto maior de exigências foi imposto ao modelo de democracia representativa partidária; um sentido de democracia mais dilatado e abrangente, porém, mais fragmentado. Como salienta Maria da Gloria Gohn (2007, p. 124), ao tratar dos novos movimentos sociais: "[...] são novos porque não têm uma clara base classista, como nos velhos movimentos operários ou camponeses; e porque não têm um interesse especial de apelo para nenhum daqueles grupos. São interesses difusos".

Isso, no entanto, não foi forte o suficiente para deslocar o local do enunciado determinante, ou seja, as instituições políticas (partidos, sindicatos, associações etc...). Elas ainda se localizavam como agentes do enunciado e suas estruturas como os locais dos enunciados predominantes. Assim sendo, mesmo com as grandes manifestações antiglobalização que marcaram os anos de 1990 até os primeiros anos da década de 2000, a lógica das ações sociais dos movimentos, ao fim e ao cabo, em grande parte, permaneceu pautada pela lógica das organizações políticas - filiação partidária, filiação sindical, eleições representativas, governabilidade com maioria no parlamento etc. Na América Latina, vimos como o caldo político dos movimentos antiglobalização, expressados, por exemplo, no Fórum Social Mundial, foram capitaneados pelos partidos de esquerda a partir de 2002, com a eleição vários presidentes vinculados aos partidos de esquerda, como é o caso do Brasil, com a eleição e reeleição de Lula. Assim também foi na Argentina, na Venezuela, na Bolívia e no Peru.⁷ Grande parte desses presidentes eleitos e seus partidos participou do Fórum Mundial Social e dos movimentos antiglobalização. Suas plataformas e promessas de governo se pautaram em um viés contra-hegemônico ao capitalismo mundial e às políticas econômicas dos organismos internacionais - Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial etc. As transformações sociais e as demandas por direitos identitários, que teriam sido a tônica política desse período, seriam transformadas em plataformas de políticas partidárias discutidas no âmbito parlamentar, juntamente com questões de Estado e Economia. Seria, nos termos de Gramsci, uma Revolução Passiva, pois, apesar das grandes propostas sociais, em detrimento da política econômica anteriormente prioritária, faltou uma radicalidade nas ações, capaz de transformar o Estado em um Estado renovado, pois ela manteve o seu caráter inacabado, já que as alianças com os setores tradicionais e conservadores e com a alta burguesia financeira foram mantidas. O que se deu, *grasso modo*, foi um deslocamento do foco discursivo, da economia para o social.⁸

Surge, nesse período, o que Francisco de Oliveira (2007) aponta como a "A Era da indeterminação", pois, apesar das conquistas políticas da esquerda partidária e a mudança discursiva para o campo das demandas sociais, a crise econômica e o sentimento de incerteza e de insatisfação não foram dissipados, principalmente pelos jovens. É nesse contexto e em paralelo a tantas mudanças nos rumos políticos e nas demandas dos movimentos sociais, que vimos surgir inúmeras manifestações, principalmente de jovens insatisfeitos com as condutas políticas tomadas pelos governos democráticos e com o próprio modelo de democracia participativa. Munidos de uma inventividade própria da juventude e de um ferramental

tecnológico capaz de unir grupos de indivíduos heterogêneos, esses movimentos passaram a tomar os espaços públicos como palco de manifestações contra os modelos de democracia participativa, incapaz de minimizar a desigualdade social e impedir o avanço do capitalismo financeiro no mundo globalizado.

Desde início, o caráter contra-hegemônico esteve presente nesses movimentos, principalmente com as mobilizações em torno da repulsa à globalização e ao modelo neoliberal dos anos de 1990, que instituíam, hegemonicamente, um consenso economicista à vida social, um consenso moral e cultural, ideologicamente propagado pelos organismos internacionais. Tais organismos - Fundo Monetário Internacional, Organização Mundial do Comércio, Banco Mundial e o G8 (Grupo que reunia os oito países mais ricos) - defendiam uma agenda de política global com forte ênfase no livre comércio internacional, na globalização econômica, nas finanças e na desregulamentação do Estado, e foram eles os principais focos das manifestações.

As formas de manifestação se mesclaram em desobediência civil e ações lúdicas, carnavais e protestos, atividades em redes sociais virtuais, sites e blogs, ou em ações diretas nos espaços públicos. Dentre esses primeiros movimentos jovens, destacam-se o *Reclaim the Streets* (RTS), a Ação Global dos Povos, *Critical Mass*, entre outros que buscaram, através da ressignificação de formas antigas de manifestações, como passeatas e comícios, trazer à cena pública internacional um protesto em forma de carnaval de rua. Segundo relatos dos membros e organizadores desses movimentos, sua essência estava na "[...] valorização da autonomia e espontaneidade dos participantes" (Freire Filho; Cabral, 2008, p. 175-181). De acordo com os estudos sobre esses movimentos, muitos buscavam se apropriar de formas culturais simbolicamente instituídas e subvertê-las, como no caso dos carnavais ou festivais oficiais, que possuem suas regras e datas estabelecidas pelas autoridades, mas que, nas manifestações do RTS, se transformavam em "protestival", movimentos diferenciados e caóticos, como afirmam Freire Filho e Cabral (2008, p.180), ao relatar a fala de um dos membros do RTS:

[...] enquanto os festivais oficiais são organizados dentro de preceituadas linhas retas e retangulares, as festas do RTS são vórtice que envolve as centenas e milhares de participantes (homens, mulheres, jovens e crianças) num estado "incontrolável de caos criativo", capaz de romper com a "obsessão cultural pela linearidade, ordem e regularidade, evidenciada pelas estradas e pelos carros".

Outras características que marcaram profundamente esses movimentos foram a larga utilização de ações performáticas nas manifestações, a ocupação dos espaços públicos e o uso das novas mídias e redes de relacionamento sociais para divulgação e publicização das imagens das manifestações e ocupações. As novas tecnologias de informação e comunicação, atreladas às novas mídias e às redes sociais virtuais, passaram a ser utilizadas como mecanismos de aglutinação e convocação dos participantes, estabelecendo um caráter diferenciado dos movimentos sociais anteriores e formando um coletivo em rede, conectado no ciberespaço, heterogêneo e múltiplo, como afirmam Ortellado e Ryoki (2004, p. 17), pesquisadores que estudaram o movimento Resistência Global no Brasil:

Uma das características mais distintivas do nosso movimento, em oposição àquele dos anos de 1960 e 1970, é a forma de organização por redes. [...] Redes não são organismos com uma estrutura organizacional definida ou com posições uniformes - elas são flexíveis, fluidas, plurais e descentralizadas. Redes são uma forma relativamente nova de associação, na qual as "partes" (que podem ser indivíduos, organizações ou mesmo outras redes) se unem para perseguir objetivos específicos, respeitando apenas princípios gerais acordados.

Além disso, Ortellado e Ryoki (2004) identificaram que o movimento da Resistência Global no Brasil inspirou-se nos acontecimentos de 1999, com os protestos antiglobalização realizados em Seattle. Segundo os autores, o grupo buscou uma forma de mobilização ampla e autônoma para os protestos contra o FMI e o Banco Mundial em 2000 na cidade de São Paulo, excluindo a participação dos partidos políticos:

Foi mais ou menos com a imagem de Seattle em mente que buscamos construir uma mobilização ampla e autônoma para os protestos contra o FMI e o Banco Mundial em São Paulo no dia 26 de setembro (S26). Fizemos um esforço grande para mobilizar movimentos sociais amplos, mas procuramos restringir a participação dos partidos políticos que têm um amplo e unívoco histórico de aparelhamento dos movimentos. Com o passar do tempo, no entanto, ficou claro que nosso movimento seria formado, sobretudo, por ativistas de grupos contraculturais e socialistas libertários, dos movimentos estudantil independente e ecologista radical e da parte jovem e radical dos movimentos feminista e gay. A partir desse núcleo de ativistas que participaram da organização, mobilizávamos um contingente fluido de jovens de diferentes grupos e pontos da cidade (Ortellado e Ryoki, 2004, p. 11).

Outro meio muito utilizado por grupos e movimentos sociais foram os blogs e sítios, ou seja, locais de espaço disponível na Internet que permitissem a publicação de artigos, opiniões, agendas e informações sobre ações e manifestações públicas. Em geral, buscavam uma autonomia em relação às instituições políticas tradicionais, como partidos políticos e sindicatos. Alguns desses blogs apresentavam discursos de repulsa ao sistema político como um todo, como é o caso do Blog Provos.Brasil (s/d), que adverte todos aqueles que o acessam: "Aviso: as pessoas que alimentam esse Blog são apolíticas. Não acreditamos em políticos brasileiros e muito menos nos partidos políticos. Logo, não defendemos nenhum deles exceto sua destruição".

O caráter aparentemente anárquico desses movimentos corresponde à descrença quanto ao sistema político da democracia representativa e seus atores tradicionais, o que levou a uma ausência de lideranças políticas. Muitos desses grupos se colocam como um conjunto de indivíduos e grupos de indivíduos que buscavam compartilhar um espaço comum, sem haver uma plataforma política definida por lideranças. Como apontam Ortellado e Ryoki (2004, p. 19):

Não se tratava de uma rede de grupos que tinham posições definidas e se coordenavam, mas de um espaço onde grupos e indivíduos coabitavam de forma sobreposta e entrecruzada. Isso, na verdade, expressava uma tendência mais ampla dos próprios grupos de se estruturarem cada vez mais como redes e se tornarem eles também cada vez mais fluidos e indefinidos. Isso trazia, tanto para o âmbito da rede quanto para o âmbito dos grupos, novos desafios e questões.

Pierre Lévy (2011) argumenta que a forma de estruturação dos movimentos sociais em rede no ciberespaço assume um aspecto particular quanto ao conteúdo e quanto à forma. Não há a rigidez de uma causa única e a necessidade da fixidez de uma identidade política e cultural dos grupos. Para o autor, as relações dos grupos no ciberespaço são autônomas em um movimento contínuo e heterogêneo.

Está claro, o movimento social e cultural que o ciberespaço propaga, um movimento potente e cada vez mais vigoroso, não converge sobre um conteúdo particular, mas sobre uma forma de comunicação não midiática, interativa, comunitária, transversal, rizomática. Nem a interconexão generalizada, nem o apetite das comunidades virtuais, nem tampouco a exaltação da inteligência coletiva constituem os elementos de um programa político ou cultural no sentido clássico do termo. E ainda assim, todos os três talvez secretamente movidos por dois "valores" essenciais: a autonomia e a abertura para alteridade (Lévy, 2011, p. 134).

Essa característica de autonomia e sentimento de alteridade engendra um movimento de autoexpressão individual, originando os boicotes individuais. Indivíduos isoladamente iniciavam um movimento de boicote a determinado produto, marca, empresa, programa de tevê, jornal, celebridade etc. As ações independiam de organização ou discussão prévia sobre o tema; bastava alguém postar nas redes sociais virtuais um manifesto de repulsa ou denúncia sobre determinado fato, que imediatamente vários outros indivíduos aderiam ao boicote manifestando-se a favor da causa. Desse modo, imagens fotográficas, vídeos, frases, depoimentos, abaixo-assinados, entre outros, passaram a circular no ciberespaço, deslocando o sentido e o lugar do enunciado político, provocando manifestações e mobilizações diversas, em uma velocidade até então não experimentada pela sociedade. Tal processo trouxe à cena um tipo de ativista sem causa específica determinada, mas com uma forma de identificação

com os problemas apresentados pelos outros, fomentando um processo de alteridade e solidariedade. Se, por um lado, esse momento demonstrou ser um processo de individualização⁹ e narcisismo consumista, por outro lado e dialeticamente, fomentou-se uma interconexão maior entre os indivíduos em escala global, ocasionando um sentimento de solidariedade mútua.

Desse modo, o que se busca destacar é o tipo de ação que o ciberespaço proporcionou aos indivíduos, tenham eles ideais de esquerda ou conservadores. A fala do sujeito enunciador e o lugar do enunciado deslocaram-se, provocando mudanças significativas. O lugar ocupado pelo enunciado - político, intelectual, ambientalista ou econômico -, com o advento do ciberespaço e com a cibercultura, passou a ser tensionado por sujeitos heterogêneos e múltiplos, dissonantes e multifacetados, portadores de mecanismos de mobilização também múltiplos, proporcionados pelas novas tecnologias de informação e comunicação. Assim sendo, uma manifestação pode ser acionada por um celular a qualquer momento, em qualquer lugar, por qualquer motivo. O deslocamento do lugar do enunciado subverte os lugares hegemônicos da fala (grande mídia televisiva, jornais, sindicatos, partidos políticos etc.), e o surgimento de outro ator que enuncia, traz à cena o ciberativista que ressignifica uso das imagens e das informações, subvertendo pautas e impondo agendas.

Apesar das estruturas fluídas, autônomas e multiformes que o ciberespaço e a cibercultura constituíram, elas fizeram teóricos, como Zygmunt Bauman (1999; 2009), apresentarem uma crítica cética quanto aos indivíduos globalizados em uma sociedade voltada unicamente para o consumo. Presenciamos, nesta década, com o agravamento da crise econômica e financeira em 2008, o surgimento de inúmeras manifestações e mobilizações sociais voltadas para causas radicalmente democráticas. São causas politicamente contra-hegemônicas, que propõem novas agendas políticas, éticas e morais, exigindo novos rumos e formas para a democracia e para as políticas econômicas e sociais. Tais movimentos e manifestações foram mobilizados por um contingente majoritariamente jovem, como no caso dos movimentos *Occupy*, nos Estados Unidos, dos Indignados, na Espanha, o movimento estudantil no Chile, e a grande mobilização dos jovens na Praça Tahrir, no Egito, que ficou conhecida como Primavera Árabe, além de inúmeros outros movimentos em várias regiões do mundo. Apesar das diferenças e especificidades históricas e políticas de todos esses movimentos, o que se pode dizer é que a presença dos jovens, a radicalidade das propostas e os meios e formas de mobilização apresentaram um conjunto de similitudes, o que já pôde ser visto nas primeiras manifestações contra a globalização no início da década de 1990, mas que tomou outras proporções e magnitudes com o agravamento da crise econômica mundial.

Nesses últimos dois anos, os movimentos e manifestações sociais contra o modelo econômico dos países centrais se acentuaram e tomaram novas direções. Além do que já havíamos presenciado na década de 1990, com as grandes manifestações de rua, dos carnavais, protestos, além do enfrentamento dos jovens com as autoridades policiais, os novos movimentos e manifestações sociais partiram para uma tática ocupacional do espaço público. Tais espaços são carregados de significados, como é o caso da ocupação de Wall Street, Nova York, em 2011, que, simbolicamente, representa o centro do capital financeiro mundial. Tal movimento de ocupação apontava para uma mudança no conteúdo dos movimentos sociais que ali atuavam. Diferentemente do que ocorreu na década de 1980, como foi demonstrado por Castells (2001b), esses novos movimentos não se fragmentam em lutas isoladas por identidades, etnias, de gênero etc. Eles lutam por uma causa comum, ou seja, contra o modelo econômico capitalista financeiro e contra a forma de democracia representativa. Seja nos EUA, seja nos países europeus, seja na América Latina, a insatisfação contra um sistema político e econômico foi a tônica desses novos movimentos, e a ocupação de praças, avenidas, prédios e espaços públicos carregados de significados foi a expressão da indignação crítica ao modelo hegemônico ideologicamente liberal, que centralizou grande parte das discussões políticas, sociais e econômicas das últimas quatro décadas.

Segundo Maria da Gloria Gohn (2012), esses novos movimentos sociais de ocupação passaram a transformar o enunciado das manifestações sociais, trazendo, para esfera pública, "problemas da vida cotidiana" que, devido ao caráter hegemônico do capitalismo financeiro globalizado, atingem invariavelmente todos os indivíduos no mundo. Ou seja, desemprego, salários, educação, serviços sociais, saúde, moradia etc. deixaram de ser problemas

particulares das sociedades periféricas, pois atingem, em maior ou menor grau, todas as sociedades.

Eles (os movimentos) estão repolitizando as demandas socioeconômicas e políticas, independentemente de estruturas partidárias, tendo como um dos focos a oposição ao mercado financeiro, especialmente ao capital especulativo que atua em escala global e as grandes corporações financeiras.

Passaram da crítica à globalização (ou alterglobalização) para a negação da globalização e seus efeitos sobre a economia e o social, especialmente após a crise econômico-financeira de 2008 (Gohn, 2012, p. 24).

Outro ponto importante nesses novos movimentos e grupos sociais é o consenso em torno do discurso de insatisfação quanto às estruturas econômicas e políticas tradicionais que organizam a sociedade contemporânea. Esses novos atores sociais utilizam seus sites, blogs e redes sociais para divulgar outro discurso e outra possibilidade de viver no mundo, outra maneira de experimentar a democracia. E, nesse sentido, o blog do movimento @ocupadopovos,¹⁰ em seu manifesto, é um claro exemplo:

Somos pessoas normais, pessoas como você, trabalhador@s, estudantes, desempregad@s, aposentad@s; vivemos no Brasil ou em outros países e independente da nossa situação, estamos unidos por um pensamento comum: mudar o sentido que a nossa sociedade está tomando, lutar contra a degradação da nossa condição de vida.

Somos uma organização social que *não está vinculada a nenhum partido político, sindicato ou empresa*; somos um grupo livre e independente, formado por pessoas correntes, que unem forças por um objetivo comum, uma democracia real e participativa, onde a sociedade é a prioridade, e não os mercados ou governos.

Por alguns somos considerados progressistas, por outros conservadores, muitos com ideologias bem definidas e tantos outros que se consideram apolíticos, mas todos estamos preocupados e indignados com o panorama político, econômico e social que vemos ao nosso redor. Pela corrupção da classe governante, pela ganância das empresas, pela falta de ética dos bancos e pela indefesa do cidadão que vai a pé e sozinho.

Chegou a hora de combater tanta injustiça, tanto desequilíbrio, e a única forma de conseguirmos é através da união entre toda a sociedade, não para lutar por um partido ou um político, mas sim por mudanças reais do atual sistema econômico e político.

Precisamos de união, precisamos deixar as bandeiras, precisamos deixar de pensar que a política tem de ser representada, podemos decidir por nós mesmos.

As prioridades de qualquer sociedade avançada têm de ser a igualdade, o progresso, a solidariedade, o acesso livre à cultura e educação, à sustentabilidade ecológica, ao bem-estar.

Existem direitos básicos que deveriam estar cobertos nestas sociedades: direito à moradia, ao trabalho, à cultura, à saúde, à educação, à participação política, ao livre desenvolvimento pessoal.

O atual funcionamento do nosso sistema econômico e político (sistema representativo) não atende a estas prioridades sociais e é um obstáculo para o progresso da humanidade.

A democracia parte do povo (demo=povo; cracia=governo); assim é que o governo deve ser, do povo. Por outro lado, neste país, a maior parte da classe política sequer nos escuta. As suas funções deveriam ser de levar a nossa voz às instituições, facilitando a participação política cidadã mediante canais diretos, procurando o maior benefício para o grosso da sociedade; mas o que eles fazem é enriquecer às nossas custas, atendendo tão somente aos grandes poderes econômicos; lutam apenas pelo poder, como uma disputa pessoal entre eles

mesmos, e nos impõem uma ditadura política partidária, que é encabeçada pelos mesmos políticos de sempre.

A ganância e a acumulação de poder nas mãos de poucos geram desigualdade e injustiça, a qual conduz à violência, algo que não aceitamos. O obsoleto e insustentável modelo econômico vigente bloqueia a máquina social em uma espiral que consome a si mesma, enriquecendo poucos e afogando na pobreza e na escassez a maioria da população, até que, por fim, tudo isso se colapse e, outra vez, sejamos nós os prejudicados.

A vontade e o propósito desse sistema é a acumulação de dinheiro, prioridade por cima da eficácia e bem-estar social. Mal gastando recursos, consumindo o planeta a uma velocidade insustentável.

Os cidadãos formam parte da engrenagem de uma máquina destinada a enriquecer uma minoria que não sabe e não quer saber das nossas necessidades; tudo que pode ser comercializado e mercantilizado será; a educação, a saúde e a cultura já estão à venda e tantos outros direitos seguem o mesmo caminho.

Somos anônimos, mas sem nós nada disso seria possível, porque somos nós que movemos o mundo. Como sociedade, aprendemos a não confiar o nosso futuro a uma abstrata rentabilidade econômica que nunca termina em benefício da maioria; juntos, podemos eliminar as carências que todos sofremos.

É necessária uma revolução ética, não podemos permitir que sigam colocando o dinheiro por cima do ser humano.

Por tudo isso, estou indignado.

Acredito que posso mudá-lo.

Sei que, unidos, podemos.

Sai com a gente, é o seu direito.

Entenda a diferença entre a política representativa (atual sistema político) e política participativa (sistema político que queremos).

(Manifesto - Democracia Real Brasil, s/d)

No âmbito das práticas e ações de mobilização dos indivíduos, esses novos movimentos sociais, tendo as redes sociais virtuais como instrumento, fizeram do ciberespaço o meio por excelência para a divulgação, principalmente com o uso de imagens, dos atos de manifestação e ocupação de espaços públicos como também o principal meio de mobilização e organização das manifestações e ocupações. As novas mídias, as redes sociais virtuais, os serviços de SMS¹¹ e similares foram ressignificados pela causa por esses novos atores e movimentos sociais. Ter um perfil no Facebook, no Twitter, ou um smartphone com serviços de Internet passou a representar mais do que um entretenimento para um indivíduo isolado em um mundo voltado para o consumo (Bauman, 2009), mas uma ferramenta útil e ágil para organizar, divulgar imagens e mobilizar um protesto ou uma ocupação.

Twitter, Facebook, YouTube, LinkedIn, Groupon, Zynga etc. são acionados principalmente via aparelhos móveis, como Blackberries, iPhones etc. Ferramentas do ciberativismo se incorporaram ao perfil do ativista. Saber se comunicar on-line ganhou status de ferramenta principal para a articulação as ações coletivas (Gohn, 2012, p. 24).

Além da grande utilização dos meios e ferramentas do ciberespaço, esses movimentos e grupos sociais buscam divulgar ao máximo suas ações e, para isso, a utilização da imagem

passou a ser estrategicamente fundamental. Documentar e transmitir *on line* as ações e manifestações nos espaços públicos foram a forma encontrada para mobilizar ainda mais um número cada vez maior de ativistas. No entanto, preocupados em enfrentar o sistema, em construir a contra-hegemonia, ao propor um novo lugar de discurso, de denúncia e de divulgação das lutas através de imagens no ciberespaço, esses movimentos se vêm obrigados também a enfrentar os efeitos negativos do uso da tecnologia. Se uma boa parte da organização e da divulgação do movimento é, agora, mediado pelo mundo virtual, os obstáculos ligados à virtualização das relações sociais passam a ser um problema também central para a eficácia desses movimentos e manifestações. Ou seja, até que ponto a virtualização e a divulgação de imagens no ciberespaço criou um espaço realmente alternativo para a luta desses movimentos e manifestações sociais? Qual o risco da espetacularização e banalização que o uso excessivo das imagens no ciberespaço pode trazer às lutas contra-hegemônicas? E, por fim, em que acepção o uso e o sentido das imagens podem deslocar o espaço hegemônico do consenso da grande mídia, permitindo outras interpretações e discursos?

ESPETACULARIZAÇÃO E ENGAJAMENTO: dilemas no uso da imagem

É perceptível que a expansão da internet como meio de comunicação e, em particular, a proliferação das redes sociais são mais água no moinho da espetacularização das relações. A "cultura da virtualidade real", como chamou Castells (2001a, p. 459), se constitui em um espaço de articulação do simbólico. O meio virtual permite que essa articulação seja realizada com uma maior autonomia frente à dinâmica do ser, ou seja, como um meio homogêneo de representações, o meio virtual não exige que as representações prestem referência constante ao real. Como exemplo, podemos pensar na construção da identidade pessoal nesse meio. As características reivindicadas não precisam se articular, de imediato com as características reais da pessoa - há um espaço de manobra que está ligado ao distanciamento temporal e espacial do mundo virtual em relação ao meio presencial. No meio virtual, portanto, a produção da imagem se torna tarefa ordinária no estabelecimento das relações sociais.

Na teoria de Guy Debord (2008), a imagem tem papel central no caráter conservador da espetacularização. Por mediar as relações entre as pessoas de forma a inverter a sequência ontológica entre o ser e o parecer, o espetáculo é, em si, alienante.

As imagens que se destacaram de cada aspecto da vida fundem-se num fluxo comum, no qual a unidade dessa mesma vida já não pode ser restabelecida. A realidade considerada parcialmente apresenta-se em sua própria unidade geral como um pseudomundo à parte, objeto de mera contemplação. A especialização das imagens do mundo se realiza no mundo da imagem autonomizada, no qual o mentiroso mentiu para si mesmo. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não vivo (Debord, 2008, p. 13).

Debord (2008) segue os traços gerais da visão de Adorno e Horkheimer (1995) sobre a indústria cultural. Para eles, a reificação da cultura, que seria advinda de sua mercantilização, torna-se empecilho para o real desenvolvimento humano. Essa proximidade teórica explica a sensação pessimista que temos ao ler tantos os escritos de Debord ou de Adorno e Horkheimer sobre a dinâmica da cultura no capitalismo. Não parece haver caminho, dentro dessa dinâmica, para lutas e disputas de significados.

A positivação das imagens atinge uma proporção extrema na vida social com as redes sociais virtuais. Se, de um lado, agora todos produzem imagens, cada vez mais as nossas particularidades são conectadas dentro de um ambiente de indiferenças (como afirmou Adorno, ambiente das trocas injustas e da cultura indiferenciada). As manifestações tinham sua sociabilidade dentro de uma estrutura, como já tratamos no item anterior. A imagem não precisava dizer nada além do que expor as bandeiras e os apoios que tais bandeiras têm. De um lado, os manifestantes tinham pouco poder na produção da imagem, podiam apenas oferecer possibilidades para as imagens que entrariam no circuito da mídia; de outro, o apelo ao apoio se dava em relações não dominadas pelas imagens, mas sim nas estruturas

organizativas, como sindicatos, partidos, movimentos. As imagens, nas manifestações atuais, passam a ter importância central: são formas de comunicação produzidas pelos próprios sujeitos; e, ao mesmo tempo, jogam a especificidade de certa luta no mar indiferenciado da sociedade do espetáculo.

No âmbito político, surge, então, um problema crucial. Como intervir na forma de organização da sociedade, influenciar posições de maneira crítica ao *status quo*, num meio que pasteuriza as posições, aplica um denominador comum a todas as visões sobre organização social (onde comunismo e anarquismo se parecem mais com modismos e menos com posicionamentos radicais)? A solução está em romper com a "regularidade ou normalidade" cotidiana, o que para Wilson Gomes (2004, p. 307), "... é [...] a concatenação de eventos e objetos da realidade em conformidade com as expectativas habituais". No cotidiano, "[...] ainda que a percepção da homogeneidade dos ritmos e relações do real seja fundamental para que os seres humanos normais organizem suas ações, a regularidade como que arrefece a curiosidade, enfraquece a atenção, dispensa a memória".

A política exige persistência no tempo, pois a duração temporal dos vínculos tem relação com a possibilidade de alterações mais profundas da organização social. Nesse sentido, os manifestantes, ao produzirem e divulgarem as imagens de suas manifestações políticas, estão dentro de uma tensão inerente à sociedade do espetáculo, que se dá entre a singularização do evento e o desgaste de sua imagem. Como, há tempos, afirmou Susan Sontag (2004, p. 196):

Consumimos imagens num ritmo sempre mais rápido e, assim como Balzac suspeitava que as câmeras exauriam camadas do corpo, as imagens consomem a realidade. As câmeras são o antídoto e a doença, um meio de apropriar-se da realidade e um meio de torná-la obsoleta.

Torna-se fundamental a estratégia do choque, para usar um termo de Walter Benjamin (2012). O choque seria um desdobramento da sensibilidade moderna, da forma necessariamente distraída em que vivemos, dado o excesso de estímulos que sofremos no cotidiano moderno. O choque é a forma de abertura para a atenção. Na luta política, há também essa busca:

[...] a atenção e a memória são acionadas diante de fatos e fenômenos que frustrem as expectativas, introduzindo um ritmo inesperado ou uma conexão não habitual. Nesse caso, o organismo como que desliga o piloto automático e reassume o comando, diante do sobressalto criado pela constatação de que alguma coisa está fora da ordem, alguma coisa supera a medida, alguma regra foi burlada. De forma que, se for possível introduzir, por artifício, uma alteração no horizonte de expectativas, se for possível provocar uma ruptura na regularidade, então será possível capturar, por arte, a atenção e a memória (Gomes, 2004, p. 307).

No entanto, apenas o choque não garante a crítica social e política. Tudo pode acontecer como ocorre no cinema hollywoodiano ou no mundo da publicidade. Choques seguidos de apaziguamento, uma lógica da insegurança ou segurança que busca uma variação sentimental, que gera divertimento e tem como produto final o alívio. A luta por mudanças sociais radicais deve enfrentar esse modelo; deve, a partir do choque, criar um incômodo de difícil dispersão.



Daia Oliver/R7

Foto veiculada no blog UFOP em luta, sem créditos: <http://ufopemluta.wordpress.com/fotos-e-videos/#jp-carousel-104>

Parece-nos que a experiência das novas tecnologias de informação e comunicação no ciberespaço e das redes sociais virtuais tem sido vivida com certa consciência dos obstáculos à efetivação de reivindicações por parte dos movimentos sociais. De forma que é possível perceber, em sua produção imagética, tentativas de enfrentamento e superação dessa tensão. Vejamos dois casos que ilustram o dilema presente hoje para os movimentos e manifestações sociais.

Os cartazes se referem a uma música que tem feito muito sucesso no Brasil "Tchu Tcha Tcha". Na letra, diz-se que se quer "Tchu", se quer "Tcha". A força do cartaz está em rejeitar o que a música propõe (como uma clara crítica ao caráter banal da música) e afirmar uma reivindicação considerada mais importante. Ainda que haja, na produção do cartaz, uma crítica à alienação (ou seja, ao tipo de música da indústria cultural), o que nos interessa aqui é outra perspectiva. Por ser um diálogo com um produto de consumo de massas, esse cartaz é reproduzido com o mesmo impulso que o próprio produto. Mas sua ressignificação e sua desterritorialização permitem tal reprodução. O efeito é que as imagens produzidas são facilmente confundidas; não sabemos mais ao certo onde vimos tal cartaz, sobre o que era, e quais os desdobramentos daquela manifestação. Nessas fotos, busca-se principalmente reproduzir a própria manifestação, transferindo para o meio virtual a exposição das reivindicações, o que ocorreu primeiro nas ruas. Como reprodução, essas fotos se preocupam em deixar à vista, como pano de fundo, a rua e os manifestantes, de forma a nos transmitir a ideia de que estamos vendo exatamente o que aconteceu.

No entanto, a imagem, na sociedade do espetáculo, não só produz desgaste. Cremos que a novidade das redes sociais virtuais - que permitem a circulação da produção de mídias pelos próprios manifestantes - impede uma aplicação plena da perspectiva de Debord ao caráter conservador da espetacularização. Se o espetáculo é uma relação social mediada por imagens, talvez caiba pensarmos também se relações sociais diferentes mediadas por imagens terão o mesmo caráter conservador. Ou seja, com a produção das imagens não só pelas grandes empresas de mídia, não podemos pensar numa mudança na caracterização política do espetáculo? Sem identificar essa possibilidade, estamos fadados a sobrepor os aspectos da tecnologia à política.

Outro exemplo mostra uma estratégia mais instigante, que permite que pensemos a questão da espetacularização com mais abertura.

A primeira imagem se reporta à luta pela manutenção de uma ocupação urbana (conhecida como Pinheirinho), na região metropolitana de São Paulo, ameaçada com um mandato de reintegração de posse. De um lado, a imagem capta a disposição real de luta desses moradores em enfrentar o anunciado despejo. Apesar do acento quixotesco, esses moradores empunham armas reais (paus, capacetes, escudos improvisados) e parecem dispostos a enfrentar fisicamente a polícia. No entanto, sua força política está na composição imagética. Ao apresentar um moderno exército de Brancaleone, eles afirmam, em vez da força física de suas armas, sua fraqueza, a desigualdade entre os moradores e os aparatos policiais. Uma caricatura que busca constranger o uso da força policial. Sua tática é criar uma imagem que considera a relação espetacular; no entanto, é feita de forma a ironizar o uso da imagem como maneira de assustar o oponente, de supervalorizar sua força. Pelo humor, esses moradores criaram uma imagem que humaniza sua luta. E, por outro lado, a divulgação dessa imagem nas redes sociais virtuais buscava denunciar uma estrutura de opressão por parte do Estado.



Nilton Cardin/Folhapress

A segunda se refere às manifestações pela educação pública no Chile. Os estudantes, buscando a atenção midiática, se travestiram de super-heróis. Diferentemente da primeira, não há nenhum efeito relativo ao enfrentamento físico ao se vestir de super-heróis. Sua intenção está totalmente na produção da imagem. Há, como na foto anterior, uma representação quixotesca. Afirma-se, ao fornecer uma representação a crença na força da mobilização, apesar da aparente fraqueza. Ou seja, busca-se confrontar a força do governo, do *status quo*, com os superpoderes da mobilização e da conquista da opinião pública.



Victor Ruiz Caballero/Reuters

No que tange à produção da imagem, vemos um caminho interessante da luta contra-hegemônica dentro dessa sociedade espetacular: a imagem autorreflexiva, irônica. A ironia se realiza quando se estabelece uma diferença entre o dito e o que se quer dizer de fato. Frente a uma ironia, somos, por um momento, acompanhados em nossa esperança e, repentinamente, abandonados. A imagem do protesto, como forma de demonstração de força e grandeza, é o percurso básico, o que esperamos ao olhar para a imagem. No entanto, sofremos uma reviravolta quando se demonstra a força de maneira patética, seja se apegando a uma superforça ou a um evidente improviso.

Com esse processo, a produção da imagem é tematizada e, também, a própria espetacularização. Tenta-se não apenas chamar a atenção, mas destacar o fato de sua apreensão imediata. O que essas imagens parecem nos dizer é que, se a mercantilização da vida e a consequente espetacularização das relações sociais a têm banalizado, pasteurizando as representações, uma forma de enfrentar a banalização não é negar a forma espetacular, mas, de certa maneira, levá-la ao absurdo. O retrato dessa luta, numa estética realista, parece presa fácil do circuito desgastado das representações espetacularizadas - a imagem não se destacará das infinitas representações disponíveis nas redes sociais virtuais. A ironia particular à própria espetacularização parece ser um instrumento interessante, ao permitir um destaque (através da manipulação de representações), mas, ainda assim, não é feita sem oferecer um contato com o real - não se vestiram de super-heróis apenas para chamar à atenção, mas para revelar, reflexivamente, o jogo de forças desigual.

Esse período de intensificação dos usos das imagens não nos parece significar simplesmente o sufocamento das lutas sociais pela virtualização e espetacularização da vida. Ele deve ser lido, sobretudo, como uma virtualização das lutas sociais, o que desencadeia uma guerra de imagens. Nesse sentido, a cultura de contra-hegemonia, hoje, está se configurando também como uma cultura de imagens contra-hegemônicas. Antes de condenarmos a guerra virtual das imagens por ser feita num campo da espetacularização, temos de buscar entender, analisar a produção das imagens, que está sendo guiada pela intenção do subalterno, como se apresentam, quais suas opções estéticas, como se produzem.

Se considerarmos que essas imagens estão sendo produzidas num novo momento organizativo, outro aspecto se torna relevante. O deslocamento da enunciação, com o descrédito dos locais institucionalizados, abre campo para discursos que não encontram finalidade clara, ganhando um caráter predominantemente negativo. Na produção da imagem, essa abertura pode se distanciar ainda mais do caráter publicitário, espetacularizado. As imagens produzidas pelos movimentos recentes, com novas formas organizativas, estão numa posição privilegiada no desenvolvimento de imagens provocativas, incômodas, que não se obrigam a indicar conclusão, solução imediata (ou alívio) a esse incômodo, como uma

ideologia socialista, por exemplo.¹² O momento crítico às organizações institucionalizadas pode significar também um desenvolvimento intenso de imagens abertas, que lutam contra a espetacularização, cujo foco é a abertura, o incômodo que não precisa achar alívio imediato.

CONCLUSÃO

O fundamento de toda atividade crítica, portanto, deve se basear na capacidade de descobrir a distinção e as diferenças por baixo de toda superficialidade e aparentemente uniformidade e semelhança (Gramsci, 2007b, v. 6, p. 69).

Muito se teorizou sobre a subjetividade política dos jovens dos anos de 1990, de seu comportamento apolítico e alienado frente às grandes causas sociais. Muito se escreveu sobre a impossibilidade de um modelo político e econômico capaz de suplantar e substituir o binômio capitalismo globalizado e democracia representativa. Muitos deixaram de acreditar na radicalidade da ação social, nos movimentos sociais e na possibilidade da utopia socialista. Muitos acreditaram no fim da história; na individualização acentuada dos indivíduos atônitos e passivos, navegando sozinhos nas redes da Internet; no consumismo desenfreado como marca identitária na sociedade do século XXI. Muitos movimentos e partidos de esquerda aceitaram o jogo da governabilidade e do governo de coalizão, da primazia do mercado global e da enunciação hegemônica de que o capitalismo global e financeiro, juntamente com a democracia representativa, seriam as únicas soluções para as crises mundiais, sejam elas políticas, econômicas ou sociais. No entanto, o que passamos a presenciar e a experimentar na última década, principalmente nos últimos dois anos, foi a antítese de tudo isso. Mesmo em seu caráter inacabado, inconcluso e indeterminado, os novíssimos grupos e manifestações sociais de ocupação dos espaços públicos e simbólicos trouxeram uma nova perspectiva política e social; trouxeram de volta o sentimento de indignação e de insatisfação quanto ao *status quo* econômico da globalização financeira e seu modelo de democracia. Mostraram que é possível ressignificar os instrumentos midiáticos de controle e de produção do discurso hegemônico, assim como também é possível fazer uso da imagem como forma de divulgar outro discurso, outro enunciado, outra forma de fazer política contra-hegemônica, demonstrando ser possível exercer uma atividade crítica, romper com superficialidades dos discursos, propor, pautar e exigir outras demandas, ou outros sentidos para a vida em sociedade, mesmo que utópicos.

Reconhecemos a importância da crítica que os teóricos contemporâneos, como o filósofo Slavoj Žižek (2012), têm feito aos movimentos e manifestações sociais nos últimos dois anos, chamando a atenção para o que será feito no dia seguinte; para o perigo que os manifestantes e ativistas, principalmente os jovens, sofrem de se apaixonarem por si mesmos e de viverem apenas a experiência da ocupação e da manifestação como mais um evento entre tantos outros que o mundo atual pode oferecer; para a falta de planos programáticos e de uma teoria clara de como tomar o poder; e para o apeço aos sonhos utópicos de um socialismo libertário etc. Acreditamos que, com este trabalho, indicamos que pode existir algo "para além das esperanças perdidas". Buscamos identificar como as novas gerações vêm apresentando formas inovadoras de contestar o poder hegemônico e de que é possível pensar diferente. E que a democracia radical se constrói, como coloca Jacques Rancière (2006), pelo dissenso, pela crítica e pela indignação. Se a pergunta é "o que será feito no dia seguinte?", nos parece certo que é para esses movimentos que a pergunta deve ser dirigida, pois a palavra está com eles.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1995. [[Links](#)]

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. [[Links](#)]

_____. *Capitalismo parasitário*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2009. [[Links](#)]

_____. *A Sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009. [[Links](#)]

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: Zouk, 2012. [[Links](#)]

CANCLINI, Nestor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009. [[Links](#)]

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. In: *A era da informática: economia, sociedade e cultura*. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2001a. [[Links](#)]

_____. O poder da identidade. In: *A era da informática: economia, sociedade e cultura*. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2001b. [[Links](#)]

COELHO, Alexandra Lucas. *Tahrir: os dias da revolução no Egito*. Rio de Janeiro: Editora Língua Geral, 2011. [[Links](#)]

COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci: um estudo sobre o pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. [[Links](#)]

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008. [[Links](#)]

FREIRE FILHO, João; CABRAL, Ana Julia Cury de Brito. Contra-hegemonia e resistência juvenil: Movimentos mundiais de contestação da ordem neoliberal. In: COUTINHO, Eduardo Granja (Org). *Comunicação e contra-hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008. [[Links](#)]

GLADWELL, Malcolm. A revolução não será tuitada. *Folha de São Paulo*, 12 de dezembro de 2010. [[Links](#)]

GOHN, Maria da Gloria. *Teoria dos movimentos sociais*. São Paulo: Editora Loyola, 2007. [[Links](#)]

_____. A Revolução será tuitada. *Revista Cult*. n. 169. p. 23-27, 2012. [[Links](#)]

GOMES, Wilson. *Transformações da política na área da comunicação de massa*. São Paulo: Paulus, 2004. [[Links](#)]

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere: Os intelectuais. O princípio educativo*. Jornalismo. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. [[Links](#)]

_____. *Cadernos do Cárcere: Maquiavel, notas sobre o Estado e a política*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, v. 3, 2007a. [[Links](#)]

_____. *Cadernos do Cárcere: Literatura. Folclore. Gramática*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, v. 6, 2007b. [[Links](#)]

LEMOS, André. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM)". *Comunicação, mídia e consumo*. v. 4, n.10, p. 23-40, 2007. [[Links](#)]

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora, v. 34, 2011. [[Links](#)]

MERRIFIELD, Andy. Crowd Politics. *New Left Review*. n.71, p. 103-115, 2011. [[Links](#)]

DÊNIS, Moraes de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. Porto Alegre, RS. *Revista Debates*, v. 4, n.1, p. 54-77, jan-jun. 2010. [[Links](#)]

OLIVEIRA, Francisco. Política numa era de indeterminação: opacidade e reencantamento. In: _____; RIZEK, Cibele Saliba. *A era da indeterminação*. São Paulo: Boitempo, 2007. [[Links](#)]

ORTELLADO, Pablo; RYOKI, André. *Estamos vencendo! resistência global no Brasil*. São Paulo: Editora Conrad, 2004. [[Links](#)]

RANCIÈRE, Jacques. O dissenso. In: NOVAES, Adauto (Org). *A crise da razão*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2006. [[Links](#)]

SECCO, Lincoln. *Gramsci e a revolução*. São Paulo: Editora Alameda, 2006. [[Links](#)]

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Cia das Letras, 2004. [[Links](#)]

WARREN, Ilse Scherer. "Redes sociais e sociedade de informação". In: MAIA, Rousiley; CASTRO, Maria Ceres Pimenta Spínola (Org). *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006. [[Links](#)]

ZIZEK, Slavoj. O Violento silêncio de um novo começo. In: Vários autores. *Occupy: movimentos de protestos que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo. Carta Maior, 2012. [[Links](#)]

Páginas na Internet

Provos.Brasil [homepage na Internet], acesso em 30 de julho de 2012. <http://provosbrasil.blogspot.com.br/> [[Links](#)]

Manifesto - Democracia Real Brasil [homepage na Internet], acesso em 30 de julho de 2012. <http://democraciarealbrasil.org/> [[Links](#)]

2. MANUEL CASTELLS: “O GRANDE ERRO DA ESQUERDA É PENSAR QUE MOVIMENTOS SOCIAIS SÃO SEMPRE BONS”

<https://theintercept.com/2017/12/08/manuel-castells-e-a-crise-da-democracia-que-vai-de-trump-a-brexit-e-brasil/>

Flávia Milhorange 8 de Dezembro de 2017, 13h45

“SOPRAM VENTOS MALIGNOS no planeta azul”.

É com essa sentença que o catalão Manuel Castells, um dos sociólogos mais citados do mundo, abre seu mais novo livro, do qual ele falou, pela primeira vez publicamente, no Rio de Janeiro esta semana.

O recém-lançado “Ruptura: La crisis de la democracia liberal” (Alianza Editorial, ainda sem tradução para o português) resume em 128 páginas um cenário mundial ainda vítima dos ecos da crise financeira global, assolado por

mudanças climáticas, que enfrenta um terrorismo fanático e sofre inúmeras violações de direitos humanos. Além dessas crises, vive outra, talvez irreversível: a da democracia liberal. Um colapso, em várias nações, da relação entre governantes e governados.

“Meu ponto de partida é muito simples: se, mesmo em países com distintas características e especificidades próprias, surge o mesmo fenômeno, então podemos pensar como hipótese que é o modelo que está caindo”, resumiu no evento.

Professor celebrado em universidades de Estados Unidos, França, Espanha e Inglaterra, Castells é também leitura quase certa de cursos de ciências humanas no Brasil. Daí a lotação desta quarta (6) à noite do Teatro Oi Casa Grande, na zona sul do Rio de Janeiro, que recebeu quase mil pessoas para a sua palestra no seminário “Urbe – Perspectivas contemporâneas”.

Que crise é essa, afinal?

No seu livro anterior, “Redes de indignação e esperança – Movimentos sociais na era da internet”, lançado em 2012, Castells já alertava para como populações ao redor do mundo andavam descrentes de suas instituições, especialmente políticas; descrentes, inclusive, de movimentos contrários aos governos, como os partidos de oposição. Desiludidas, portanto, das instituições políticas que “não as representavam”.

Em linhas gerais, conforme mostram estudos como o [Trust Barometer](#), do Instituto Edelman, a maioria das pessoas, tanto no Brasil quanto no resto do mundo, acredita cada vez mais que os partidos priorizam apenas seus interesses e que os governos são corruptos, injustos, burocráticos e opressivos.

“Os movimentos recentes colocam a dignidade e a democracia como meta, mais do que o combate à pobreza. É um protesto democrático e moral, como a maioria dos outros recentes”

Segundo Castells, esse espírito geral acabou se traduzindo em grandes protestos de rua que, em comum, não tinham lideranças claras e eram gestados na internet. Na publicação de 2012, o pesquisador olhou para as manifestações surgidas a partir de 2010, como o Occupy Wall Street, nos Estados Unidos; o movimento dos indignados, na Espanha; e o início da Primavera Árabe – a grande onda revolucionária que começou por Tunísia e Egito e percorreu outros países do Oriente Médio e Norte da África.

À época, essas manifestações estavam carregadas de um sentimento de indignação, mas também, como Castells ressaltou no próprio título, de esperança com relação a um futuro mais democrático, mais igualitário.

“De início, eram uns poucos, aos quais se juntaram centenas, depois formaram-se redes de milhares, depois ganharam o apoio de milhões, com suas vozes e sua busca interna de esperança, confusas como eram,

ultrapassando ideologias e a publicidade para se conectar com preocupações reais na experiência humana real que fora reivindicada”.

Em “Redes de indignação e de esperança”, o professor não incluiu o exemplo do Brasil, mas visitou o país bem no começo dos protestos de 2013, quando milhares de pessoas – da direita e da esquerda – ainda ocupavam a mesma Avenida Rio Branco, no Rio, e outras ruas país afora, num movimento cujos objetivos, até então, estavam bastante difusos. Ele enxergou as manifestações brasileiras como mais uma expressão da rede interconectada de que fala em seu livro.

“O grande erro da esquerda é pensar que movimentos sociais são sempre bons, porque não são.

“Os movimentos recentes colocam a dignidade e a democracia como meta, mais do que o combate à pobreza. É um protesto democrático e moral, como a maioria dos outros recentes”, chegou a [comentar](#) em 2013. E avaliou como positiva aquela sintomática ausência de líderes que permeou o início do movimento: “Não há cabeças a serem cortadas. Assim, as redes se espalham e alcançam novos espaços na internet e nas ruas”.

Passados poucos anos, que mais parecem um século pela dimensão das transformações, Castells está bem menos esperançoso quanto aos desdobramentos desse processo. Sem instrumentos legítimos, não se solucionam crises, vaticinou o sociólogo durante sua palestra. E o resultado prático da descrença nas instituições, especialmente políticas, vem sendo a rejeição das formas partidárias existentes e a guinada em direção ao anti-establishment.

“Quando há crises que vão destruindo as bases da vida cotidiana nos planos econômico, social, cultural, ecológico, pessoal, e quando os instrumentos de gestão da sociedade parecem cada vez menos confiáveis, surgem movimentos destitutivos, não controlados por partidos e de distintas orientações ideológicas”, afirmou Castells no teatro.

“O grande erro da esquerda é pensar que movimentos sociais são sempre bons, porque não são. Vocês sabem no Brasil, os movimentos sociais surgem de todos aqueles setores e valores que não têm uma expressão direta, clara e aberta no sistema político, vão tanto da extrema-esquerda quanto a extrema-direita”, disse ainda.

Os exemplos da ruptura

Em sua mais recente publicação, Castells analisa expressões da ruptura do modelo de democracia liberal: a vitória de Donald Trump, nos Estados Unidos; o resultado do Brexit, no Reino Unido; a desconfiguração partidária da França, que ameaçou eleger a figura da extrema-direita Marine Le Pen e deu a vitória a Emmanuel Macron, o “enterrador de partidos”.

“Trump surge desses movimentos sociais contra a crise das instituições. Trump ganhou a eleição contra os Democratas e contra os Republicanos”,

afirmou o sociólogo na quarta-feira. “Foi um voto xenófobo e racista, mas também de desespero de zonas americanas mais afetadas pelas consequências econômicas da globalização, sobretudo a classe operária branca”.

E concluiu: “Trump não é um dirigente republicano tradicional. É um líder de um movimento social identitário, antiglobalização, racista e xenófobo”.

Para Castells, a saída do Reino Unido da União Europeia através do referendo do Brexit teve as mesmas motivações econômicas e ideológicas que o voto em Trump. Um fenômeno parecido se observa em outras regiões da Europa, como na Alemanha e nos países escandinavos: enquanto figuras e partidos tradicionais perdem status, grupos identitários e anti-establishment ganham participação política.

Movimento reversível?

E quais seriam as saídas da crise? “Não sei”, adianta o pesquisador. Mais moderado que no início da década sobre o potencial das redes na consolidação e no fortalecimento das democracias, ele afirmou que a internet é um instrumento importante que ajuda na transparência, mas não serve de solução. Lembrou também que as tentativas no mundo ocidental de controle das instituições ou de mudanças das regras da participação política acabaram não evitando a crise.

Para Castells, o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff no Brasil foi um desses exemplos falhos de tentativa de controle de instituições políticas. Em tom de provocação e arrancando risos da plateia, afirmou que vamos virar especialistas mundiais da modalidade: “O Brasil terá comissões constitucionais, estudos virão aqui para ver como se fazem impeachments”.

O sociólogo, que diz ter uma relação profunda com o Brasil, considera que o país vive “uma total decomposição do sistema político”. Ele conta ter lido todas as declarações dos deputados durante a votação que derrubou a presidente Dilma, em agosto de 2016.

“Li desde aqueles que enviavam mensagens à mãe ao execrável Bolsonaro mencionando o torturador da presidenta. Vocês acreditam que isto é um processo típico da democracia liberal? Nem aqui, nem em parte nenhuma”, criticou.

ANTES QUE VOCÊ SAIA... Quando Jair Bolsonaro foi eleito, sabíamos que seria preciso ampliar nossa cobertura, fazer reportagens ainda mais contundentes e financiar investigações mais profundas. Essa foi a missão que abraçamos com o objetivo de enfrentar esse período marcado por constantes ameaças à liberdade de imprensa e à democracia. Para isso, fizemos um chamado aos nossos leitores e a resposta foi imediata. Se você acompanha a cobertura do TIB, sabe o que conseguimos publicar graças à incrível generosidade de mais de 11 mil apoiadores. Sem a ajuda deles não teríamos investigado o governo ou exposto a corrupção do judiciário. Quantas práticas

ilegais, injustas e violentas permaneceriam ocultas sem o trabalho dos nossos jornalistas? Este é um agradecimento à comunidade do Intercept Brasil e um convite para que você se junte a ela hoje. Seu apoio é muito importante neste momento crítico. Nós precisamos fazer ainda mais e prometemos não te decepcionar. [Faça parte do TIB](#)

3. Elecciones en Uruguay: Por media cabeza, diría Gardel

Gilberto Lopes

Poco más de 28 mil votos separaban a los dos candidatos la noche del domingo, escrutadas ya todas las urnas. Una diferencia tan estrecha que el tribunal electoral prefirió esperar hasta el jueves o viernes para escutar el 1,45% de votos observados que, teóricamente, podrían cambiar el resultado electoral. Por media cabeza, como diría Gardel, sin que sea posible saber por quien hubiese votado en esa carrera reñida. Pero ha sido una carrera distinta a aquella que cantaba con Le Pera, sin que el potrillo aflojara en la raya al llegar. Todo lo contrario. Toda la tarde, a partir del conteo inicial del domingo, se fue cerrando una brecha que las encuestas previas estimaban sería de más del cinco por ciento. Al final, el candidato del Frente Amplio (FA), Daniel Martínez, hizo imposible la celebración de la coalición conservadora, que salvaba por los pelos una carrera que pretendía más holgada.

Coalición de derecha

Pero es muy improbable que ocurra un cambio de los resultados. Las elecciones uruguayas, resueltas en el segundo turno del pasado domingo 24, dieron el triunfo a una coalición de derecha, basada en los dos partidos tradicionales del país: el Nacional (o blancos), del candidato ganador, Luis Lacalle Pou, y del Partido Colorado, del expresidente Julio María Sanguinetti. A los que hay que sumar el del general Guido Manini Ríos, un excomandante del ejército que decidió lanzarse a la política. Y no con poco éxito: logró elegir tres senadores y once diputados. En el senado se necesitan 16 votos para formar mayoría. Los blancos, con diez; y los colorados, con cuatro, no alcanzan, ni agregando el voto de la vicepresidente, con el que sumarían quince. Así que los tres senadores del partido de Manini (él mismo es uno de ellos) tendrán mucho que decir en el rumbo de la política uruguaya en el próximo quinquenio.

Cuando caía la noche y la victoria era aún incierta, Manini habló con la prensa. Bajó el tono. Con media cabeza de diferencia, reconoció que no era prudente tener “medio país enfrentado a otro medio”. Sanguinetti ya había tratado de rescatarlo, en medio de las acusaciones de que se había filtrado en el escenario política tradicional del Uruguay una fuerza aun más extremista: el Cabildo Abierto. Al general –dijo Sanguinetti– “se le ve en una actitud democrática razonable y con espíritu de concordia”.

Programa político

El problema es el programa político. ¿Cómo conciliar la propuesta radical de la coalición conservadora con un rumbo distinto adoptado por el país en los últimos tres gobierno del Frente Amplio?. Durante la campaña, Lacalle Pou planteó una visión de partido cuyo centro es la “libertad individual”. Que, para él, significa un “liberalismo solidario”, un Estado cuya función debe ser “empoderar el ciudadano”. Parece difícil no vincular esa idea a lo que los conservadores del gobierno de Chile planteaban como un “Estado subsidiario”, cuyo papel se transformó, en realidad, en instrumento al servicio de los negocios privados que terminaron por llevar el país a las confrontaciones actuales.

Si se intenta poner en práctica en Uruguay un principio similar –como parece ser lo que la coalición ganadora prometió–, ¿se podrá evitar el proceso de concentración de la riqueza y de deterioro de los servicios públicos que han alimentado las tensiones en los países vecinos?

Ha sido práctica de más de 30 años en Chile. Lo intentaron en Argentina, con los resultados conocidos. Dieron un golpe en Bolivia para intentar avanzar por ese camino. Con características propias, también lo intentan en Perú y Ecuador. En Colombia, con su historia de violencia política, las protestas estallaron la semana pasada y rápidamente se extendieron las demandas acumuladas, algo similar a lo que pasó en Chile desde octubre. Brasil es un caso algo diferente, entre otras cosas por la forma tan radical y, con frecuencia, patética, con la que se plantea la regresión neoliberal con sus privatizaciones de las empresas públicas.

¿Dónde se acomodará el nuevo gobierno de Uruguay? En el plano internacional hay pocas dudas de que se sumará a un alineamiento del país con las iniciativas norteamericanas, en particular los intentos de reflotar la ofensiva contra el gobierno de Venezuela. Significará un alivio también para el uruguayo Luis Almagro en sus aspiraciones a renovar su mandato en la Secretaría General de la OEA, candidatura que el actual gobierno de su país no apoya.

Alberto Couriel, economista y exsenador uruguayo, nos recuerda que, en el plano económico la eventual ministra de Economía del gobierno conservador, Azucena Arbeleche, solo habla de atender el déficit fiscal, que señala como causa de todos los males.

La aspiración es imponer una regla fiscal que limite el gasto, sin aumentar la carga impositiva. Un ajuste fiscal de unos 900 millones de dólares en el gasto público, que se traduciría en el desmontaje de muchas de las políticas sociales impulsadas durante los gobiernos del Frente Amplio. Menos educación pública, menos salud, reforma de pensiones, modificar la ley de negociación colectiva, debilitar la organización sindical. Un programa no muy alejado del que el padre del actual candidato, Luis Alberto Lacalle, impulsó cuando fue presidente entre 1990 y 1995. La misma propuesta de reducción del déficit fiscal mediante una política de choque, privatizaciones y reglamentación del derecho de huelga, que provocaron una fuerte conflictividad social. La eliminación de los Consejos de Salarios fue una medida clave para debilitar la capacidad negociadora de los salarios por parte de las organizaciones sindicales. Como lo señaló un buen observador de la política uruguaya, si bien la política no necesariamente se hereda, sí se hereda el grupo social y político del que se proviene. En este caso, el grupo social que representó su padre y que ciertamente acompañará al futuro presidente. “Llegará para desmontar todo lo hecho por la izquierda. Esto, de entrada, le dará un carácter de potencial radicalización social y política” a la situación en Uruguay, estimó.

Preocupación

Para Mario Bergara, senador electo y eventual ministro de Economía si el Frente Amplio ganara las elecciones, Arbeleche se vería “en figurillas” para implementar los ajustes que se propone.

En entrevista al semanario Búsqueda, afín a la coalición de Lacalle Pou, Bergara afirmó que si la oposición ganase las elecciones la sociedad debería preocuparse con la caída salarial, la caída de las jubilaciones y pensiones, de los puestos de trabajo y de la protección social.

“De la oposición hemos escuchado que los mercados son los grandes asignadores de recursos. Al Estado le dan un rol subsidiario. Esa no ha sido ni es nuestra visión”, destacó Bergara.

Un ajuste drástico del déficit fiscal traería, además, graves consecuencias. “Lo aprendimos con los ajustes fiscales que blancos y colorados hicieron en la historia moderna del Uruguay”, señaló.

En su opinión, el mundo laboral es esencial para la distribución del ingreso y el Frente Amplio promovió esas políticas durante sus gobiernos, comparada a la aplicada durante los años de dictadura y también durante el gobierno de Luis Alberto Lacalle, en los años 90, cuando se erradicaron los Consejos de Salarios.

Lo peor que le podría pasar a Uruguay –dijo a la BBC el politólogo e historiador uruguayo Gerardo Caetano– “el es una grieta al estilo argentino, que separara irremediablemente al gobierno y la oposición”. Pero no está claro como se podrá evitar esa grieta.
FIN

4. La CIDH investiga la masacre de Senkata en El Alto Represión en Bolivia: "Como animales, como perdices nos cazan" En El Alto siguen los bloqueos porque las muertes son demasiadas.

Página/12 fue testigo de los desgarradores testimonios de las víctimas de la represión ante la Comisión Interamericana de Derechos Humanos.
Por Marta Dillon

25 de noviembre de 2019

Funeral de una de las víctimas de la masacre de Senkata.

Imagen: Pablo Aneli
Desde El Alto

“Como a animales, como a perros, como a perdices; así nos cazan”, dice Ixalta Aliva golpeando sus manos contra el delantal que protege el plateado de su pollera. De uno de sus bolsillos saca una fotocopia, el documento de identidad de un niño de 15, Jesús Aruhiza, hospitalizado con la mandíbula destruida por una bala. “¿Somos animales?”, insiste en preguntar como si clamara al mismo cielo desde donde, dicen innumerables testimonios, llovieron balas el 19 de noviembre en Senkata, en El Alto, ahí donde los pies se enredan en los residuos de alambre y hollín que dejan las gomas quemadas, ahí donde, contra toda propaganda que insiste en que ya no quedan bloqueos en el cordón urbano de La Paz, hay bloqueo porque las muertes son demasiadas, porque a menos de 20 metros de donde las cholitas se reúnen, hay un joven que esta siendo velado en su cajón blanco. Falleció el sábado a la noche, acaba de sumarse a una lista que no termina de cerrarse.

PUBLICIDADE

LEER MÁSAdvierten que Julian Assange podría morir en prisión | Médicos alertaron sobre el estado de salud del fundador de WikiLeaks
LEER MÁSMacri le marcó la cancha a Rodríguez Larreta y habló de sus planes como opositor | La tensión en el PRO tras la derrota electoral
A esa misma hora en que terminaba la vida de Milton David Centeno Geronda, 24 años; en el centro de La Paz, el pleno de la Asamblea Legislativa pasaba a un cuarto intermedio después de aprobar la ley que fija las próximas elecciones para el 22 de enero y de no llegar a ningún acuerdo en torno a la ley de garantías propuesta por la bancada mayoritaria del MAS para que cesen las persecuciones, se repare a las víctimas de la represión y se derogue el decreto firmado por la presidenta autoproclama Jeanine Áñez que otorga inmunidad a las fuerzas armadas y de seguridad para reprimir y hasta comprar armamentos. En la televisión, sobre todo en el canal oficial, no dejaba de repetirse la canción de Víctor Jara que en Chile le grita en la cara a la crueldad neoliberal “el derecho de vivir en paz” y que aquí en esta zona, a 3600 metros sobre el nivel del mar, parece una orden de silencio y obediencia. “Esa ley nunca la voy a promulgar”, amenazó por twitter Áñez para dejar clara la proscripción.
Un mar de casas sin revocar que se ven desde los teleféricos que cruzan el cielo de La Paz separan al centro del Alto. Las cumbres nevadas del Illi Mani y el Chacaltaia son centinelas de esa profusión de edificios que trepan las laderas de la olla paceña. Una vez

arriba, el tránsito se encastra como si autos, camiones y minibuses fueran piezas de un juego imposible. Hay colas inmensas frente a la destilería de Senkata, van en busca de combustible para abastecer a las otras enormes filas que desde el sábado a la noche recorren cuadras y cuadras hasta las estaciones de servicio; también de garrafas domésticas. Varias vías de la avenida de seis carriles que lleva al corazón de Senkata están cubiertas de escombros y restos de barricadas. El último tramo hasta donde vecinos y vecinas están movilizándose hay que hacerlo a pie. De las pasarelas que cruzan de un lado al otro de la avenida cuelgan muñecos como espantapájaros descabezados, están ahí para denunciar la masacre que cuenta diez muertes oficiales, una cantidad indeterminada de personas desaparecidas y 540 heridas, algunas graves. En total, en todo Bolivia, desde que Jeanine Añez usurpó el poder ejecutivo, se cuentan, según la Defensoría del Pueblo, 870 personas heridas. Están ahí para que las vea la delegación de la CIDH, que sola por la tarde llegará a Senkata. Una sola muerte numerosa Milton David Centeno, sus restos, está dentro de un cajón blanco cubierto de flores. Sólo su mamá custodiaba el féretro el domingo en la mañana, se la ve pequeña en un rincón, con su pollera desplegada sobre una silla y un mantón negro cubriendo el gorro de lana que la abriga. Mira directo a los ojos cuando se le habla, no llora, al menos no va a llorar mientras la rabia la anime. “Un solo hijito tenía, otra hija; iba a la universidad, toda la vida para que él fuera”, dice Claudina Geronda Huanca. “Le sacaron una bala de bronce de la cabeza, iba a ser profesional” y en la repetición de ese futuro que no será, aparecen las lágrimas.

Desde la sala contigua, los olores de la cocina se mezclan con los crisantemos, la cebolla morada, el maíz que hierve, el cilantro, el arroz. Para quienes vengán a despedir a este muchacho que estaba en tercer año de Derecho, el primer universitario de su familia, el primero entre sus ancestros que se remontan por siglos en estas tierras, habrá comida. Así es la tradición y se va a cumplir cuando la sala se llene de sombreros negros, de prendedores floridos, de las galas que cholas y cholos le ofrecen a los muertos. Sobre aguayos abiertos, en el piso, también hay comida como ofrenda para compartir: maíz inflado en uno y Aptapi -quesillo- con tunta -esos papines que se congelan, se entierran y después se cuecen- en el otro. Desde la calle, llegan las voces del “cabildo” donde se aprueba temprano, entre unas trescientas personas, sostener el bloqueo; sobre todo para que no se borren las huellas de las balas de las defensas de cemento que dividen la autopista, para el que el Banco de Comercio no vuelva a pintar las paredes donde quedó la sangre derramada de David Posto Cuzzi, que el 19 de noviembre había ido a renegociar dos deudas que tenía en ese banco junto a su compañera, Wendy Colqui. O la de Calixto Guanaco Aguilar, que todavía está internado pero ya se declaró su muerte cerebral producto de una bala que se le incrustó en la cabeza cuando intentó ayudar a alguien más. Los rastros de esas historias que por la tarde, una por una, iban a doler otra vez cuando fueran relatadas frente a la Comisión Interamericana de Derechos Humanos no pueden borrarse. Y por eso el camino para el presidente de la comisión, Pablo Abrao, tampoco fue fácil. La decisión de moverse a El Alto de la CIDH fue como recoger el guante de la provocación que habían sufrido quienes habían ido a testimoniar el sábado a un hotel del sur de La Paz, un hotel 5 estrellas cercado por manifestantes de los Comités Cívicos que insultaron a los organismos de Derechos Humanos -como la Asamblea Permanente por los Derechos Humanos y la Asociación de familiares de detenidos y detenidas desaparecidas en América Latina, entre otros- y a familiares y personas heridas en la masacre de Senkata. “Estamos tan cansadas, yo soy de las más jóvenes y tengo más de 70; nunca me imaginé que iba a ver otro golpe”, dice Ruth Llanos, de Asofam y se deja abrazar por David Inca, de la Apdh que dejará frente a Pablo Abrao los testimonios que hablan de torturas, implantación de pruebas y hasta difamación de las personas fallecidas por “ebrias o terroristas”. “Añez se bañó con sangre de los pobres”, dice el vocero de la Apdh, y concluye: “Peor que a animales, así nos tratan”. Ni las imágenes del sábado frente al hotel Casagrande, tampoco las del medio millar de personas que se reunieron en la capilla San Francisco de Asís para aportar testimonios y pruebas salieron en la televisión. En los carteles escritos a mano que levantaban las

personas se pedía “prensa internacional”; se pedía en verdad, la urgente necesidad de dejar de ser invisibles. En la televisión boliviana, en cambio, se veía la marcha que, a la misma hora, protagonizaron seguidores y seguidoras de Waldo Albarracín, rector de la Universidad de San Andrés, que convocó a través de redes sociales a marchar para que no se vayan los militares de las calles y que no haya ley de garantías. ¿Cómo evitar que no vuelva al cuerpo la llegada de la CIDH a la Argentina cuando desde las radios se instigaba a maltratar a quienes querían denunciar las violaciones a los Derechos Humanos por parte del Terrorismo de Estado en 1979? ¿Cómo no pensar, cada vez que se habla de disparos desde helicópteros --porque el relato es desesperado y se insiste con vehemencia—en la masacre de Napalpí, cuando 200 indígenas fueron asesinados en el Chaco Argentino, acribillados desde aviones a mitad del siglo pasado? Lo que se vive en Bolivia, en algunas regiones de Bolivia que se pretende invisibilizar, no es de ahora, son heridas antiguas que siguen supurando. “Somos indígenas el 80 por ciento de la población ¿quién tiene que gobernar? Nosotros. Hay que demandar a España para que se lleve los restos que nos dejó”, gritó Henry Contreras Roca, y avivó ya no la bronca sino un odio que las balas, que todavía se ven sobre ese territorio desértico y lastimado por los escombros, no hacen más que avivar.

La muerte viva

LEER MÁSEl peor gol errado en la peor jugada de la historia | Insólita e increíble situación en el fútbol de ascenso de Italia

“La Ñez disque transitoria pero vino a matarnos: a mi marido una bala le destrozó el corazón”, dijo María Cristina Quispe, compañera de Juan José Tenorio Mamani, 23, mecánico cerrajero. “Le entró por la espalda cuando estaba arrastrando a un herido”, soltó frente a Abrao, ubicado bajo el altar de la capilla y se puso a llorar. Su cabeza cubierta de negro, sus demandas firmes: que se vaya Ñez, que se vaya el ministro de gobierno, Arturo Trujillo, que haya “Justicia Internacional porque acá no va a haber”. Pablo Quispe Mamani, 24; Antonio Rolan Quispe Ticona, tenía 25, tres minutos antes de morir por herida de bala estaba almorzando con la mamá. Cristian Condori, 23; Clemente Mamani Santander, 23; Edwin Jamachi Paniagua, 20. Cada uno tuvo sus minutos de duelo colectivo en la memoria de quienes los nombraban y relataban lo que sabían de sus muertes. Todos heridos de bala.

Y sin embargo, no alcanzó. Cuando le tocó el turno a Betina Gutierrez el silencio fue creciendo como una marea que busca la luna. “Yo soy una muerta viva, soy la testigo que sobrevivió. Yo estaba ahí en el bloqueo, no éramos ni 50. Me quedé cuando vi venir los tanques porque pensé que nos iban a hablar. Pero no, empezaron a disparar, sin una advertencia. Yo ví caer heridos a la mitad y luchamos para que no se lleven los cuerpos adentro de estación de Senkata. Ví a una niña con un disparo en la cara, no sé donde está esa niña. Ví a una señora de pollera herida y la quise arrastrar pero no pude porque era gordita. Me la sacaron de la mano y la metieron adentro. Pero me llevé un montón de cascos, para que no mientan. Y acá los tengo”, dijo y los puso sobre el aguayo que cubría las mesas de madera donde les integrantes de la CIDH tomaban notas. Betina tiene un niño autista, pidió protección para él y para ella; pero no de la policía. Pablo Abrao fue informado de la extrema debilidad que tiene esta mujer en momentos de persecución como el que se describió durante toda la sesión. Las noticias que se relevan en la televisión hablan del levantamiento de los bloqueos en todo el territorio boliviano. En Senkata eso se desmiente. En el centro de La Paz, los seguidores de Albarracín denuncian el levantamiento de los bloqueos del MAS como una estrategia para fortalecerse. El cuarto intermedio para seguir discutiendo la ley de garantías se termina hoy lunes. Mientras, la televisión habla de paz y usurpa la voz de les cantantes que en Chile tomaron la letra de Víctor Jara para defender la vida digna que reclaman.

Si llegaste hasta acá...

Es porque te interesa la información rigurosa, porque valorás tener otra mirada más allá del bombardeo cotidiano de la gran mayoría de los medios. Página/12 tiene un compromiso de más de 30 años con ella y cuenta con vos para renovarlo cada día. Defendé la otra mirada. Defendé tu voz.

Sobre este site

PAGINA12.COM.AR

Represión en Bolivia: "Como animales, como perdices nos cazan" | La CIDH investiga la masacre de Senkata en El Alto

En El Alto siguen los bloqueos porque las muertes son demasiadas. Página/12 fue testigo de los desgarradores testimonios de las víctimas de la represión ante la Comisión Interamericana de Derechos Humanos.

5. Partidos, movimentos, democracia: riscos do século vinte e um – Parte I

Marco Aurélio Nogueira

Nascidos como esteios das grandes democracias representativas de massa surgidas gradualmente na Europa a partir das últimas décadas do século XIX e com maior ímpeto após a Segunda Guerra Mundial, os partidos políticos ingressaram no século XXI em franco processo de crise. Ainda permanecem como personagens centrais do jogo político e parlamentar, mas perderam protagonismo como agentes de mobilização, educação política e formação da cidadania. Por caminhos múltiplos, puseram em xeque suas próprias autoimagens culturais e o modo mesmo como são vistos e assimilados pela opinião pública. Deixaram, em suma, de atuar como fatores de hegemonia — de formação de consensos e da fixação de diretrizes ético-políticas —, processo que se transferiu sempre mais para o mercado (o marketing, a publicidade), a indústria cultural e os diferentes ambientes virtuais.

O mundo político foi assim literalmente invadido por políticos personalistas, regra geral demagógicos e populistas, bem como pela efervescência caótica das redes sociais e do ativismo associativo. A derrocada dos partidos, especialmente em sua formação tradicional, com máquinas administrativas pesadas e ritos verticalizados, passou a reforçar a ideia de que a democracia representativa ingressou em crise de igual proporção, com a ampliação da fuga dos eleitores, o aumento do desinteresse político da população e a desvalorização das eleições como método para a escolha dos governantes.

Nos países ocidentais, a abstenção eleitoral chega a ultrapassar um quarto do eleitorado, ao mesmo tempo em que crescem os protestos de todo tipo e as críticas aos sistemas políticos, aos partidos e a seus líderes. As vozes dos cidadãos, porém, não chegam aos vértices do Estado, o que despoja a democracia de parte ponderável de sua capacidade de limitar o poder.

Eleitores se afastam das urnas, partidos perdem inscritos e militantes, decai a confiança nas instituições. A movimentação associativa parece ignorar a política institucionalizada e esta, por sua vez, tende a se oligarquizar, a aprofundar seus nexos com o sistema econômico-financeiro e a virar as costas para os cidadãos, que passam a se sentir “sem representação”. A sensação é de que há muita “política” e pouquíssima política ao mesmo tempo. Estaríamos frente ao esgotamento da “democracia representativa fundada sobre uma

relação de osmose entre os cidadãos e seus representantes”? Tal crise somente poderia ser superada se a estrada dos cidadãos voltasse a se encontrar com os caminhos da política.

O populismo ressurgiu

Movimentos populistas apareceram recentemente em quase todas as democracias, impulsionando o que costuma ser visto como uma inflexão mundial da extrema direita, renacionalizante e conservadora. Mas é um fato que “políticos de todas as colorações apelam para os interesses do povo, e todo partido de oposição faz campanhas contra o establishment”, o que complica a distinção entre o populismo e a política democrática corriqueira. Para Nadia Urbinati, “o populismo deve ser considerado uma nova forma de governo representativo”, baseado em uma relação direta entre o líder e as pessoas que ele define como “boas” ou “corretas” e com as quais ele se relaciona sem a necessidade de intermediários — em particular, sem partidos políticos e meios de comunicação independentes. Ainda que tais governos populistas se distingam de regimes ditatoriais ou fascistas, sua dependência da vontade do líder, sua baixa tolerância, sua repulsa às oposições e às rotinas constitucionais da democracia fazem com que estejam sempre a um passo do autoritarismo.

Democracias iliberais

Marca registrada dessa situação é o surgimento, em diversas sociedades, de formas variadas do que tem sido chamado de “democracia iliberal”: sistemas em que se dá a eleição regular dos dirigentes políticos mas onde pouco respeito há pelos direitos humanos, pelo pluralismo e pela tolerância, com a formação de um circuito que tende a garantir a reposição dos detentores do poder. Os casos de Viktor Orbán (Hungria), Recep Erdoğan (Turquia) e Vladimir Putin (Rússia) são considerados emblemáticos. Donald Trump (Estados Unidos) e Jair Bolsonaro (Brasil) seguem a tendência, na qual os instrumentos legais da democracia são empregados de modo autoritário e mediante uma coreografia demagógica que, prolongada no tempo e articulada mundialmente, sugere a cristalização do risco daquilo que Steven Levitsky e Daniel Ziblatt chamaram de “morte das democracias”.

O voto serviria para legitimar governos que corroem a democracia. “O retrocesso democrático hoje começa nas urnas”, escrevem Levitsky e Ziblatt. Ampliam-se os espaços para a emergência de outsiders que, aproveitando-se com maior ou menor inteligência dos espaços democráticos existentes e contando com a conivência de forças sistêmicas, do Legislativo ao Judiciário, promovem práticas que rebaixam a democracia e, como decorrência, minam a capacidade de oposição dos partidos políticos e movimentos. Não somente descaracterizam as regras democráticas e roubam legitimidade das oposições, como agem para limitar as liberdades civis e fazem vistas grossas ao emprego da violência, quando não a estimulam abertamente.

Há ritos, rotinas e instituições democráticas, mas não há um processo organizado de produção de democracia e de disseminação da consciência de cidadania. Clãs familiares, organizações fanatizadas, patriotismo artificial agressivo, violência verbal e ameaças à imprensa e ao jornalismo, tuítes bizarros e falas destemperadas liberam toxinas antidemocráticas que vão

dissolvendo o que existe de sentimento de pertencimento a um povo comum, a um demo, um “nós” democrático.

Para complicar, os governos assim constituídos apresentam-se como se carregassem nas mãos todas as promessas de renovação política e regeneração moral. Fomentam confusão e mal-estar, contribuindo para desorganizar e paralisar os partidos que a eles poderiam se opor. A “desunião democrática” serve, assim, de alimento para a chegada ao poder dos novos autoritários e para sua reprodução.

No caso brasileiro, pôs-se em circulação uma retórica reacionária de fundo evangélico e concentrada nos costumes. Valores conservadores que defendem a família, a pátria, a autoridade paterna, a masculinidade e a religião são proclamados ao mesmo tempo em que se faz o elogio do ultraliberalismo na economia, formando um compósito paradoxal.

Em sociedades divididas e fragmentadas, carentes de pontes e mediações políticas, como são muitas das atuais, o reacionarismo consegue se reproduzir. As “democracias iliberais” alimentam-se da insegurança e das incertezas que cercam os cidadãos que, reunidos em grupos pequenos e autorreferidos, tornam-se presas fáceis de líderes que se apresentam como “fortes” e dispostos a tudo para ajudar os mais “fracos”.

Passa-se a falar em “pós-democracia”: “ainda que as eleições continuem a transcorrer e a condicionar os governos, o debate eleitoral é um espetáculo firmemente controlado, conduzido por grupos rivais de profissionais especializados nas técnicas de persuasão e concentrado em um número restrito de questões selecionadas por esses grupos. A massa dos cidadãos desempenha um papel passivo, aquiescente, até mesmo apático, limitando-se a reagir aos sinais que recebe. À parte o espetáculo da luta eleitoral, a política é decidida em privado pela interação entre os governos eleitos e as elites que representam quase exclusivamente interesses econômicos”.

Especialmente na esfera superior do sistema político, o clima é de mudança de paradigma e perda de qualidade da democracia: entre as muitas dimensões caóticas das modificações políticas contemporâneas, “o primeiro aspecto que se deve destacar é o processo de regressão oligárquica da democracia”, ou seja, o “deslocamento para cima dos mais relevantes centros de tomada de decisões, com o que as decisões políticas escapam das sedes mais amplas e se refugiam em lugares menos acessíveis, reservados a restritos grupos oligárquicos”, traduzindo-se assim em “um verdadeiro processo de des-democratização”.

Nesse ambiente, os governos e a classe política se soltam de suas comunidades e as deixam sem muitas saídas, ao mesmo tempo que pioram seu desempenho. Nos vazios que se abrem, projetam-se uma cidadania ativa, mas excessivamente posicionada contra o sistema político, mídias tradicionais e novas mídias, muitas tribos e nichos identitários, um mercado que funciona com moto próprio e indivíduos “empoderados”. Economia, política e sistema de comunicação estão conectados, mas há pouca articulação democrática: falta solidariedade (coesão e unidade) entre as classes e dentro de cada classe. Tudo isso encapsula e comprime a democracia política.

6. O Estado já está pensando em 6G na China e Coréia do Sul

https://www.paulogala.com.br/estado-ja-esta-pensando-no-6g-na-china-e-coreia-do-sul/?fbclid=IwAR3aDOE_bo7SmqjKB_fl_1uaGjcwRQcRoX2K1oDzSGrso0P9J7CHZ0Po7pg

17/10/2019 Paulo Gala *escrito com Daniel Bispo

Com excelente trabalho e pioneirismo, a Huawei se consolidou como a grande expoente da tecnologia 5G e deu grande vantagem competitiva a China. Aproveitando da vanguarda do sucesso, a Huawei quer ser também a pioneira no 6G e já estipula que em 2030 a tecnologia terá plena aplicação real. O 6G permitirá mirar em uma velocidade de conexão de 1 Tb/s, operando no espectro de frequência de 1 THz. Isso tornaria real a possibilidade de cidades, estados e países se tornarem totalmente conectadas a rede de internet. Uma empresa Estatal Chinesa, a China Mobile, disponibilizou cerca de 10 mil pessoas para o desenvolvimento da tecnologia, com um gasto anual em ciência que passa dos 20 bilhões de yuans. No entanto, outros países também já estão nas pesquisas para desenvolver o 6G. As sul-coreanas Samsung e LG trabalham juntas do instituto Estatal KAIST (Instituto Avançado de Ciência e Tecnologia da Coreia) para não ficar para trás na corrida. A equivalente da ANATEL nos EUA, a agência Estatal FCC (Comissão Federal de Comunicações), já abriu as frequências entre 95 GHz e 3 THz para fins experimentais, dando um passo precioso na corrida pelo pioneirismo do 6G. Mais uma vez, o Estado na frente das inovações e nas pesquisas de longo prazo.

Fontes:

1. <https://www.tecmundo.com.br/internet/142021-5g-coisa-passado-moda-trabalhar-6g.htm>
2. <https://canaltech.com.br/telecom/huawei-ja-esta-trabalhando-em-tecnologia-6g-146855/>
3. <https://tecnoblog.net/305969/o-que-e-6g/>
4. <https://tecnoblog.net/302977/huawei-comeca-pesquisa-redes-6g/>

7. O fim do neoliberalismo e o renascimento da história. Artigo de Joseph Stiglitz

http://www.ihu.unisinos.br/594104-o-fim-do-neoliberalismo-e-o-renascimento-da-historia-artigo-de-joseph-stiglitz?fbclid=IwAR2BGxbGSbwK4O7qEPvhdKJTg4_vmu0liTsKIkNeVs67u1qHRiXwiNcus2E

REVISTA IHU ON-LINE

“O único caminho a seguir, a única forma de salvar nosso planeta e nossa civilização é um renascimento da história. Devemos revitalizar o **Iluminismo** e nos comprometer novamente a honrar seus valores de liberdade, respeito pelo conhecimento e a democracia”, escreve [Joseph Stiglitz](#), economista e prêmio **Nobel da Economia de 2001**, em artigo publicado por **Criterio.hn**, 04-11-2019. A tradução é do [Cepat](#).

Eis o artigo.

No final da **Guerra Fria**, o cientista político [Francis Fukuyama](#) escreveu um famoso ensaio intitulado **O fim da história?** O colapso do comunismo, argumentou, eliminaria o último obstáculo que separa o mundo inteiro de seu destino da democracia liberal e economia de mercado. Muitas pessoas concordaram. Durante 40 anos, as elites nos países ricos e pobres prometeram que as políticas neoliberais conduziram a um crescimento econômico mais rápido e que as taxas de lucro seriam reduzidas para que todos, inclusive os mais pobres, ficassem melhor.

Hoje, quando enfrentamos uma retirada da ordem global liberal baseada em regras, com governantes autocráticos e países líderes demagogos, que contêm mais da metade da população mundial, a ideia de Fukuyama parece pitoresca e ingênua – Joseph Stiglitz

[Tweet](#)

Agora, que a evidência está disponível, é de se estranhar que a confiança nas elites e na democracia tenham se desmoronado? Hoje, quando enfrentamos uma retirada da ordem global liberal baseada em regras, com governantes autocráticos e países líderes demagogos, que contêm mais da metade da população mundial, a ideia de **Fukuyama** parece pitoresca e ingênua.

Contudo, reforçou a doutrina econômica [neoliberal](#) que prevaleceu nos últimos 40 anos. A credibilidade da fé do neoliberalismo nos mercados sem restrições como o caminho mais seguro para a prosperidade compartilhada é o suporte vital nesses dias. Bom, deveria ser. A diminuição simultânea da confiança no neoliberalismo e na democracia não é coincidência, nem mera correlação.

O neoliberalismo minou a democracia durante 40 anos. A forma de globalização prescrita pelo neoliberalismo deixou indivíduos e sociedades inteiras incapazes de controlar uma parte importante de seu próprio destino, como [Dani Rodrik](#), da **Universidade de Harvard**, explicou com tanta clareza, e como sustento em meus livros recentes: **A Globalização e seus Malefícios** (Editora Futura, 2002) e **Pessoas, Poder e Lucro** (Editora Bertrand, 2019).

Os efeitos da liberalização do mercado de capitais foram particularmente odiosos: se um candidato presidencial líder em um mercado emergente perdesse o favor de Wall Street, os bancos retirariam seu dinheiro do país – Joseph Stiglitz

[Tweet](#)

Os efeitos da liberalização do mercado de capitais foram particularmente odiosos: se um candidato presidencial líder em um mercado emergente perdesse o favor de **Wall Street**, os bancos retirariam seu dinheiro do país. Os eleitores enfrentaram uma cruel escolha: ceder a **Wall Street** ou enfrentar uma grave crise financeira. Era como se **Wall Street** tivesse mais poder político do que os cidadãos do país.

Mesmo nos países ricos, foi dito aos cidadãos comuns: “Não podem seguir as políticas que desejam”, seja proteção social adequada, salários dignos, impostos progressivos ou um sistema financeiro bem regulamentado, “porque o país perderá competitividade, empregos desaparecerão e assim sofrerão”.

Tanto nos países ricos como nos pobres, as elites prometeram que as políticas neoliberais conduziram a um crescimento econômico mais rápido e que as taxas de lucro seriam reduzidas para que todos, inclusive os mais pobres, ficassem melhor. No entanto, para chegar lá, os trabalhadores teriam que aceitar salários mais baixos e todos os cidadãos teriam que aceitar cortes em importantes programas governamentais.

As elites afirmaram que suas promessas se basearam em modelos econômicos científicos e em “pesquisas baseadas em evidências”. Bom, depois de 40 anos, os números estão assim: o crescimento desacelerou e os frutos desse crescimento foram esmagadoramente muito poucos e no topo. Na medida em que os salários estagnaram e o mercado de ações disparou, os ingressos e a riqueza aumentaram, em vez de diminuir.

Como pode a moderação salarial, para alcançar e manter a competitividade, e a redução dos programas governamentais, possivelmente, se conciliar com níveis de vida mais altos? Os cidadãos comuns sentiam que lhes haviam vendido uma lista de bens. Tinham razão em se sentir enganados. Agora, estamos experimentando as consequências políticas desse grande engano: a desconfiança nas elites, na “ciência” econômica em que se baseava o neoliberalismo e no sistema político corrupto pelo dinheiro que o tornou possível.

A realidade é que, apesar do seu nome, a era do neoliberalismo estava longe de ser liberal. Impôs uma ortodoxia intelectual, cujos guardiões eram completamente intolerantes à dissidência – Joseph Stiglitz

[Tweet](#)

A realidade é que, apesar do seu nome, a era do **neoliberalismo** estava longe de ser liberal. Impôs uma ortodoxia intelectual, cujos guardiões eram completamente intolerantes à dissidência. Os economistas com visões heterodoxas foram tratados como hereges para serem rejeitados ou, na melhor das hipóteses, desviados para algumas instituições isoladas.

O neoliberalismo se parecia um pouco com a “sociedade aberta” que **Karl Popper** havia defendido.

Como **George Soros** enfatizou, **Popper** reconheceu que nossa sociedade é um sistema complexo e em constante evolução, no qual quanto mais aprendemos, mais o comportamento do sistema muda o nosso conhecimento.

Em nenhum lugar essa intolerância foi maior do que na macroeconomia, onde os modelos predominantes descartaram a possibilidade de uma crise como a que experimentamos em 2008. Quando o impossível aconteceu, foi tratada como se fosse uma inundação de 500 anos, uma ocorrência anormal que nenhum modelo poderia ter previsto.

Se a crise financeira de 2008 não nos fez perceber que os mercados sem restrições não funcionam, a crise climática certamente deveria: o neoliberalismo literalmente colocará fim em nossa civilização – Joseph Stiglitz

[Tweet](#)

Ainda hoje, os defensores dessas teorias se negam a aceitar que sua crença nos mercados autorregulados e sua rejeição das externalidades como inexistentes e sem importância conduziram à desregulamentação que foi fundamental para alimentar a crise.

A teoria continua sobrevivendo, com tentativas problemáticas de se ajustar aos fatos, o que atesta a realidade de que as ideias ruins, uma vez estabelecidas, muitas vezes, têm uma morte lenta. Se a [crise financeira de 2008](#) não nos fez perceber que os mercados sem restrições não funcionam, a crise climática certamente deveria: o neoliberalismo literalmente colocará fim em nossa civilização.

Mas, também está claro que os demagogos que querem que viremos as costas para a ciência e a tolerância só pioram as coisas. O único caminho a seguir, a única forma de salvar nosso planeta e nossa civilização é um renascimento da história. Devemos revitalizar o **Iluminismo** e nos comprometer novamente a honrar seus valores de liberdade, respeito pelo conhecimento e a democracia.

Leia mais

- [A exogenia neoliberal](#)
- [A verdade, o poder e os modelos de subjetivação em Foucault](#)
- [Anatomia do novo neoliberalismo. Artigo de Pierre Dardot e Christian Laval](#)
 - [O Comum: um ensaio sobre a revolução no século 21](#)
- [“O imaginário de Estado-nação não é um imaginário alternativo ao neoliberalismo”. Entrevista com Christian Laval e Pierre Dardot](#)
 - [Comuns, a racionalidade do Pós-Capitalismo](#)
 - [Neoliberalismo: A “grande ideia” que engoliu o mundo](#)
- [“As instituições europeias criadas nos últimos dez anos tornam o neoliberalismo mais forte”. Entrevista com Costas Lapavistas](#)
- [“Na reorganização do neoliberalismo, a extrema-direita apresentou um projeto. E as esquerdas?” Entrevista com Ricardo Antunes](#)
- [“Para se defender, o neoliberalismo faz a democracia se esgotar”. Entrevista com Grégoire Chamayou](#)
- [A nova equipe econômica e a continuidade do neoliberalismo. Entrevista especial com Marcelo Carcanholo](#)
 - [Neoliberalismo, distopias e Bolsonaro presidente](#)
 - [Militarismo com neoliberalismo, tragédia para a economia](#)
- [A polarização política, as paixões da sociedade e a disputa pelos rumos do neoliberalismo. Entrevista especial com Alana Moraes](#)
- [Apesar das desproporções, o Comum continua sendo a principal ameaça ao neoliberalismo, segundo Christian Laval](#)
- ['Neoliberalismo está moribundo, mas não sabemos para onde vamos'. Entrevista com Luiz Gonzaga Belluzzo](#)
 - [Neoliberalismo e pós-fascismo. Artigo de Jorge Alemán](#)
- [“O neoliberalismo é uma perversão da economia dominante”. Artigo de Dani Rodrick](#)
 - [O neoliberalismo e sua falha fatal](#)
- ["Os governos 'progressistas' da América Latina foram funcionais à reprodução do neoliberalismo". Entrevista especial com Fabio Luís Barbosa dos Santos](#)

- Desafios frente ao neoliberalismo
- Neoliberalismo, ordem contestada. Artigo de Perry Anderson
 - Neoliberalismo, assexualidade e desejo de morte
 - Bens Comuns, antídoto ao Neoliberalismo
- A doutrina do choque: uma contra-história do neoliberalismo
- O fascismo vive em nós através do dispositivo do neoliberalismo. Entrevista especial com Rodrigo Karmy Bolton
- Neoliberalismo, projeto político. Entrevista com David Harvey
- Subverter a máquina da dívida infinita. Entrevista com Maurizio Lazzarato
- Uma saída pragmática, sem vestir vermelho, poderá promover grandes mudanças para a crise brasileira. Entrevista especial com Moysés Pinto Neto
 - O desaparecimento de Édipo
 - Na rua somos muito mais que dois
- Da incompreensão das ruas à judicialização da política brasileira. Entrevista especial com Moysés Pinto Neto
- Uma política transformadora depende de uma identidade coletiva e de um Estado forte. Entrevista especial com Roberto Dutra Torres Junior
- Não se pode pensar em políticas públicas sem o devido recorte racial. Entrevista especial com Juliana Borges
- A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida. Artigo de Cesar Sanson. Cadernos IHU Ideia N° 60



8. Desastre à vista

http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=10311&id_coluna=186&fbclid=IwAR07zYAtLswPisE6xAQ0xutufLA_IkJb7JBsm8AnXKDJaKcFBzl_nhZVVk

Paulo Kliass Dia: 06/11/2019 às 10:54:33

O roteiro já era mais do que conhecido. Depois de aprovada a Reforma da Previdência, o governo passaria imediatamente para a segunda etapa do processo de desmonte de políticas públicas e de destruição do pouco que resta de Estado de Bem Estar Social em nossas maltratadas terras. Bolsonaro ficaria um pouco mais recuado na cena, com o justo receio de se envolver demasiadamente com as propostas tresloucadas de seu superministro para assuntos econômicos.

Assim, conforme o combinado, Paulo Guedes vai para a frente dos holofotes com a missão de anunciar o desastre. Ocorre que o rapaz parece ter passado um pouco do tom aceito pelas próprias elites envolvidas até o pescoço com seu projeto de neoliberalismo um tanto fora de época. As propostas envolvem um número ainda desconhecido de propostas de emendas constitucionais, tamanha a ambição demolidora do aprendiz de Chicago boy.

No início, o cronograma previa apenas uma Reforma Administrativa depois do sacolejo previdenciário. No entanto, com a queda do Secretário da Receita

Federal por insistir na criação do imposto único com base numa CPMF remodelada, Guedes resolveu retomar o tema da Reforma Tributária. Não anunciava quais as diferenças de suas ideias com relação aos projetos já em debate na Câmara dos Deputados e no Senado Federal. O pacote de maldades começava a ganhar volume.

Mais destruição a caminho

Na sequência, o apetite pelas receitas das privatizações e o desejo de transferir o patrimônio público ao setor privado aperta a orelha esquerda do responsável pela economia. Ele se mexe e convence o Palácio do Planalto a introduzir no conjunto algumas medidas para acelerar e destravar a venda das empresas estatais federais.

Não contente com tudo isso, algum tecnocrata obnubilado teve a ideia mirabolante de acabar de vez com as reservas que a União dispunha sob a forma de saldos nos fundos constitucionais e não constitucionais. Trata-se de um volume consideravelmente bilionário de recursos financeiros que não vinham sendo utilizados em função da obsessão de cortes e mais corte ditada pela lógica da austeridade a todo custo. Com isso, o raciocínio simplista e perigoso foi o seguinte: já que os recursos não estão mesmo usados para funções precípuas, melhor logo acabar com os fundos e torrar esse dinheiro todo para zerar o déficit fiscal. De preferência para pagar juros - as famosas despesas financeiras da União. Uma loucura. E lá se vão as possibilidades de investimento em ciência, tecnologia e inovação, desenvolvimento regional, telecomunicações, infraestrutura e por aí vai.

Mas a voracidade destruidora segue em frente. A incapacidade de conviver com a complexidade chamada Brasil volta a sua artilharia pesada contra o arranjo do pacto federativo. Como a recessão econômica encomendada tem cortado receitas tributárias dos 3 níveis da administração há vários anos, a solução fácil passa pela sugestão de promover o desaparecimento das cidades. O plano prevê simplesmente a extinção dos municípios considerados pelo burocrata de plantão como "inviáveis". Se a medida fosse implementada hoje, por volta de 25% das cidades deixariam de existir - quase 1.300 em um total de 5.600.

Amplio pacote contra o Brasil

Os mais entendidos no assunto acham que essa proposta seria um verdadeiro suicídio político para Bolsonaro e sua base de apoio em um ano que antecede as eleições municipais de 2020. Assim, ela entraria direto na conta da estratégia do chamado "bode na sala". Ou seja, serviria para Guedes confirmar sua fama de mau junto ao financismo, mas não seria prá valer em termos de tramitação no Congresso. Aguardemos, pois.

A partir do momento em que anunciou a estratégia dos "3 Ds" há um tempo

atrás, Guedes não largou mais essa sua ligação quase transcendental com o “desobrigar, desindexar e desvincular”. Na verdade, trata-se de uma intenção de revogar a natureza obrigatória de determinados gastos, como saúde ou educação. Em seguida, evitar todo e qualquer tipo de indexação das despesas, como o necessário alinhamento automático do piso básico da previdência social ao salário mínimo. Finalmente, as medidas propõem a eliminação de qualquer vinculação de dispêndio orçamentário a partir de um determinado tipo de receita. Ou seja, ficaria liberado ao bel prazer do governante de plantão fazer o uso que bem desejar daquele recurso.

Mais à frente surge o destacamento da Reforma Administrativa. Esta é aquela que vinha sendo apresentada como a parte mais substancial do processo de desmonte do Estado pós previdência. No conjunto das medidas, aparecem as que foram destiladas aos poucos pelos grandes órgãos de comunicação. Trata-se de uma reedição do discurso de Collor de Mello 3 décadas mais tarde. A identificação dos servidores públicos como os vilões do gasto público, os mesmos que eram chamados em 1989 e 1990 de marajás.

A partir deste mote de forte apelo populista, Guedes atropela com medidas que vão desde o fim da estabilidade até a eliminação da obrigatoriedade de concurso para ao ingresso no serviço público. Além disso, promove a unificação forçada de carreiras e introduz um piso de ingresso muito abaixo do que pressupõe a justa remuneração de profissionais qualificados. Enfim, trata-se de uma estratégia - por dentro e por fora - de destruição do Estado brasileiro. Um verdadeiro adeus às definições básicas e fundadoras da nossa Constituição Federal.

Todo esse movimento inicial tem recebido o nome midiático de [“Plano Brasil Mais: a transformação do Estado”](#). Curiosamente toda a pompa da apresentação não consta da página do Palácio do Planalto. O acesso ao material se faz apenas por meio da página do Ministério da Economia. Para bom entendedor, meia palavra basta.

* Doutor em economia e membro da carreira de Especialistas em Políticas Públicas e Gestão Governamental do governo federal.

As opiniões aqui expostas não representam necessariamente a opinião do Portal Vermelho

9. O “OUTUBRO VERMELHO” e a esclerose brasileira

<https://tutameia.jor.br/fiori-analisa-perspectivas-do-brasil-depois-das-vitorias-da-esquerda-na-america-latina/?fbclid=IwAR1etuTZcuv1toSfAy5KLM28NgUYDbIUhG91A6VvtXkmg6mpEM1dX-eITjM>

por **JOSÉ LUÍS FIORI**

“Por qué protestan? Es por la desigualdad económica. Y los bajos salários. También por la baja o nula movilidad social y la falta de un futuro mejor para los jóvenes. Es por los servicios públicos infames. Y por la globalización y la pérdida de puestos de trabajo...”

Moisés Naim, El País, 27 de octubre de 2019

Desta vez tudo passou muito rápido. Como se, em apenas uma noite, a América Latina tivesse dormido de direita e acordado de esquerda. Depois da avassaladora vitória de Lopez Obrador no México, em 2018, em apenas um mês, outubro de 2019, as forças progressistas venceram as eleições presidenciais na Bolívia, Uruguai e Argentina, elegeram um jovem economista de esquerda para o governo de Buenos Aires e ganharam as eleições na Colômbia, para o governo de suas principais cidades, como Bogotá e Medellín. E quase simultaneamente, uma sucessão de revoltas populares derrubou ou colocou de joelhos os governos direitistas de Haiti e Honduras e impôs pesadas derrotas aos presidentes de direita do Equador e do Chile.

Muitos analistas se surpreenderam com essa sequência de derrotas da direita, como se fosse inesperada, um verdadeiro raio em céu azul. Mas isto não é verdade, sobretudo nos casos iminentes da rebelião do povo chileno e da derrota de Mauricio Macri na Argentina. No caso do Chile, já tinha havido uma gigantesca manifestação de mais de um milhão de pessoas, em 1988, pelo fim da ditadura do General Pinochet, acossada pelo fracasso de uma economia que havia crescido apenas 1,6%, em média, durante os 15 anos da ditadura militar, deixando como herança um desemprego de 18%, e 45% da população abaixo da linha da pobreza.

Logo depois da redemocratização do país, a partir de 2006, sucederam-se grandes mobilizações estudantis contra a privatização e os altos custos da educação, da saúde, da água e do saneamento básico, que haviam sido privatizados durante a ditadura e permaneceram privados depois da redemocratização. Uma mobilização quase contínua, que alcançou uma extraordinária vitória em janeiro de 2018, com a aprovação pelo Congresso Nacional chileno de um novo sistema de educação universitária, universal e gratuita, tanto pública quanto privada. E foi na esteira dessas manifestações que a população chilena voltou a sair às ruas, neste mês de outubro, contra uma sociedade que, apesar do seu “equilíbrio macroeconômico”, segue sendo

a mais desigual dentre todos os países da OCDE, com a concentração de 33% da riqueza nacional nas mãos de apenas 1% da população chilena. E contra os sistemas de saúde, água e serviços básicos que seguem privatizados e com custos exorbitantes, e contra um sistema de previdência privada que entrega aos aposentados apenas 33% do seu salário ativo. Um quadro de descontentamento que já prenuncia a derrota provável das forças de direita nas eleições presidenciais chilenas de 2021.

No caso da Argentina, a vitória peronista foi uma resposta imediata e explícita ao fracasso do programa econômico neoliberal do presidente Mauricio Macri, que conseguiu destruir e endividar a economia argentina, deixando como herança um crescimento negativo do PIB, com um taxa de inflação de 50%, um desemprego de 10% e 32% da população abaixo da linha de pobreza. Sabe-se que a Argentina foi, até bem pouco tempo atrás, a sociedade mais rica e com melhor qualidade de vida e nível educacional de toda a América Latina. Ou seja, resumindo o argumento, a rebelião chilena e a vitória peronista na Argentina não têm nada de surpreendentes, como acontece também com a sucessão em cadeia das demais derrotas da direita latino-americana.

Que consequências imediatas se devem esperar, e que lições extrair desse “outubro vermelho”? A primeira e mais contundente é que os latino-americanos não suportam nem aceitam mais viver em sociedades com um nível de desigualdade tão extrema e vergonhosa. A segunda é que o mesmo programa neoliberal que fracassou na década de 90 voltou a fracassar exatamente porque não produz crescimento econômico sustentado e acentua violentamente a precarização, a miséria e a desigualdade que já existem em toda a América Latina. Por outro lado, do ponto de vista estritamente brasileiro, esse fracasso neoliberal, sobretudo o fracasso do Chile e da Argentina, caem como uma bomba em cima do programa de promessas e blefes ultraliberais do senhor Guedes, cuja insistência na mesma tecla, depois de tudo o que aconteceu, sugere tratar-se de um financista que, além de fanático, parece ser cego ou burro.

Assim, permanecem no ar duas perguntas importantes: por que esse novo ciclo neoliberal foi tão curto? E o que se deve esperar para o futuro? Para refletir sobre essa questão, entretanto, é necessário afastar-se um pouco da conjuntura e de seus debates mais acalorados, recorrendo a uma hipótese de mais longo prazo sobre a natureza contraditória do desenvolvimento capitalista, que foi formulada pelo economista e historiador austríaco Karl Polanyi, na sua obra *“A Grande Transformação”*, publicada em 1944. Polanyi se propunha a explicar o fim da “ordem liberal do século 19”, que alcança seu apogeu e começa sua crise e transformação, a um só tempo, a partir de 1870. Segundo o economista austríaco, essa simultaneidade se deve à existência de um duplo princípio que comanda a expansão capitalista: “O princípio do liberalismo econômico, que objetiva estabelecer um mercado autorregulado, e o princípio da proteção social, cuja finalidade é preservar o homem e a natureza, além da organização produtiva.” E teria sido exatamente por isso que os Estados e sociedades capitalistas mais avançados e suas populações teriam começado a se defender do avanço do liberalismo desenfreado no exato momento em que tal avanço alcançou seu apogeu. Como consequência, segundo Polanyi, a partir de 1870, “o mundo continuou a acreditar no internacionalismo e na

interdependência, mas agiu cada vez mais sob os impulsos do nacionalismo e da autossuficiência”. Por isso, na mesma hora do padrão-ouro, da desregulação dos mercados financeiros e da expansão imperialista do final do século 19, os Estados europeus começaram a praticar o protecionismo e a desenvolver as formas embrionárias de seus sistemas de proteção social, que iriam alcançar seu ápice com a criação do Estado de Bem-Estar Social, após a Segunda Guerra Mundial.

Seguindo Polanyi, podemos também formular a hipótese de que o sistema capitalista voltou a experimentar um grande impulso de internacionalização, liberalização e promoção ativa dos mercados desregulados, a partir dos anos 80 do século 20, e que esse “surto internacionalizante” entrou em crise terminal com as guerras do início do século 21 e o colapso econômico-financeiro de 2008. E foi essa crise terminal que desencadeou ou acelerou um novo grande movimento de autoproteção por parte dos Estados e economias nacionais, que começou na Rússia e na China, no início do século 21, alastrou-se pela periferia do sistema europeu e acabou atingindo o próprio núcleo financeiro e anglo-americano do sistema capitalista mundial, na hora do Brexit; e ainda mais, na hora da eleição de Donald Trump e seu “*America first*”. Dessa perspectiva, podemos também conjecturar que a onda neoliberal da América Latina dos tempos de Menem, Fujimori, Fernando H. Cardoso e Salinas fez parte do movimento geral de internacionalização, desregulação e globalização das décadas de 80/90, liderado pelos países anglo-saxônicos. E a “virada à esquerda” do continente, da primeira década do século 21, com seu viés nacional-desenvolvimentista, também fez parte desse novo e grande movimento de autoproteção estatal, econômico e social que está em pleno curso sob a liderança das quatro grandes potências que deverão liderar o mundo no século 21: EUA, China, Rússia e Índia.

Olhando para o mundo dessa maneira, pode-se entender melhor por que o *revival neoliberal* latino-americano dos últimos cinco anos durou tão pouco: porque está rigorosamente na contramão do sistema capitalista mundial. Apesar disso, essa reincidência neoliberal tardia pode fazer parte de uma disputa pelo futuro do continente, que ainda está em pleno curso e que pode se prolongar ainda por muitos anos, incluindo a possibilidade de um impasse sem solução. Ou seja, desse ponto de vista, apesar da grande vitória progressista deste outubro vermelho, o futuro da América Latina segue incerto e dependerá muitíssimo do que venha a passar na Argentina, Chile e Brasil, nos próximos tempos.

No caso da Argentina, o novo governo de Alberto Fernandez enfrentará desafios de grande proporção quase imediatos e que podem levar o país a repetir o dilema das últimas décadas, prisioneiro de uma “gangorra” que não deslança, ora sob o comando dos “liberistas”, ora sob o comando dos “nacionalistas”, sem conseguir sustentar uma estratégia de desenvolvimento que seja coerente, consistente e duradoura. A diferença entre Fernandez e Macri foi de 8%, e apesar de que Fernandez terá maioria no Senado, não o terá no Congresso, onde será obrigado a negociar com Macri e com os demais partidos para aprovar seus projetos. Além disso, Fernandez começará seu governo no mês de dezembro, com um país quebrado e endividado, com reservas que já estão quase inteiramente comprometidas com o pagamento de

dívidas de curto prazo, com altas taxas de inflação, desemprego e miséria. E com a ameaça permanente de ver seu governo torpedeado por novas explosões inflacionárias e crises financeiras que se repetem periodicamente na Argentina.

Por outro lado, no caso do Chile, as forças progressistas só poderão recuperar o governo em 2021, e até lá terão que negociar com o governo de Sebastián Piñera um programa de reformas constitucionais que terá que enfrentar o problema da reestatização dos serviços de saúde, água e saneamento básico, pelo menos, além da rediscussão do sistema de previdência social por capitalização, que fracassou rotundamente do ponto de vista dos aposentados. E a aceitação conjunta de que o desempenho macroeconômico chileno das duas últimas décadas é insuficiente para dar conta das necessidades concretas dos cidadãos comuns que não se interessam pelas cifras e querem apenas sobreviver com um mínimo de decência e qualidade de vida.

Por fim, o futuro brasileiro está cada vez mais difícil de prever depois dessa revolta continental. Mesmo que o país consiga se desfazer desse grupo de pessoas que se apoderou do estado brasileiro, evitando portanto a instalação autoritária de um regime controlado por milicianos e narcotraficantes, mesmo assim, depois do que já fizeram, eles já deixarão para trás, como uma herança funesta, um Estado e uma economia aos pedaços e uma sociedade dividida e moralmente destruída. O que foi construído pelos brasileiros nos últimos 90 anos está sendo destruído e entregue, sistematicamente, por esses senhores, em troca de promessas e blefes que não têm a menor base científica ou histórica. Mesmo sem voltar a falar da cegueira ideológica do senhor Guedes, basta ver o estrago que já foi feito pelo novo chanceler brasileiro à imagem internacional do país e à toda sua história diplomática, induzido pelos seus delírios religiosos e milenaristas, e pela sua decisão de “purificar” os costumes “ocidentais e cristãos”. A sua invasão da Venezuela já virou piada internacional, o seu Grupo de Lima implodiu e o seu servilismo aos Estados Unidos abriu portas para a formação de um novo eixo político-diplomático no continente, articulado em torno do México e da Argentina, enquanto ele próprio, se seguir por esse caminho, acabará passando para a história da diplomacia brasileira como um personagem patético: “Ernesto, o Idiota”.

Concluindo, mesmo depois que esse grupo de marginais e fanáticos seja devolvido ao seu devido lugar de origem, o Brasil terá que enfrentar o desafio extremamente complexo de reconstruir seu Estado, suas instituições e sua própria sociabilidade, ao mesmo tempo em que define os novos caminhos da sua economia. E isto só será possível a partir de um grande acordo civilizatório entre as forças políticas democráticas, que tenha como ponto de partida o rechaço terminante do projeto atual de destruição do Estado e de submissão do país à direção econômica e ao protetorado militar dos Estados Unidos.

10. **É hora de falar de uma primavera Latina?**

http://paragrafo2.com.br/2019/10/26/e-hora-de-falar-de-uma-primavera-latina/?fbclid=IwAR0TpDOlaQEUFWK4FH776CA4ItQPLZX4JWhWzbi7TnNFbpMEAF_aqBkq7B0

Rafael Pires de Mello 26 de outubro de 2019

“Temos guardado um silêncio parecido com a estupidez”

(Bolívar, S.)

Fotos: Agência – AFP

A ilusão do neoliberalismo começa a ruir. Na América Latina, o barulho das ruas ecoa pelos Andes. No Equador, a insurreição das massas foi despertada pelo aumento dos combustíveis que subiu impagáveis 123%. A população tomou as ruas, parte dos militares apoiou os manifestantes, violência e prisão por parte do governo incendiaram ainda mais a massa. A onda de protestos chegou a ponto de oito policiais serem presos pelos manifestantes num ato histórico de resistência. Lenín Moreno recua para acalmar as manifestações que cresciam dia após dia. Por trás do ato covarde do governo equatoriano está uma exigência do FMI.

O Chile está ainda em chamas e, junto com as ruas, queimam o modelo neoliberal empurrado garganta abaixo à população desde a ditadura nefasta de Pinochet. Sebastián Piñera autoriza o aumento do preço dos transportes coletivos de 800 para 830 pesos (3.75%), quase cinco reais brasileiros. Pode não parecer, mas o impacto desse aumento na renda das famílias mais pobres pode passar de 30% da renda líquida gastos somente com transporte.



No Chile, a devastação causada pelo neoliberalismo dos Chicago boys nas últimas décadas é grande. As aposentadorias privatizadas não ultrapassam 60% do salário, levando milhares de famílias a se endividarem.

Esse mesmo modelo assassino de pobres é o grande sonho de Paulo Guedes para os aposentados brasileiros.

O resultado de 30 anos de exploração e empobrecimento sistemático da população chilena explode no aumento da passagem dos transportes coletivos neste outubro, deixando quase duas dezenas de mortos, 500 prisões e centenas de terminais destruídos. Ao ver o levante popular, Piñera recua e propõe medidas sociais para reparar a crise, a população ainda não está satisfeita. O modelo de aposentadorias no Chile é um sistema de assalto massivo à população.

Na Argentina, Macri sofre uma reviravolta nas eleições de 2019, tanto o presidente argentino quanto o chileno trocavam elogios com Bolsonaro poucos meses atrás. Enquanto o turbilhão latino começa a bradar, Morales é ameaçado na Bolívia. O imperialismo internacional tenta tumultuar novamente as eleições locais, há clara tentativa de se fazer na Bolívia o que foi feito na Venezuela, será que a Argentina seguirá o mesmo caminho? Há também as crises do Peru, Colômbia e Paraguai.

Enquanto isso, no Brasil, discute-se a lavagem de roupa suja em público. O laranjal do partido de Bolsonaro começa a feder e uma versão trágica dos três patetas, encenada pelos filhos do presidente, é o prato do dia dos grandes jornais. A podridão evidente do governo ganha espaço e as grandes questões ficam em segundo plano, enquanto a direita troca ofensas infantis na presença do público, dá as mãos para cravar punhaladas de retrocessos nas costas do trabalhador.

Quando os ventos latinos soprarão no Brasil? Quando o povo retomará as ruas? Após as lições de 2013, é preciso maior clareza e organização, mas de uma forma ou de outra é preciso começar. Qual será a fagulha que incendiará nossa estranha calmaria? Motivos se têm aos montes: a justiça aparelhada, a reforma trabalhista, o aumento da miséria, o desemprego, o achatamento dos salários, os incêndios na Amazônia, a lama da Vale, o óleo das praias nordestinas, o assassinato da comunidade negra e pobre das periferias.



Bolsonaro dá um recado: alerta as forças armadas para estarem preparadas para o conflito, que até para ele é inevitável. A covardia do presidente diz muito sobre o que está por vir, despreparado, violento, autoritário e, ao mesmo tempo, submisso ao capital é o tom de seu discurso golpista.

O povo brasileiro é maior que Bolsonaro, assim como os povos irmãos da América Latina estão mostrando que são maiores que seus governos e maiores também que a falácia do neoliberalismo. A luta no Chile continua e poderá inspirar a de todos sul-americanos e que seja forte como uma canção de Víctor Jara e bela como um poema de Neruda.

11. Žižek: “Coringa” e o grau zero da revolução

<https://blogdaboitempo.com.br/2019/11/03/zizek-coringa-e-o-grau-zero-da-revolucao/>

A elegância do filme novo do Coringa é como a passagem crucial do impulso autodestrutivo a um “novo desejo” por um projeto político emancipatório se encontra ausente da trama. Assim, nós, os espectadores, somos convocados a preencher essa lacuna.

Publicado em 03/11/2019 // 3 comentários



Por Slavoj Žižek.

* TEXTO ENVIADO DIRETAMENTE PELO AUTOR PARA SUA [COLUNA NO BLOG DA BOITEMPO](#). A TRADUÇÃO É DE ARTUR RENZO.

Os críticos não souberam muito bem como categorizar o novo filme do Coringa: seria ele uma mera peça de entretenimento (como toda a série de filmes do Batman), um estudo aprofundado da gênese da violência patológica, ou um ensaio de crítica social? Partindo de uma perspectiva mais radical de esquerda, o cineasta [Michael Moore](#) leu *Coringa* como uma “peça muito oportuna de crítica social e uma ilustração perfeita das consequências dos atuais males sociais da América”: afinal, ao investigar a transformação de Arthur Fleck em Coringa, o filme traz à tona o papel dos banqueiros, o colapso da saúde pública e o abismo entre os ricos e os pobres. Contudo, para Moore, *Coringa* não apenas retrata essa América, como também levanta uma “questão desconcertante”: [e se um dia os despossuídos decidirem revidar?](#)

Antes mesmo do filme ter sido lançado, a mídia já alertava o público de que ele poderia incitar a violência. O próprio FBI especificamente advertiu que *Coringa* poderia inspirar atentados por parte de *clowncels*, um subgrupo de *Incels* obcecados por palhaços como o Pennywise, de *It*, e o próprio personagem do Coringa, da DC Comics. Até agora, contudo, não houve nenhum relatos de violência inspirada pelo filme. Ainda para Moore, mais do que sentir-se incitado à violência, ao final da sessão, você, o espectador “agradecerá esse filme por tê-lo conectado a um novo desejo – não o de fugir à saída mais próxima para salvar a própria pele, mas, ao contrário, o de se erguer e lutar, e focar sua atenção no poder de não-violência que você carrega em suas mãos todos os dias.”

Mas será que o filme realmente funciona assim? O “novo desejo” que Moore menciona decerto não é o desejo do próprio Coringa – ao final do filme, o protagonista se encontra inepto, e suas irrupções violentas não passam de explosões impotentes de raiva, exteriorizações de sua impotência básica. É

preciso ainda uma mudança adicional de postura subjetiva para que se passe das explosões do Coringa e se torne capaz de “se erguer e lutar e focar sua atenção no poder de não violência que você carrega em suas mãos todos os dias”. **Quando você se torna consciente desse poder, pode renunciar à violência corporal brutal.** E o paradoxo é que você se torna verdadeiramente violento (no sentido de apresentar uma ameaça ao sistema existente) somente quando renuncia a violência física. Isso não significa que o ato do Coringa constitui um beco sem saída a ser evitado – a lição de *Coringa* é que nós precisamos atravessar esse grau zero a fim de nos despirmos das ilusões que inerentes à ordem existente.

Entre outras coisas, nossa imersão no mundo sombrio de *Coringa* nos cura das ilusões e simplificações do politicamente correto. Nesse universo, não se pode levar a sério a ideia de que o consenso mútuo a uma relação sexual a torna *verdadeiramente* consensual. **O “discurso do consenso” é em si uma enorme farsa. Trata-se de uma tentativa ingênua de aplicar uma linguagem arrumadinha, inteligível e igualitária de justiça social à esfera sombria, desconfortante, implacavelmente cruel e traumática da sexualidade.** As pessoas não sabem o que querem, são perturbadas por aquilo que desejam e desejam coisas que elas odeiam: odeiam seus pais, mas querem fodê-los, odeiam suas mães mas querem fodê-las, e assim por diante. Pode-se facilmente imaginar o Coringa reagindo com uma risada excêntrica à alegação de que “foi consensual, então não há problemas” – foi assim que sua mãe arruinou sua vida...

Esse grau zero constitui a versão contemporânea daquela que certa vez foi denominada a posição proletária, a experiência daqueles que não têm nada a perder. Para citar nosso protagonista: “Eu não tenho mais nada a perder. Nada mais pode me ferir. Minha vida não passa de uma comédia.” É aqui que a ideia de que Trump seria uma espécie de Coringa no poder ao encontra seu limite evidente. Trump definitivamente não atravessou esse grau zero. Ele pode até ser um palhaço obscuro à sua maneira, mas certamente não é uma figura como o Coringa – chega a ser um insulto ao Coringa compará-lo a Trump.

O modo de agir de Trump é certamente obscuro, mas ele meramente traz à tona a obscenidade que constitui o obverso da própria lei. Não há absolutamente nada de suicida dele se gabar sobre como não respeita as regras do jogo: isso simplesmente reforça a narrativa dele como o presidente valentão que, em sua missão de alavancar os EUA no exterior, é constantemente importunado por elites corruptas; faz parte da lógica de legitimação segundo a qual suas transgressões seriam necessárias porque somente um sujeito disposto a quebrar as regras é capaz de esmagar o poder do pântano de Washington. Ler essa estratégia bem-planejada e bastante racional em termos de uma pulsão de morte é mais um exemplo de como de fato são os próprios liberais de esquerda que se encontram numa missão suicida, ao alimentarem a narrativa de que eles estariam lançados numa encheção de saco burocrático-jurídica enquanto o presidente estaria fazendo um bom trabalho para o país.

No filme *Batman: o cavaleiro das trevas* (2008), de Christopher Nolan, o Coringa é a única figura da verdade. Ele deixa claro a finalidade de seus ataques terroristas a Gotham City: eles cessarão assim que o Batman tirar sua máscara e revelar sua verdadeira identidade. Mas então quem é esse Coringa que quer revelar a verdade por baixo da máscara, convencido de que essa revelação provocará a destruição da ordem social? Ele não é um homem sem máscara, pelo contrário: trata-se de um sujeito plenamente identificado com sua máscara, *um homem que é sua máscara* – não há nada atrás da fachada, não há um “sujeito ordinário” por baixo de sua máscara. É por isso que o Coringa não possui história pregressa e carece de motivação precisa: **pra cada um ele conta uma história diferente sobre a origem de suas cicatrizes, debochando da ideia de que precisaria haver algum trauma profundamente arraigado que justificaria suas motivações.** Pode parecer que o novo filme do Coringa visa precisamente fornecer uma espécie de gênese social do personagem, retratando os eventos traumáticos que o tornaram a figura que ele é. O problema é que milhares de jovens garotos que cresceram em famílias arruinadas e foram vítimas de *bullying* sofreram o mesmo destino, mas apenas um deles “sintetizou” essas circunstâncias na forma da figura singular do Coringa. Em um dos primeiros romances sobre Hannibal Lecter, a alegação de que a monstrosidade de Hannibal seria o resultado de circunstâncias infelizes é prontamente rejeitada: **“Nada aconteceu com ele. Ele aconteceu.”**

O Coringa torna-se o Coringa no exato momento do filme em que ele diz: “Você sabe o que realmente me faz rir? Eu costumava pensar que minha vida era uma tragédia. Mas agora me dei conta de ela é uma porra de uma comédia.” Por conta desse ato, **o Coringa pode não ser moral, mas ele é definitivamente ético.** É importante notar o exato momento em que Arthur diz isso: quando, debruçado sobre o lado do leito de sua mãe no hospital, ele pega seu travesseiro e o usa para sufoca-la até a morte. O que, então, essa sua mãe representa? “Ela sempre me diz para sorrir e apresentar um rosto feliz. Ela fala que eu fui colocado aqui para espalhar alegria e risadas.” Ora, não é essa a representação mais pura do que é o superego materno? Não é à toa que ela o chama de Feliz, e não de Arthur.

Ao transformar-se no Coringa, Arthur se livra das garras de sua mãe (matando-a) ao mesmo tempo em que se identifica plenamente com o seu comando de rir. Sua propensão a irrupções compulsivas e incontroláveis de riso é paradoxal: ela é muito literalmente uma manifestação de **extimidade** (para usar o neologismo de Lacan que funde as palavras intimidade e exterioridade). Arthur insiste que ela forma o núcleo mesmo de sua subjetividade: “Lembra que você costumava me dizer que minha risada era uma condição, de que havia algo de errado comigo? Não é. Esse é o meu verdadeiro eu.” Mas, precisamente como tal, ela é externa a ele e à sua personalidade, passando a ser experimentada como um objeto parcial autonomizado que ele não consegue controlar e com o qual ele acaba se identificando plenamente. O paradoxo aqui é que na configuração edípica tradicional é o nome-do-pai que permite que um indivíduo escape das garras do desejo materno; com o Coringa, a função paterna está completamente fora do horizonte, de forma que o sujeito só pode superar a mãe através de uma sobre-identificação com seu comando superegótico.

No final do filme, vemos o Coringa como um novo líder tribal, mas desprovido de qualquer programa político, uma pura explosão de negatividade. Em seu diálogo com o apresentador de televisão Murray Franklin, Arthur insiste duas vezes que sua performance não é política. Referindo-se a sua maquiagem de palhaço, Murray o pergunta no camarim: “Qual é a desse rosto? Quer dizer, você é parte dos protestos?” A resposta de Arthur: “Não, eu não acredito em nada daquilo. Eu não acredito em nada. Só pensei que seria bom para o minha performance.” E, de novo, na frente das câmeras: “Eu não sou político. Só estou tentando fazer com que as pessoas riam.” Não há esquerda militante no universo do filme, trata-se apenas de um mundo achatado de violência globalizada e corrupção. Os eventos de caridade são retratados pelo que são: se a Madre Teresa estivesse lá ela certamente participaria no evento beneficente organizado por Thomas Wayne, um passatempo humanitário dos ricos privilegiados. Contudo, é difícil imaginar uma crítica mais estúpida de *Coringa* do que a queixa de que ele não retrata uma alternativa positiva à revolta do Coringa. Só imagine um filme feito nessa linha: uma história edificante sobre como os pobres, desempregados, desprovidos de qualquer rede de apoio de saúde pública, vítimas de gangues de rua e brutalidade policial etc., organizam greves e protestos não-violentos a fim de mobilizar a opinião pública – uma nova versão, não-racial, de Martin Luther King Jr... Seria um filme extremamente enfadonho, desprovido dos excessos alucinados do Coringa que tornam o filme tão atraente para o público.

Aqui chegamos ao xis da questão. Como parece evidente a um esquerdista que tais greves e protestos não-violentos constituem a única maneira de proceder (isto é, exercer uma pressão eficiente sobre aqueles que estão no poder), será que estamos diante de uma simples lacuna entre lógica política e eficiência narrativa? Isto é, numa formulação mais grosseira: será que apesar de *politicamente* constituírem um impasse, *narrativamente* as irrupções brutais como as do Coringa dão uma história interessante? Ou será que não haveria também uma necessidade política imanente na postura autodestrutiva encarnada pelo Coringa? Minha hipótese é de que é preciso atravessar o grau zero autodestrutivo representado pelo Coringa – não literalmente, mas é preciso que ela seja experimentada ao menos como uma ameaça, uma possibilidade. Só assim é possível romper com as coordenadas do sistema existente e vislumbrar algo realmente novo.

Em sua interpretação da derrocada do Comunismo no Leste Europeu, Habermas se provou ser o fukuyamaista de esquerda por excelência, silenciosamente aceitando que o horizonte liberal-democrático existente seria o melhor possível, e que, embora devamos buscar torná-lo mais justo etc., não devemos desafiar suas premissas básicas. É por isso que ele acatou justamente aquilo que muitos esquerdistas viam como a grande falha dos protestos anticomunistas no Leste Europeu: o fato de que eles não eram motivados por quaisquer novas visões de futuro pós-comunista. Para Habermas, as revoluções no centro e leste europeus não passavam daquilo que ele denominava revoluções “retificadoras” ou “recuperadoras”: o objetivo delas era fazer com que as sociedades do centro e leste europeus atingissem aquilo que as do oeste europeu já possuíam, isto é, reintegrar a normalidade da Europa Ocidental. No entanto, a onda de protestos em curso em diferentes

partes do mundo tende a questionar esse próprio quadro – e é por isso que figuras tipo “coringa” as acompanham. Quando um movimento questiona os elementos fundamentais da ordem existente, seus fundamentos normativos básicos, é quase impossível que se tenha apenas protestos pacíficos desprovidos de excessos violentos.

A elegância de *Coringa* reside em como a passagem crucial do impulso autodestrutivo a um “novo desejo” por um projeto político emancipatório se encontra ausente da trama. Assim, nós, os espectadores, somos convocados a preencher essa lacuna.

* * *

Leia também, na **coluna de Slavoj Žižek** no Blog da Boitempo, “[De Hong Kong ao Chile?](#)”, sobre as manifestações que vem tomando as ruas em diversas cidades da América do Sul, e “[A Amazônia está em chamas](#)”, sobre a urgência e as armadilhas ideológicas da questão ecológica hoje. Em **entrevista exclusiva ao Blog da Boitempo**, feita logo após a eleição de Bolsonaro, o filósofo esloveno reflete que uma novidade potencialmente interessante do Brasil é que aqui o populismo de direita que está no poder não abriu mão da imposição da austeridade. Leia [aqui](#).

* * *

Slavoj Žižek nasceu na cidade de Liubliana, Eslovênia, em 1949. É filósofo, psicanalista e um dos principais teóricos contemporâneos. Transita por diversas áreas do conhecimento e, sob influência principalmente de Karl Marx e Jacques Lacan, efetua uma inovadora crítica cultural e política da pós-modernidade. Professor da European Graduate School e do Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana, Žižek preside a Society for Theoretical Psychoanalysis, de Liubliana, e é um dos diretores do centro de humanidades da University of London. Dele, a Boitempo publicou [Bem-vindo ao deserto do Real!](#) (2003), [Às portas da revolução \(escritos de Lenin de 1917\)](#) (2005), [A visão em paralaxe](#) (2008), [Lacrimae rerum](#) (2009), [Em defesa das causas perdidas](#), [Primeiro como tragédia, depois como farsa](#) (ambos de 2011), [Vivendo no fim dos tempos](#) (2012), [O ano em que sonhamos perigosamente](#) (2012), [Menos que nada](#) (2013), [Violência](#) (2014), [O absoluto frágil](#) (2015) e [O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política](#) (2016). Colabora com o **Blog da Boitempo** esporadicamente.

Artur Renzo é editor do **Blog da Boitempo**, da **TV Boitempo** e da revista *Margem Esquerda*. Formado em Filosofia e em Comunicação Social com habilitação em Cinema, traduziu, entre outros, *A loucura da razão econômica: Marx e o capital no século XXI* (Boitempo, 2018), de David Harvey.

Yamil E Sousa Dutra FB 03 nov NEOANARQUISMO

Para quem não havia entendido, ainda, a mensagem mais importante do filme "Coringa"!

Chile, Hong Kong, Venezuela, Equador, Catalunha, Paris, Líbano, ... não importa o regime, ideologia ou estrutura de poder reinante, os novos-

anarquistas passam a orientar a direção e os processos das manifestações de rua.

- **Yamil E Sousa Dutra Interessante leitura sobre o anarquismo contemporâneo:**

https://en.m.wikipedia.org/wiki/Contemporary_anarchism



EN.WIKIPEDIA.ORG

- **Yamil E Sousa Dutra Armando Temperani Pereira !** O novo anarquismo é um redesenho, muito afastado das ideias anárquicas do século XIX. Tomou força a partir da segunda parte do século XX e está muito vivo no século XXI. É um movimento muito ligado à contra-cultura, à ecologia, à defesa das cultura indígenas, ao feminismo, aos movimentos estudantis dos EUA, França e Inglaterra, a movimentos nacionalistas (exemplo é o da Catalunha), à anti-globalização, etc. Sua violência e destrutividade surpreende todos os sistemas políticos e ideológicos de cujas manifestações, a favor ou contra, aproveita-se para desmoraliza-los perante a opinião pública, ao transforma-los em responsáveis pelos atos de vandalismo perpetrados. Uma estratégia para as quais leva os governos (sejam de direita, centro ou esquerda) a tomar medidas repressivas que alimentam o descontentamento e fragilizam ainda mais as estruturas políticas existentes. Este é objetivo, tornar a governabilidade inviável para os status quo.

12. As lições que vêm do Chile

<https://congressoemfoco.uol.com.br/opiniao/colunas/as-lico-es-que-vem-do-chile/?fbclid=IwAR3sw8aKLeqCzgYBnMOWV0-JTNJf9xA0WC0ZahHspvJ16VxeIIIG93-eWBUw>

Por Marcus Pestana Em 02 nov, 2019 - 7:15 Última Atualização 02 nov, 2019 - 8:13

Pestana defende é preciso colocar as pessoas no centro da agenda nacional

Um espectro ronda a América Latina – o espectro da incerteza. O Chile, país que tem os melhores indicadores do continente, explodiu nas ruas. A Venezuela vive sua crônica e dilacerante crise. Na Bolívia, a oposição reclama

da manipulação dos resultados eleitorais. O Peru experimenta forte impasse entre o Presidente e o Congresso da República. No Equador, manifestantes invadem o parlamento e o país vive em estado de exceção em função dos protestos contra o fim dos subsídios aos combustíveis.

> [Uma última palavra sobre as privatizações](#)

Na Argentina, os peronistas voltam ao poder, após a fracassada tentativa de ajuste de Macri e escolhem insistir na já derrotada estratégia de congelamento de preços e aumento voluntarista de salários. No Brasil, estamos brincando com fogo numa combinação explosiva entre desigualdade extrema, baixo crescimento, desemprego e instabilidade política e institucional alimentada diariamente. Fora daqui, como aqui, no Líbano e em Hong Kong, a população demonstra que na era das redes sociais tem pouca paciência com as elites, partidos e suas lideranças políticas.

Leia mais

[Democratizar os partidos políticos](#)

16 out, 2019

[A narrativa do lobby](#)

4 out, 2019

Mas o grande alerta vem do Chile. Já são mais de vinte mortes nas ruas. A semelhança do Brasil em 2013, ninguém previu a explosão social. Aqui, a fagulha foi o aumento das passagens de ônibus, lá a passagem do metrô. Não importa. Da fagulha, nos dois casos, os países viveram o incêndio da insatisfação social generalizada.

O Chile tem 25 mil dólares de renda per capita, o Brasil 15,6 mil. No PISA – Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes – o Chile tem o primeiro lugar da AL, ocupando a 43ª. posição entre 72 países, o Brasil amarga o 63º.

lugar. A expectativa de vida dos chilenos é de 79,52 anos, a nossa é de 75,71. A produtividade do trabalhador chileno é 73% maior do que a dos brasileiros. No Ranking da competitividade, o Chile está em 33º. lugar entre 137 países, o Brasil ocupa a 80ª. posição.

A extrema pobreza no Chile atinge 8,6% da população, no Brasil, 11,2%. No Chile, a riqueza é altamente concentrada, sendo que a fatia 1% mais rica fica com 23,7% da renda. Aqui é pior, 28,3%. A carga tributária no Chile é de 20,4% do PIB, no Brasil beira os 33%. O endividamento público chileno bate nos 23,5% do PIB, em terras brasileiras temos 80%. Vamos crescer, em 2019, provavelmente, 1%. A previsão do crescimento chileno antes da crise era de 3,3%. O desemprego no Chile está na faixa de 7,3%, no Brasil temos o índice preocupante de 12,3%. Além disso, apontou o IBGE, metade dos brasileiros vive com até 413 reais por mês. Nossos maiores sistemas públicos, o previdenciário e o tributário, são concentradores de renda.

Ao me desculpar por tantos números, necessários em tempos de tanta retórica vazia e radicalização extrema a exigir fatos e evidências, pergunto: quais são as lições que vêm do Chile?

A realidade demonstra de forma gritante que não basta crescimento econômico, liberalização e responsabilidade fiscal, é preciso colocar no centro da agenda nacional as pessoas. No Chile, os protestos são contra a previdência deles e seus efeitos desumanos, a concentração inaceitável de renda e as dificuldades de acesso à saúde e à educação. O Chile é o país com os melhores indicadores, mas isto não impediu a explosão social.

No Brasil pergunto: acordaremos a tempo?

Discurso da Servidão Voluntária
Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.
Saltar para a navegaçãoSaltar para a pesquisa
Discours de la servitude volontaire
Discurso sobre a Servidão Voluntária (PT)
Discurso da Servidão Voluntária (BR)

Autor(es) Étienne de La Boétie
Idioma Francês
Gênero Discurso
Edição portuguesa
Editora Antígona
ISBN 9789726080138
Edição brasileira
Tradução Laymert Garcia dos Santos
Editora Editora Brasiliense
Lançamento 1982

Discurso da Servidão Voluntária é um discurso de autoria de Étienne de La Boétie, publicado originalmente após sua morte em 1563.[1] O texto foi elaborado depois da derrota do povo francês contra o exército e fiscais do rei, que estabeleceram um novo imposto sobre o sal.[2] A obra se mostra como uma espécie de hino à liberdade, com questionamentos sobre as causas da dominação de muitos por poucos, da indignação da opressão e das formas como vence-las. Já no título aparece a contradição do termo servidão voluntária, pois como se pode servir de forma voluntária, isto é, sacrificando a própria liberdade de espontânea vontade?[3] Na obra, o autor pergunta-se sobre a possibilidade de cidades inteiras submeterem-se a vontade de um só. De onde um só tira o poder para controlar todos? Isso só poderia acontecer mediante uma espécie de servidão voluntária.[4] Ele afirma então que são os próprios homens que se fazem dominar, pois caso quisessem sua liberdade de volta, precisariam apenas de se rebelar para consegui-la.[5] Étienne afirma que é possível resistir à opressão, e ainda por cima sem recorrer à violência - segundo ele a tirania se destrói sozinha quando os indivíduos se recusam a consentir com sua própria escravidão. Como a autoridade constrói seu poder principalmente com a obediência consentida dos oprimidos, uma estratégia de resistência sem violência é possível, organizando coletivamente a recusa de obedecer ou colaborar.[6]

Índice

1 O conceito de servidão voluntária em Étienne de La Boétie

1.1 Tirania e exploração

1.2 O desejo inato pela liberdade

1.3 A origem do poder tirânico

1.4 O caminho para o fim da servidão

2 Referências

3 Ligações externas

O conceito de servidão voluntária em Étienne de La Boétie

Tirania e exploração

Em sua obra Discurso sobre a Servidão Voluntária, La Boétie analisa a relação de subordinação existente entre o soberano e seus súditos num governo tirânico.[7] Nesse sentido, o autor enxerga a disparidade entre a unicidade da figura do tirano e o número de súditos, os quais possuindo a mesma quantidade de poder que o déspota e, conseqüentemente, tendo seu direito natural à liberdade cerceada.[8] O poder do tirano, por sua vez, aumenta progressivamente à medida que seus servos sustentam a sua condição subserviente. Conforme afirma La Boétie, há três espécies de tiranos: o primeiro acede ao poder por meio do voto, o segundo pelas armas e o terceiro pela sucessão.[9]

O desejo inato pela liberdade

A tirania é um sistema autodestrutivo e, embora o povo não tenha feito conscientemente a escolha de estarem sob o jugo do tirano, ele possui a responsabilidade moral de romper o vínculo de submissão excessiva estabelecido com o déspota. Em seguida, La Boétie argumenta que, frequentemente, os indivíduos se associam e permanecem sob o jugo do tirano em razão de uma suposta segurança que lhes são proporcionada, mas que, verdadeiramente, traduz-se em exploração.[10] No entanto, apesar de haverem sua liberdade restringida, o súdito possui naturalmente o desejo da liberdade, mesmo não a conhecendo empiricamente. Tal fato é inclusive verificável entre os animais não humanos.[11]

A origem do poder tirânico

Segundo Étienne de La Boétie, o poder do tirano não advém exclusivamente de sua força física, mas sobretudo da magia que seu nome é capaz de cativar. Nesse sentido, o nome do tirano exerce uma certa magia acerca das representações e desvincula o medo do poder, o qual se constitui mais pelo afeto do que pela força existente de fato.[12] Tem-se lugar, portanto, uma avaliação afetiva dos súditos para com o déspota; o nome do tirano lança um efeito mágico e se atribuem qualidades ao rei que não se verificam. Dessa forma, tem-se em vista de que a força do soberano está apoiada em nenhum dos seus súditos, nem mesmo naqueles responsáveis em sua própria segurança, os quais somente o vigiam por mera formalidade ou espanto.[13] Ademais, por ser senhor de todos, o tirano não possui companheiro algum, uma vez que a amizade pressupõe a existência de uma estima mútua, sendo ela incapaz de germinar em relações apoiadas em crueldade, deslealdade e injustiça.[14]

O caminho para o fim da servidão

Por fim, o autor apresenta a maneira pela qual os súditos devem agir para destituir o tirano de seu poder ficcional. Para que isso aconteça, basta deixar de servi-lo.[15] É simplesmente pela tomada de consciência dos servos que se desvencilha da tirania. Em suas palavras, o povo se decapita justamente quando delega decisões que deveriam ser tomadas por ele mesmo a apenas um homem, ou seja, à medida que cada súdito concede seu poder ao tirano, o próprio povo corta a sua garganta.[16] Em última análise, La Boétie reforça a indignidade de o ser humano viver no estado de submissão, devendo retomar ao estado de liberdade política a partir da tomada de consciência da existência da opressão despótica.[17]

13. Carlos Azevedo: O brasileiro é corrupto? Uma leitura de Elite do Atraso, de Jessé Souza

01/11/2019 - 22h50

[por Carlos Azevedo, no Vermelho](#)

A Elite do Atraso — Da Escravidão à Lava Jato, de Jessé Souza (Editora Casa da Palavra/Leya, 2017) é um bombardeio à tese do patrimonialismo, do “homem cordial”, movido pelos sentidos e não pela razão, que busca o sucesso pelo “jeitinho” e não pela lei, postura que generalizada no Estado resultaria em governos comandados por políticos corruptos. Esse Estado corrupto é que impediria o “puro e honesto” mercado de promover o desenvolvimento do país.

Jessé Souza escreve que a ambição de seu livro “é dotar a esquerda, ou seja, a visão que expressa os interesses da minoria esquecida, de uma reflexão que supere a mera proposição de um programa econômico alternativo”.

Ele propõe uma insurreição contra a corrente hegemônica da sociologia brasileira que tornou incontestável, verdade absoluta, a tese do patrimonialismo como característica predominante nas mentes e corações dos brasileiros, refletida na administração do Estado e nas relações sociais entre nós.

Questiona a tese nascida na USP pela obra *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, e desenvolvida por Raymundo Faoro em *Os Donos do Poder*.

É a tese do brasileiro “homem cordial”, que se deixa comandar pela emoção, pelos sentimentos em vez da razão, que se rege pelas relações de compadrismo, que em vez de obedecer à lei busca o famoso “jeitinho brasileiro”, que favorece os laços pessoais em detrimento da lei e do mérito. Assim criou-se o “brasileiro genérico”.

Essa falsa singularidade resulta num sentimento de inferioridade perante os estrangeiros, o chamado “complexo de vira-lata”. É a ideia naturalizada de que o brasileiro seria essencialmente corrupto em contraposição aos “puros” norte-americanos e europeus.

Segundo o autor, esse preconceito está entronizado na nossa sociedade. Na esfera do poder, ele se traduz pelo patrimonialismo, herdado de Portugal, que teria formado a nossa elite política essencialmente corrupta que se apossou do Estado.

Souza considera que essas concepções falseiam a realidade social brasileira. Ao apontar o patrimonialismo como o principal problema nacional, parecem conter uma crítica radical de nossas mazelas – mas na verdade distorcem o que é central, o conflito de classes, tornado invisível, substituído por um falso conflito entre Estado patrimonialista corrupto e o mercado, este sim, virtuoso.

Assim, tornam literalmente invisível a verdadeira elite de rapina que se encontra no mercado, dominado por oligopólios e atravessadores financeiros.

A escravidão é a semente

Em oposição ao patrimonialismo, o autor apresenta o sistema escravista que dominou todas as relações sociais no país durante três séculos e meio como o berço de todo o sistema de classes que se desenvolveu desde então – sistema que, na essência, se mantém até os dias de hoje.

Desde o período colonial, a produção agrícola de monocultura tinha como antagonistas, de um lado o português dono de grandes extensões de terras, e de outro, os escravos, indígenas e africanos.

O senhor comandava de forma autárquica (distante da administração de Portugal) e era o poder absoluto.

Dominava até a religião, tinha capela própria em casa e o padre era seu dependente.

A sua vontade, regras impostas por ele mesmo, era a lei. Seus escravos eram mantidos submissos a ferro e fogo e essa vontade total e indiscutível era dona da vida e da morte desses seres considerados como coisas, alvos de toda a violência, de humilhação e desprezo.

As condições de trabalho no eito eram terríveis e quaisquer reações de rebeldia tratadas com suplícios hediondos e a morte.

Devido a esse clima, a casa grande vivia em permanente tensão, assombrada pelo temor de um levante da senzala, e assim se desenvolveu um ódio covarde dos negros.

O senhor tinha o poder sobre os corpos dos seus escravos e estabelecia relações de intimidade com as escravas que trabalhavam na casa grande, relacionamento que Gilberto Freyre qualificou de “sodomasoquista”, porque envolvia ao mesmo tempo proximidade e crueldade, uma sexualidade com aparência de familiaridade, mas que ao cabo era sempre imposta e sem limites.

Dessas relações geraram-se os bastardos, mestiços, que muitas vezes eram mantidos na família e também podiam ser tratados como filhos quase tanto

quanto os filhos da mulher branca casada com o senhor, a depender de seu humor ou conveniência.

Esse sistema escravocrata, patriarcalista e familista, iria sobreviver como elite adaptando-se às transformações políticas e econômicas que se deram com a chegada da família real ao País e o início da modernização da economia.

Entrincheirado nos seus casarões urbanos, transmitia a seus herdeiros sua ideologia autoritária, seu desprezo ao trabalho manual e o ódio covarde à “rua”, isto é, aos negros e pobres.

A libertação dos escravos, em 1888, sem os indenizar, sem lhes oferecer terras para cultivar nem condições de educação, e retirando dos senhores a obrigação de sustentá-los, resultou em uma grande precarização.

Formalmente libertos, os negros – que eram maioria no país no momento da Lei Áurea – ficaram submetidos a vender sua força de trabalho aos antigos senhores por salários miseráveis.

Em seguida, com a importação maciça de imigrantes europeus, habituados ao trabalho assalariado e com mais experiência técnica, a mão-de-obra de negros e pobres foi desprezada.

Amontoada em favelas, sem terra, sem trabalho, sem escola, a população negra foi empurrada para a marginalidade reforçando o preconceito e o ódio secular contra ela.

Desde então, o Estado e a sociedade afluyente justificam o repúdio e o abandono dessa parte da população, cristalizando uma pérfida visão do negro como preguiçoso, mentalmente inferior, de tendência criminosa, violento, ladrão, assassino, que pode ser morto sem qualquer repercussão.

O medo dos escravistas da “rebelião negra” foi substituído na atualidade pela definição do negro como “inimigo da ordem”. Esses milhões de abandonados pelo Estado viriam a formar o que o autor chama de “ralé brasileira”.

Escravos na colheita do café. Marc Ferrez, 1882, Rio de Janeiro.

Ao mesmo tempo, aqueles setores da população criados à sombra da elite escravocrata, os bastardos, mestiços, mulatos, brancos pobres, foram se desenvolvendo como artesãos e, na medida em que a economia se tornava mais complexa, nas profissões da indústria incipiente, no comércio e serviços.

Era uma classe média que nascia dependente da elite e a seu serviço. E importante: afinada ideologicamente com a elite, tanto na ambição de fazer parte dela quanto no ódio e desprezo pelos negros e pobres.

No seu desenvolvimento posterior, a sociedade veio a constituir quatro classes.

Da elite do atraso à “ralé brasileira”

Souza critica as concepções de classe do liberalismo e a de inspiração marxista, o primeiro pela simplista divisão da sociedade em faixas de renda: A, B, C, D, E, como se só o bolso fizesse a diferença entre as classes. E a segunda por focar apenas no lugar ocupado na produção.

Classifica ambas como economicistas, ressaltando que a de inspiração marxista está mais próxima da realidade.

Mas esta não consegue explicar o principal: por que algumas pessoas escolhem certo tipo de ocupação ou de lugar na produção?

É preciso partir do “berço”, ou seja, da socialização familiar primária para compreender as classes e sua formação.

As classes são reproduzidas no tempo pela família e pela transmissão afetiva de dada “economia emocional” pelos pais aos filhos.

São um fenômeno sociocultural e não apenas econômico. São os estímulos que a criança de classe média recebe em casa para o hábito da leitura, para a imaginação, o reforço constante de sua capacidade e autoestima que fazem com os que os filhos dessa classe sejam destinados ao sucesso escolar e depois ao sucesso profissional no mercado de trabalho.

Os filhos dos trabalhadores precários, sem os mesmos estímulos ao espírito e que brincam com o carrinho de mão do pai servente de pedreiro, aprendem a

ser afetivamente, pela identificação com quem se ama, trabalhadores manuais desqualificados.

Isso é o que possibilita, em um caso, o sucesso, e em outros, o fracasso social como já havia sido enunciado por Florestan Fernandes.

Considere-se a importância do exemplo que vem do ambiente e da convivência em casa.

Além disso, a simples comparação entre o estímulo que o filho de classe média recebe tendo a melhor escola e sendo sustentado durante anos para apenas estudar, e o filho do trabalhador mais pobre, sem exemplo familiar em quem se inspirar e frequentando más escolas, além de logo ter de trabalhar, forma o cenário da desigualdade aguda que reduz a pó o conceito de meritocracia e põe em ridículo a vaidade do profissional bem sucedido “por méritos próprios”.

Os privilégios de uns e a carência de outros são decididos desde o berço.

O quadro geral da sociedade mostra no topo da hierarquia social as antigas famílias proprietárias rurais de cafeicultura que se entrelaçaram com as redes de comercialização nacionais e internacionais e mais tarde assumiram o comando da produção industrial e se associaram ao capital financeiro, resultando na elite atual.

Mais abaixo, como elemento dinâmico da livre empresa em expansão, aparece o “estrangeiro”, o imigrante, com produtividade 1/3 maior que a do antigo escravo e que vai eliminando a concorrência do negro.

A ele se juntam os segmentos mais cultos ou semi-instruídos de origem nacional, brancos pobres, mulatos empenhados na busca do “embranquecimento”, entre eles descendentes dos bastardos e agregados da antiga casa grande. Vão formar a classe média.

Abaixo desse segmento dos incluídos no mercado competitivo se desenvolveu uma plebe nacional composta por brancos e mestiços que vieram do campo para a cidade e que se inseriram nos interstícios da nova ordem como artesãos, prestadores de serviços, operários, formando a classe trabalhadora,

sempre reprimida e que teria seu acesso à política só a partir das grandes greves do final dos anos 1970.

E, mais abaixo de todos, a “ralé brasileira” dos novos escravos, que representa um terço da população, negros e pobres que são alvo da repressão violenta do sistema, desprezados e humilhados pelas outras classes, abandonados pelo Estado, com ganhos miseráveis, sem acesso à educação, à saúde, sem direitos e, como antes e até hoje, podem ser assassinados impunemente.

Para o autor, a grande questão social, econômica e política do Brasil é a existência continuada dessa ralé de novos escravos. Sem que essa questão se resolva, o Brasil não avança como nação.

No seu desenvolvimento, a elite herdeira dos senhores de terras e escravos, que em número representa uma ínfima minoria, veio a dominar o mercado e concentrar o capital econômico, controlando o Estado, atuando na retaguarda dos políticos por ela patrocinados e eleitos e encaixando seus apadrinhados na máquina estatal para assumir e manter as rédeas do poder (são como os “aviõezinhos” no tráfico de drogas).

Mas essa larga hegemonia que se desenvolveu ao longo do século 20, e se mantém, não poderia se realizar sem o auxílio de uma outra classe, a classe média.

Ela é a mais estratégica para o padrão de dominação social instaurado porque detém o que o autor chama de “capital cultural”, ou seja, a posse de conhecimento útil em suas mais variadas formas, que seus membros adquirem desde o berço, na família até os bancos da universidade.

Para controlar o Estado e o mercado a elite do dinheiro precisa contar com o capital cultural, isto é, com o conhecimento dos profissionais engendrados no seio da classe média: economistas, engenheiros, juízes, advogados, enfim todos os que reúnem preparo técnico para fazer girar a máquina da economia, da política, da área cultural etc.

Para conquistar corações e mentes da classe média por meio do convencimento e torná-la seu “cão de guarda”, a elite do dinheiro manipulou a peso de ouro a esfera pública.

Esta é a instância em que se trava o debate das grandes ideias que mobilizam a sociedade – a área da intelectualidade, a universidade – e os setores que divulgam essas ideias, a imprensa e a indústria cultural.

Por exemplo, nasceram na USP as ferramentas ideológicas para promover a dominação: a tese do patrimonialismo como problema central do país, em detrimento da herança escravista, e a tese do populismo, que serve para depreciar e desmobilizar as lutas populares e as tentativas desenvolvimentistas como os governos de Getúlio Vargas e de Lula.

Naturalizando essas ideias que desaguam no “brasileiro cordial”, no “jeitinho brasileiro” e em que a singularidade do brasileiro é ser corrupto, a elite do dinheiro “comprou” a classe média.

Explorando a lenda da moralidade, suposto apanágio da classe média, colocou no centro do debate a questão da corrupção (mas seletivamente só a corrupção dos governos populares), assim tornando invisível o que realmente é principal: a violenta luta de classes que se trava na sociedade, com a brutal exploração da força de trabalho, imposta pela violência física e simbólica, e justificada pelo ódio e preconceito contra as massas populares, herança do sistema escravista.

A quatro frações da classe média

A classe média, colonizada pela elite do dinheiro, é a classe estratégica para o processo de dominação do Estado e sociedade.

Essa classe, que representa um terço da população, se apropriou do capital cultural, isto é, forma a intelectualidade, desenvolve e difunde as ideias hegemônicas.

Entretanto, nem sempre é reacionária e sobretudo não é homogênea. Na atualidade ela se apresenta em quatro nichos: 30% dela forma a fração profascista; 35% é a fração liberal; 20% é a fração expressivista; 15% é a fração crítica.

Estas duas últimas frações são as mais instruídas, que tendem a perceber a própria vida e a vida social mais como invenção cultural e menos como natureza já dada. Entre elas há uma subdivisão importante.

A expressivista representa mais da metade dessas duas frações próximas. Prioriza temas identitários, como a defesa do meio ambiente, de minorias, sustentabilidade e responsabilidade social das empresas. O charme dessas posições é que elas aparecem como emancipadoras. Temas fundamentais, mas que são uma inversão das hierarquias.

Porque, num país onde tantos levam uma vida miserável, a superação da miséria deles é a luta primeira e mais importante.

As lutas pelo meio ambiente e pelas minorias são levadas a cabo em substituição a uma pauta mais abrangente que permitiria ligar essas lutas à luta geral contra todo tipo de opressão material e cultural.

Sem essa ligação, a questão da divisão da riqueza e poder, que é o que realmente importa na sociedade, fica em segundo plano e o capitalismo financeiro fica muito à vontade.

A outra subdivisão é a crítica, que representa 15% e é a menor entre todas as frações da classe média.

O que a caracteriza é menos uma posição política, mas, sim, sua atitude em relação ao mundo social que é percebido como construído, e que da mesma forma que foi construído pode ser reconstruído.

Essa postura se contrapõe à percepção conservadora do mundo que seria dada pela natureza e à qual só cabe se adaptar, adotada pelas frações majoritárias. A pequena fração crítica navega em mares turvos em luta constante contra a corrente dominante.

A frações profascista e liberal, segundo as pesquisas do autor, representam 65% da classe média.

Estão na área do conhecimento técnico, aquele conhecimento que serve diretamente às necessidades do capital e de sua reprodução e de menor contribuição para a transformação da própria personalidade. Nesse setor, procura-se estar junto com a maioria.

Para evitar a insegurança e o risco, busca-se a segurança das certezas compartilhadas. O mundo compartilhado confere a sensação de que ele é a sua casa. Essas são as frações mais suscetíveis à influência da imprensa monopolista que articula e hegemoniza o discurso dominante e vende a esse público cativo e imbecilizado pela manipulação da realidade a sensação de tranquilidade das certezas fáceis. Essas são também as frações do moralismo.

A fração profascista se espalha da classe média para setores das classes populares que, com o golpe de 2016, se viram com liberdade para expressar legitimamente seu ódio e ressentimento. O ódio às classes populares aqui é aberto e dito com orgulho.

O pacto antipopular

O pacto da elite do atraso com a classe média promoveu a conspiração que provocou a morte de Getúlio Vargas, em 1954, o golpe militar de 1964, que derrubou o governo de Jango, e o golpe de 2016 que tirou Dilma do poder.

Em todos os casos a justificativa, infundada, foi a corrupção. Em todas essas oportunidades, foi fundamental o papel da mídia.

No golpe contra Dilma, representou papel fundamental o conluio entre a Rede Globo (seguida pelo restante da grande imprensa) e a Operação Lava Jato. Por que isso acontece?

Na Europa e nos Estados Unidos, a esfera pública, que é a esfera da intelectualidade, das universidades, do debate das ideias e de seus multiplicadores, a imprensa e a área cultural, desenvolveu-se promovendo

formas de comunicação que manifestam posições plurais (como as TVs públicas na França, Inglaterra, Alemanha, etc).

Bem diferente disso, no Brasil a esfera pública foi desde sempre monopolizada pela elite do dinheiro hoje formando o grande complexo empresarial da mídia empenhado em mistificar e falsear a realidade para um público cativo e despreparado porque sem acesso à educação e à formação de uma consciência autônoma e crítica. O seu alvo principal é a classe média.

A Globo, tendo participado da corrupção sistêmica do País desde há muitos anos, como denunciou Emílio Odebrecht em seus depoimentos à Lava Jato, traiu seus comparsas e se apresentou sem culpa, tirando onda de “virgem no cabaré”.

Como a Globo conseguiu tanto poder? Com base no seu monopólio virtual da informação, logrou manter uma sociedade imbecilizada e desinformada, subjugou os poderes da democracia representativa e cooptou o aparelho judiciário-policial do Estado e ajudou, como nenhuma outra instituição, o aprofundamento de uma crise sistêmica. Praticou crimes contra a democracia e não perdeu a concessão pública.

Este é o resultado da colonização da esfera pública pelo poder do dinheiro. É uma esfera pública para inglês ver, dominada pelo capital e sem qualquer pluralidade de opiniões. O mecanismo que viabiliza esse tipo de dominação é uma imprensa desregulada e venal e que participa do esquema elitista dominante do saque e rapina do fruto do trabalho coletivo.

A Globo é a roupagem perfeita para um capitalismo selvagem e predatório que chama a si mesmo de emancipador e protetor dos fracos e oprimidos.

O mais cruel é que as possibilidades de redenção real são tanto mais impossíveis quanto maior a influência dessa mensagem mistificadora produzida pela emissora. Como no golpe de 2016, quando a Globo ajudou a impedir a continuidade de um processo de ascensão social dos pobres que era real.

A Globo e a operação Lava Jato são os agentes principais dessa verdadeira regressão civilizacional que sacode o país deixado em frangalhos, econômica, política e moralmente.

O resultado é que a cruzada contra a corrupção promovida pela Globo, o resto da grande mídia, e pela Lava Jato, feriu de morte nosso jovem experimento democrático e estigmatizou a bandeira da igualdade social.

E para finalizar:

Não vamos ser ingênuos. O início da Lava Jato foi a perspectiva de se acabar com o sonho dos BRICS e dos brasileiros que aspiram um país próspero para a maioria.

Para os EUA, o Brasil e a América Latina só entram como fornecedores de matéria-prima, sem acesso a progresso industrial e tecnologia de ponta. Afinal, se existe uma coisa que não muda na América Latina, é que os EUA estão por trás de todos os golpes de Estado.

* **Carlos Azevedo é jornalista**

Parte superior do formulário

Últimas unidades

A mídia descontrolada: Episódios da luta contra o pensamento único

O livro analisa atuação dos meios de comunicação.

A publicação traz uma coletânea de artigos produzidos por um dos maiores especialistas do Brasil no tema da democratização da comunicação.

Por Laurindo Lalo Leal Filho

COMPRAR AGORA - R\$ 35 + FRETE

O ECLIPSE DA DEMOCRACIA

Num misto de perplexidade, revolta e impotência, assistimos a um eclipse bastante generalizado da democracia. Não um recuo oportunista, arbitrário e passageiro de qualquer dos países ditos “subdesenvolvidos”. Ao contrário, trata-se de um avanço de posturas autoritárias e retrógradas, reacionárias e obtusas no interior mesmo das democracias historicamente consolidadas. Um retorno sistemático e orquestrado de governos de extrema direita, vestidos com a roupagem do nacionalismo populista. Expressão não apenas do conservadorismo tradicional, no sentido de manter o *status quo*, mas de um

saudosismo infantil e doentio dos regimes de exceção como as ditaduras militares, totalmente avessos à prática democrática.

Eclipse gradual, parcial ou total? A dosagem parece variar caso e caso. No Brasil, por exemplo, que se encontra a meio caminho entre os países centrais e os periféricos – se é que ainda faz sentido falar do grupo BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul – o eclipse começa com a tomada de posse do atual governo. Os ataques às instituições e instâncias democráticas tiveram início já com a campanha do candidato a presidente Jair Bolsonaro. Esperava-se que ao entrar nos palácios da Alvorada e do Planalto, o tom adquirisse uma tonalidade mais moderada, em vista da governabilidade. Mas a atitude hostil, belicosa e destemperada em relação às diversas organizações de qualquer sociedade que se diz democrática, só fez recrudescer com a passagem do candidato à função de máximo expoente da República.

Junto com o presidente, vieram os filhos Flávio, Eduardo e Carlos, respectivamente senador, deputado federal e vereador pelo Rio de Janeiro. O país então passou a ser comandado pelo clã Bolsonaro. Tanto pelas redes sociais quanto nas falas improvisadas ou coletivas de imprensa, os destemperos se multiplicaram. O clã em peso, armado de uma verdadeira metralhadora verbal e giratória, cuspiu fogo, ofensas e impropérios em todas as direções. Tentava, além disso, mas em vão, reescrever e ressignificar conceitos históricos, há tempos batizados e sacramentados pelos especialistas do assunto, tais como ditadura e golpe militar, tortura, holocausto...

Voltando ao tema do eclipse da democracia, nestes últimos dias caíram todas as máscaras dos Bolsonaro, se é que ainda havia dúvidas quanto à “nova política” (tão velha quanto a tirania pura e simples). A frase é tão estarrecedora que convém passar a palavra ao próprio Eduardo Bolsonaro: “Se a esquerda radicalizar, a resposta pode ser um novo AI 5”. Ignorância, miopia ou autoritarismo? De fato, somente uma *ignorância* absoluta quanto aos horrores perpetrados pelo Ato Institucional nº 5, instituído no período da ditadura militar, em dezembro de 1968, pelo então presidente Artur da Costa e Silva, poderia justificar semelhante declaração. Tamanha ignorância na pessoa de um deputado federal seria causa de imediato afastamento.

Quando à *miopia*, vem da sua visão de uma esquerda que estaria se radicalizando. Talvez fosse mais indicado falar de absoluta cegueira. Bastaria um voo rasante pelos movimentos, entidades e organizações de esquerda no Brasil de hoje, para verificar quanto se encontram fragmentadas e apáticas, para não multiplicar os adjetivos. Em termos político-ideológicos, toda e qualquer tipo de radicalização no decorrer do governo Bolsonaro vem de seus próprios integrantes. Tanto é verdade que, em sua animosidade insistente e patológica, não faltarão tiros no pé e frequentes recuos. O próprio Eduardo, após as múltiplas e negativas repercussões negativas de sua frase, impensável e inadmissível em um representante da nação escolhido por via democrática, não teve outra alternativa senão voltar a trás e pedir desculpas.

Resta o *autoritarismo*. Talvez um desejo reprimido que, a exemplo de um vulcão, vem à tona com toda força devastadora. Desejo de *fechar* os canais legais por onde a prática democrática circula de forma livre; de *destruir* os instrumentos criados para que o regime democrático exerça o poder com sensatez e autocontrole entre as diversas instâncias; e de *desconstruir* os

mecanismos que impedem a volta de qualquer tipo de arrogância destemperada.

Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs – Rio de Janeiro, 1º de novembro de 2019

14. 'O capitalismo nunca foi tão forte como agora. E o maior risco ao sistema e à democracia é a plutocracia'

NOVEMBER 03, 2019

Branko Milanovic avalia que o capitalismo nunca esteve tão forte como agora
Divulgação/FMI/28-1-2016


RIO - Um dos maiores especialistas em desigualdade do mundo, o economista sérvio-americano Branko Milanović afirma que a plutocracia, ou seja, a apropriação de poder político e econômico por uma minoria, é uma ameaça maior à democracia e ao próprio sistema capitalista do que o "populismo" - termo que, aliás, ele rechaça. O ex-economista-chefe do Departamento de Pesquisa do Banco Mundial acaba de lançar o livro "Capitalism, Alone" ("Capitalismo, sozinho", em tradução livre; a obra será lançada no Brasil em 2020 pela Todavia), no qual sustenta que o sistema capitalista opera hoje sem rivais. São dois modelos, ambos capitalistas: o liberal meritocrático, ao estilo americano; e o político, ao estilo chinês. Em ambos, o aumento do risco de uma plutocracia, sustenta o economista em entrevista, por telefone, ao GLOBO. Professor visitante na City University de Nova York, Milanović vê o capitalismo mais forte do que nunca, porque se expandiu a áreas antes não tocadas pela economia do mercado, como as relações cotidianas nas redes sociais e os hábitos de compartilhamento. Essa força do capitalismo ocorre apesar do aumento da desigualdade e de movimentos de contestação, como os que irromperam no Chile. No seu livro, o senhor argumenta que o capitalismo não tem rival no mundo atual. Por quê? Meu argumento é que a maneira pela qual a produção está organizada em todos os países do mundo hoje é calcada em princípios capitalistas. Claro que algumas partes não são, porque há participação do Estado em áreas como educação, saúde etc. Mas se você olhar o número de pessoas empregadas em setores baseados em mercado, mesmo em países como a Suécia, o percentual ultrapassa 70%. Em outros países, o número é ainda maior. Logo, factualmente falando, não há outros modelos concorrentes. Não há sistema socialista, de planejamento central, de meios de produção estatais etc. Logo, o capitalismo é, de longe, o sistema preponderante. E por que o capitalismo é tão forte? Até 30 anos atrás, quem desafiava o capitalismo era o comunismo, organizado com base em outros princípios. O capitalismo foi capaz de vencê-lo porque

proporcionou uma taxa de crescimento maior e elevou o bem estar da população. Além disso, o capitalismo está se expandindo sobre novos setores e criando mercados onde não existiam antes. Estou falando de mercados relacionados à digitalização, mas também mais que isso, com o desenvolvimento de Uber, Lyft, Airbnb etc. Logo, o capitalismo está mais poderoso porque está se expandindo em novos mercados, e nosso comportamento é cada vez mais solidário com esse sistema. No seu livro, o senhor argumenta que um sistema de valores compartilhado por todos é importante para a força do capitalismo. Qual é este sistema? Há um consenso, que remonta a Platão, segundo o qual, para um sistema econômico funcionar, deve haver uma certa coincidência entre alguns dos objetivos que ele impõe e o sistema de valores da população. Mais recentemente, Rawls - John Rawls, um dos mais influentes filósofos políticos do século XX - abordou isso na vida cotidiana, sobre como nós temos que afirmar os princípios do sistema no dia a dia. Isso significa que, para o capitalismo prosperar, ele precisa, primeiro, do interesse pessoal dos indivíduos e de um sistema de valores que coloque a aquisição de riqueza e dinheiro no topo. Porque isso é necessário para a reprodução do sistema. Meu argumento é que esses valores foram absorvidos pelas pessoas e que nós nos comportamos de acordo com esses valores no nosso dia a dia. Gostemos ou não, nós damos suporte à reprodução do sistema. De maneira geral, nosso comportamento corresponde a um sistema de valores que reforça o modo de produção capitalista.

O senhor está falando de questões como meritocracia e liderança? Sim, mas quando eu me refiro à meritocracia, eu falo no contexto de capitalismo meritocrático. Sempre digo que o significado de meritocrático não é, tecnicamente, aquilo que entendemos na língua corrente. Nela, significa algo que é merecido. Mas, do ponto de vista técnico, um sistema meritocrático é aquele em que não há impedimento legal para se alcançar determinada posição na sociedade. Por exemplo, não há servidão nem aristocracia, o que há é trabalho. A diferença entre meritocrático e liberal é que, no sistema liberal, você tem dois ajustes. O primeiro é a educação pública, para corrigir diferenças de background. O segundo é a tributação de heranças para corrigir diferenças no background familiar. Essas definições foram estabelecidas por Rawls em "Uma Teoria da Justiça".

Por que o senhor não vê uma crise no capitalismo, já que parece haver tanto descontentamento popular sobre ele? Quando eu falo que não há crise, eu não quero dizer que as pessoas não estão descontentes. É muito claro que elas estão, se você olha o que está acontecendo no Chile, no Líbano, no Egito ou na França. O que eu quero dizer é que, dada a forma como o capitalismo está geograficamente espalhado e a criação de novos mercados, o capitalismo nunca foi tão forte como agora. Entretanto, há problemas que, na minha opinião, são provocados pelo efeito da globalização, que tem sido muito negativa, ou pelo menos não muito positiva, para a classe média no mundo rico. Logo, elas estão reagindo ao efeito distributivo da globalização. Mas há razões diferentes. No caso do Chile, a reação é contra uma visão extremamente neoliberal que vem sendo imposta há anos. Logo, há uma série de razões individuais, mas, em termos empíricos, não há uma crise generalizada. Para que houvesse, seria necessário existir um projeto de modelo alternativo.

O Chile costuma ser citado como exemplo de modelo capitalista liberal na América Latina. O senhor acha que a convulsão social por lá pode ser explicada pelo aumento da desigualdade? É uma questão de desigualdade de renda, mas não apenas isso. O Chile tem uma desigualdade de renda muito elevada para um país não tão grande que não tem um histórico escravagista como o Brasil. Por isso, é tão impressionante que a desigualdade seja tão alta no Chile. A outra coisa é que o Chile tem uma extrema concentração de riqueza. Tem um grande número de bilionários, alguns com muitos bilhões. E passou uma privatização e commoditização total de serviços públicos. E, além disso tudo, um sistema privado de aposentadoria. Logo, foram vários desses elementos que contribuíram para que as pessoas mais pobres se sentissem esmagadas por todos os lados. As aposentadorias são muito baixas para o que as pessoas contribuíram, as pessoas têm que pagar por todos os serviços públicos e há uma alta desigualdade. Tudo isso combinado levou a essa explosão, que eu acho que não havia sido prevista por ninguém.

 Protestos contra o governo no Chile Foto: JORGE SILVA/Reuters/31-10-2019 / REUTERS

“Se você tem apenas crescimento, como é o caso do Chile, sem olhar para distribuição, equidade ou oportunidade, você tem um monte de chilenos abandonados. Aí, é claro, vai ter uma explosão ”

Os acontecimentos no Chile enfraquecem o discurso liberal? Eu acho que haverá, talvez, algumas mudanças cosméticas. Talvez eles tenham se dado conta do nível de insatisfação pela maneira súbita como ela irrompeu. Para mim, se eles tiverem algum senso de auto-preservação que um governo inteligente teria, algo precisa ser feito. E, além disso tudo, no Chile, o presidente é bilionário, como Trump nos Estados Unidos. Logo, poder econômico e político foram combinados. Se eles forem sensatos, vão tentar promover ajustes.

Na Argentina, a derrota de Mauricio Macri nas eleições presidenciais tem a ver com o aumento da pobreza e da desigualdade? A Argentina está em uma situação difícil. Macri está deixando o país em uma posição pior em vários indicadores , em comparação com o momento em que assumiu o poder. Controle de capitais, grande fluxo de saída de recursos, inflação alta, déficit orçamentário enorme etc. Tudo isso é negativo. Para piorar, no caso argentino, é ainda mais difícil para o país sair dessa situação por causa da dependência de investidores estrangeiros. Logo, não deve-se esperar milagres do novo governo, porque a situação é extremamente difícil. O senhor citou os indicadores econômicos ruins da Argentina. Mas, no caso do Chile, o sucesso econômico do país é inegável. Crescimento econômico, por si só, não é suficiente? Se você tem apenas crescimento, como é o caso do Chile, medido basicamente pela renda mediana da população, sem olhar para a distribuição, equidade ou oportunidade, você tem um monte de chilenos abandonados. Aí, é claro, você vai ter uma explosão como agora. Logo, o crescimento sozinho não é suficiente. Isso é bem conhecido. Se você olha os partidos social-democratas nos anos 1950 ou depois, eles não falavam apenas sobre crescimento, mas também sobre justiça e redistribuição. E no modelo do capitalismo político chinês, o crescimento basta? Vimos protestos recentes também em Hong Kong.

No capitalismo político, um dos argumentos usados é justamente o alto crescimento. O problema é que esse crescimento acelerado vem acompanhado de alta desigualdade e, o que é mais mais preocupante, corrupção. Eu vejo a corrupção como o principal problema enfrentado por sistemas de partido único. Mas quando falamos de Hong Kong, não é essa a questão. Lá, as pessoas protestam contra ataques à sua autonomia pelo governo em Pequim. É algo semelhante com o que ocorre na Catalunha. Não é tanto uma questão econômica, mas é um problema de confiança no governo e desejo de autodeterminação. Isso apesar de Hong Kong enfrentar um alto grau de

desigualdade. Maior desigualdade pode impulsionar movimentos populistas e de extrema-direita?

Primeiramente, no meu livro, eu só uso a palavra populismo uma vez. Não sou um grande admirador desse termo, porque parece que apenas pessoas que são de centro são razoáveis e responsáveis. Populista é usado para classificar desde o presidente-eleito da Argentina, Alberto Fernández, de esquerda, como Marine Le Pen, da extrema-direita francesa. Dito isso, eu acho que não apenas desigualdade, mas também baixo crescimento - quando pensamos na Europa e na América do Norte nos últimos 10 anos - e imigração, uma questão enorme na Europa, tudo isso tem estimulado o, entre aspas, populismo. No livro, o senhor usa muito o termo plutocracia. Como se dá esse fenômeno nos dois tipos de capitalismo? Discute-se mais a plutocracia no âmbito do capitalismo liberal, mas ele também pode ser discutido no contexto do capitalismo político. No capitalismo liberal, há um risco de substituição de uma democracia sólida, onde todos têm uma capacidade praticamente similar de influenciar a tomada de decisões políticas, por uma na qual isso fica restrito àqueles que têm dinheiro, que podem influenciar políticos e determinar leis e regulações. Os EUA mostram isso de uma maneira muito dramática por meio do seu sistema de contribuições de campanha. Se olharmos para a distribuição das contribuições de campanha nos EUA, ela é tão concentrada quanto a distribuição de capital no Brasil. Nesse sentido, eu vejo o perigo de que cada vez mais países tenham sua esfera política tomadas por pessoas que têm dinheiro. A plutocracia é a ameaça real. No capitalismo político, é um pouco diferente porque, lá, o poder político tem a habilidade de se converter em poder econômico. Isso acontece em China, onde pessoas que fizeram carreira no Partido Comunista enriquecem impulsionando suas próprias empresas. Logo, no capitalismo político, a plutocracia está se formando mas o mecanismo de poder é diferente porque vem do lado político, não econômico. Então, no mundo em que o capitalismo está sozinho, a emergência da plutocracia é a maior ameaça ao futuro desse sistema? Eu acho que ela representa uma maior ameaça, um risco objetivo maior, para a democracia do que o chamado populismo. Porque, de qualquer maneira, populismo pressupõe que as opiniões das pessoas sejam levadas em consideração. Independentemente de não mostrar quais são os interesses envolvidos e quais são as reais questões em jogo, todo "populista" precisa trabalhar dentro de limites que satisfaçam uma parte grande do eleitorado. Mas a plutocracia não precisa disso. Ela pode olhar apenas para as pessoas que estão no topo da pirâmide de riqueza.

 Moradores de rua dormem no Centro do Rio Foto: Lianne Milton /

Bloomberg/24-8-2017

Como o senhor enxerga o futuro da desigualdade? Ela tende a continuar crescendo?

No caso do capitalismo liberal, eu menciono que há seis forças sistêmicas puxando a desigualdade para cima. Algumas delas não são ruins per se. Para citar duas delas: a homogamia, pela qual cada vez mais pessoas estão casando com outras com o mesmo nível educacional, o que aumenta a desigualdade; e o fenômeno de que cada vez mais pessoas estão obtendo renda elevada tanto do trabalho como do capital. Como esses fatores não são intrinsecamente negativos, fica mais difícil combater a desigualdade. Mas se você permitir que esses fatores se prolonguem, eu não tenho dúvida de que haverá um aumento na desigualdade. As consequências políticas disso podem ser ou plutocracia ou muito mais conflitos e instabilidade. Entretanto, é possível para essa tendência por meio de ações políticas. Não é fácil reverter isso, mas não é impossível. Recentemente, o senhor tuitou que o índice de Gini (que mede a desigualdade) do capital no Brasil era de 0,99 (o máximo é 1), dizendo que era como "uma dúzia de caras detendo toda a riqueza financeira do país". Por que isso o surpreendeu tanto?

Eu fiquei surpreso porque é raro ver esse número, 0,99, é quase como ver a temperatura chegar a 100 graus (risos). Não se sabe exatamente o número, que é tão alto porque há sub-declaração. Mas, independentemente se é 0,99 ou 0,95, o fato é que é mais de 0,9. Isso significa que o Brasil tem uma concentração extremamente alta de renda de capital. E isso ocorre porque também há uma grande concentração de riqueza. E, em todos os estudos, ninguém questiona o fato de a desigualdade de riqueza no Brasil ser ainda maior que a desigualdade de renda. Claramente, o Brasil é uma dos países mais desiguais do mundo em termos de desigualdade de riqueza, e aquele número de 0,99 ou 0,95 é um reflexo disso. Se você olha para desigualdade de renda, ela está em torno 0,50, 0,57, mas é muito menor que a desigualdade de riqueza.

O governo brasileiro aprovou uma reforma da Previdência prometendo fim de privilégios. Como o senhor avalia essa reforma? Eu não sou especialista no Brasil. Antes da reforma, eu li artigos argumentando que o sistema anterior era socialmente injusto, sobretudo quando proporcionava vantagens para servidores em todos os níveis de governo. O argumento dos críticos era que, na verdade, esse sistema aumentava a desigualdade. Então, eu não sei quais são as mudanças dessa reforma, mas não parecia que o sistema anterior era justo. Seu novo livro chega no mesmo momento em que Thomas Piketty está lançando seu novo livro. O que isso diz sobre o debate acerca da desigualdade? Mostra que ele ganhou importância? Sim, obviamente o tema está crescendo em importância. Há vários livros novos, como o do Piketty, o de Emmanuel Saez e Gabriel Zucman ("The Triumph of Injustice"), o de Thomas Philippon ("The Great Reversal: How America Gave Up on Free Markets"). E o tema está ficando mais importante porque as pessoas estão percebendo que a desigualdade cresceu enormemente nos últimos 30 anos e se transformou em um tópico proeminente no debate político. E não é que há mais trabalhos. É que pessoas que estudam isso há décadas estão ganhando maior visibilidade. Isso mudou, e há novas

peças pesquisando o tema. Muitos economistas estão preocupados com os impactos da inteligência artificial sobre o trabalho. Quais efeitos ela pode ter sobre a desigualdade? Eu acho que, em muitos aspectos, a inteligência artificial não é diferente dos robôs ou das máquinas do passado. No sentido de que essas tecnologias substituem mão de obra humana, elas aumentam o poder relativo de barganha do capital, que geralmente acontece quando há a introdução de novas máquinas. Mas eu não acho que será algo muito diferente do que houve nos últimos 200 anos. É claro que tem impacto sobre o trabalho, mas não considero um fenômeno totalmente novo, jamais visto. Já vimos a mecanização da produção e a substituição de trabalho. A grande questão, para a qual ainda não temos uma resposta, é se a inteligência artificial acabará substituindo o trabalho de profissionais altamente qualificados.

[OBJ]

15. A face do imperialismo no século XXI

https://outraspalavras.net/desigualdades-mundo/a-face-do-imperialismo-no-seculo-xxi/?fbclid=IwAR22_bVsuvqwxugovgJWUiDgQ27X6m5Y5bJWmT-QJ1svB-B0kLuwWY2NbsM

Países ricos falam em “ajuda” mas capturam dos pobres 2 trilhões de dólares líquidos por ano. Juros e transferências via paraísos fiscais compõem a conta

por [Jason Hickel](#)

Publicado 18/01/2017 às 07:44 - Atualizado 15/01/2019 às 18:03



Por **Jason Hickel** | Tradução: **Inês Castilho** | Imagem: **Diego Rivera**, *Sonho de uma tarde de domingo na avenida central* (1947, detalhe)

Há tempos circula uma convincente história sobre a relação entre países ricos e pobres. Diz a história que as nações ricas da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) doam generosamente parte de sua riqueza para as nações mais pobres do Sul global, para ajudá-las a erradicar a pobreza e impulsioná-las na escada do desenvolvimento. Sim, durante o colonialismo as potências ocidentais podem ter enriquecido extraindo recursos naturais e trabalho escravo de suas colônias – mas isso tudo seria passado... Atualmente, elas [doam](#) mais de US\$ 125 bilhões (cerca de R\$ 400 bilhões) por ano – uma sólida evidência de boa vontade.

Essa história é tão amplamente propagandeada pela indústria da assistência e pelos governos do mundo rico, que passamos a considerá-la como certa. Mas os fatos não são tão simples assim.

A organização Global Financial Integrity ([GFI](#)), que luta contra os fluxos financeiros ilegais e tem base nos EUA, e o Centre for Applied Research at the Norwegian School of Economics (Centro de Pesquisa Aplicada da Escola de Economia da Noruega) publicaram recentemente alguns dados fascinantes. Apuraram todos os recursos financeiros que são transferidos, a cada ano, entre os países ricos e os países pobres: não só ajuda, investimentos estrangeiros e fluxos comerciais (como fizeram os estudos anteriores), mas também transferências não-financeiras tais como cancelamento da dívida, transferências unilaterais tais como remessas de dinheiro por trabalhadores, e fuga de capitais clandestinos (falo mais sobre isso posteriormente). Que eu saiba, é a avaliação mais abrangente jamais realizada sobre transferências de recursos.

O que eles descobriram é que o fluxo de dinheiro que vai dos países ricos para os países pobres torna-se pálido, quando comparado ao fluxo que corre na direção contrária.

Em 2012, último ano em que os dados foram registrados, os países em desenvolvimento receberam um total de US\$ 1,3 trilhões (R\$ 4,19 trilhões), incluindo todo tipo de ajuda, investimentos e remessas do exterior. Naquele mesmo ano, contudo, cerca de US\$ 3,3 trilhões (R\$ 10,64 trilhões) vazaram para fora destes mesmos países. Em outras palavras, os países em desenvolvimento mandaram para o resto do mundo US\$ 2 trilhões a mais do que receberam. Se olharmos todos os anos, desde 1980, esse escoamento chega ao impressionante total de US\$ 16,3 trilhões (R\$ 52,54 trilhões). É o quanto foi drenado do Sul global nas últimas décadas. Para dar uma noção dessa escala, US\$ 16,3 trilhões é aproximadamente o PIB dos Estados Unidos.

Isso significa que a narrativa convencional do desenvolvimento tem seu lado sombrio. A ajuda está, efetivamente, correndo ao contrário. Países ricos não estão desenvolvendo países pobres; países pobres é que estão desenvolvendo os ricos.

Em que consistem esses grandes fluxos? Parte são pagamentos da dívida. Os países em desenvolvimento desembolsaram mais de US\$ 4,2 trilhões (R\$ 13,54 trilhões) só em pagamento de juros desde 1980 – em transferência de

dinheiro direta aos grandes bancos em Nova York e Londres, numa escala que torna nanica a ajuda que eles receberam durante o mesmo período. Outra grande contribuição vem das rendas que estrangeiros têm com seus investimentos nos países em desenvolvimento e são repatriadas. Pense em todo o lucro que a British Petroleum extraiu das reservas de petróleo da Nigéria, por exemplo, ou que a Anglo-American retira das minas de ouro da África do Sul.

Mas, de longe, a maior parte do fluxo de dinheiro tem a ver com a fuga de capitais clandestinos – e geralmente ilícitos. O GFI calcula que países em desenvolvimento perderam, desde 1980, um total de US\$ 13,4 trilhões (R\$ 43,19 trilhões) com a evasão clandestina de capitais.

A maioria desses fluxos clandestinos acontece por meio do sistema internacional de comércio. Basicamente, corporações – tanto estrangeiras quanto domésticas – informam preços falsos em suas faturas comerciais, de modo a enviar dinheiro de países em desenvolvimento para paraísos fiscais e jurisdições sigilosas, uma prática conhecida como “trade misinvoicing” (faturamento adulterado). O objetivo geralmente é a evasão fiscal, mas às vezes essa prática serve também para lavar dinheiro ou contornar o controle de capitais. Em 2012, os países em desenvolvimento perderam US\$ 700 bilhões em razão do “trade misinvoicing”, que naquele ano superou em cinco vezes o recebimento de ajuda.

Empresas multinacionais também roubam dinheiro de países em desenvolvimento através da “same-invoice faking” (falsificação da mesma fatura), trocando lucros ilegalmente entre suas próprias subsidiárias, por meio da falsificação de preços das faturas comerciais nos dois lados. Por exemplo, uma subsidiária na Nigéria pode esquivar-se dos impostos locais transferindo dinheiro para uma subsidiária nas Ilhas Virgens Britânicas, onde a taxa de impostos é efetivamente zero e onde os fundos não podem ser rastreados.

O GFI não inclui o “same-invoice faking” em seus números totais por ele ser muito difícil de detectar, mas estima que seu valor chegue a outros US\$ 700 bilhões (R\$ 2,25 trilhões) anuais. E esses números cobrem apenas furto no comércio de bens. Se forem acrescidos ao mix os furtos por comércio de serviços, a evasão total de recursos líquidos sobe para US\$ 3 trilhões (R\$ 9,67 trilhões) anuais.

Isso é 24 vezes mais que o orçamento de ajuda. Em outras palavras, para cada US\$ 1 de ajuda que recebem, os países em desenvolvimento perdem US\$ 24 em saídas líquidas. Essa vazão os despoja de uma importante fonte de renda e finanças para o desenvolvimento. O relatório do GFI revela que as crescentes saídas levaram as taxas de crescimento econômico a declinar nos países em desenvolvimento, e as responsabiliza diretamente pela queda dos níveis de vida.

Quem deve ser responsabilizado por esse desastre? Considerando-se que a fuga de capitais ilegais significa tamanha parte do problema, esse é um bom ponto de partida. As empresas que mentem em suas faturas comerciais são

claramente responsáveis; mas, por que razão é tão fácil para eles ficar impunes? No passado, as autoridades alfandegárias podiam deter transações que pareciam duvidosas, tornando quase impossível fraudar. Mas a OMC reclamou que isso tornava o comércio ineficiente, e desde 1994 os fiscais alfandegários receberam ordens de tomar os preços das faturas por seu valor de face, exceto em circunstâncias muito suspeitas, tornando difícil impedir as saídas ilícitas.

A fuga ilegal de capitais não seria possível sem os paraísos fiscais. E, quando se trata de paraísos fiscais, não é difícil identificar os culpados: há mais de 60 pelo mundo, a grande maioria controlada por meia dúzia de países ocidentais. Há paraísos fiscais europeus como Luxemburgo e Bélgica, e paraísos fiscais norte-americanos como Delaware e Manhattan. Mas, de longe, a maior rede de paraísos fiscais está centralizada em torno da cidade de Londres, que controla jurisdições sigilosas por todas as Dependências e Territórios Ultramarinhos da Coroa Britânica.

Em outras palavras, alguns dos países que gostam tanto de gabar-se de suas contribuições para ajuda exterior são os mesmos que possibilitam o furto em massa dos países em desenvolvimento.

A narrativa da ajuda começa a parecer um pouco ingênua quando levamos em conta esse fluxo reverso. Torna-se claro que ela apenas maquia a má distribuição de recursos pelo mundo. Leva a ver aqueles que se apropriam como “doadores”, recobrando-os com uma espécie de superioridade moral. Impede aqueles que se importam com a pobreza global de entender o real funcionamento do sistema.

Os países pobres não precisam de caridade. Eles precisam de justiça. E justiça não é difícil de entregar. Poderíamos anular as dívidas excessivas dos países pobres, liberando-os para investir seu dinheiro em desenvolvimento ao invés de pagar juros de velhos empréstimos. Poderíamos fechar as jurisdições sigilosas e punir bancos e contadores que facilitem a evasão ilícita;. Poderíamos impor um tributo global sobre a renda das corporações para eliminar o incentivo ao deslocamento secreto do seu dinheiro em redor do mundo. Sabemos como resolver o problema. Mas fazê-lo iria contra os interesses de bancos e corporações poderosas, que extraem significativos benefícios materiais do sistema existente. A pergunta é: temos coragem?

16. A economia mundial em declínio

por Prabhat Patnaik 

O Banco Central Europeu rebaixou no mês passado a sua taxa de juro de referência para menos 0,5 por cento, a qual significa que se ele conceder um empréstimo de 100 euros seria então preciso reembolsar apenas 99,5 euros no término do empréstimo. Isto arrancou uma nova tendência: em países como a Alemanha, Espanha, Itália, República Checa e mesmo a Grécia, os rendimentos (*yields*) de títulos governamentais foram empurrados para a região negativa. Por outras palavras, prestamistas a estes governos estão desejosos de pagar a fim de possuírem títulos governamentais. Tipicamente, títulos a prazo mais longo têm rendimentos mais altos do que aqueles a prazos mais curtos, mas agora na Alemanha mesmo o título do governo a 30 anos está a oferecer rendimentos negativos.

Uma vez que a ideia por trás da política do Banco Central Europeu é ter um regime de baixa taxa de juro, o qual, espera-se, provocaria um maior montante de investimento em empreendimentos, de modo a que o nível da procura agregada e consequentemente do produto e do emprego aumentassem, as taxas de juro oferecidas a depositantes também terão de ser rebaixadas.

Isto implicaria, no conjunto, uma distribuição regressiva do rendimento, uma vez que – considerando a sociedade como um todo – seja qual for a concessão de crédito líquido que se verifique entre as classes é das classes trabalhadora e média (incluindo os que contribuem para os fundos de pensão) que provém os recursos rumo ao sector corporativo; e isto independentemente de qualquer investimento produtivo se verificar ou não. Uma redução nas taxas de juros implica portanto uma mudança líquida na distribuição do rendimento das classes trabalhadora e média (os credores) em favor do sector corporativo (os devedores).

O rebaixamento das taxas de juros chegou agora a um ponto em que mesmo as taxas nominais entraram na região negativa, um fenómeno que é totalmente sem precedentes na história do capitalismo. É óbvio que numa economia que utiliza *cash* existem limites para a medida em que as taxas de juros podem ser pressionadas para baixo (a menos que os próprios haveres em *cash* comecem a ser tributados). Isso acontece porque, se as pessoas puderem reter *cash* que tem uma taxa de juro zero, então elas nunca efectuarão depósitos em bancos ou em quaisquer outros intermediários financeiros a taxas inferiores a zero. E se for necessário oferecer

Taxas de referência do BCE

With effect from		
2019	18 Sep.	-0.50
2016	16 Mar.	-0.40
2015	9 Dec.	-0.30
2014	10 Sep.	-0.20
	11 Jun.	-0.10
2013	13 Nov.	0.00
	8 May.	0.00
2012	11 Jul.	0.00
2011	14 Dec.	0.25
	9 Nov.	0.50
	13 Jul.	0.75
2009	13 Apr.	0.50
	13 May	0.25
	8 Apr.	0.25
2008	11 Mar.	0.50
	21 Jan.	1.00
	10 Dec.	2.00
	12 Nov.	2.75
	15 Oct. ⁴	3.25
	9 Oct. ³	3.25
	8 Oct.	2.75

aos depositantes uma taxa não negativa, então a medida em que as taxas para os prestamistas podem ser reduzidas pelos bancos também será limitada. Mas é um sinal de desespero nas economias capitalistas avançadas que as taxas de juros estejam a ser rebaixadas até a regiões negativas, numa tentativa de reviver a actividade económica.

A necessidade de tais taxas de juro negativas não surgiria se os governos pudessem adoptar medidas orçamentais a fim de estimular a actividade. Mas como o capital financeiro internacional opõe-se a défices orçamentais (os países da UE têm um limite para o défice orçamental de 3 por cento do PIB) e, naturalmente, não aprova a tributação de capitalistas (tributar trabalhadores e gastar as receitas não ajudaria a expandir a procura agregada), as medidas orçamentais são descartadas. Portanto, a política monetária continua a ser o único instrumento para estimular a procura agregada.

Esta impotência e desespero também são evidentes na Índia, onde até agora houve cinco rodadas de cortes nas taxas de juro pelo Banco Central da Índia, mas com nenhum efeito. E quando o governo finalmente decidiu adoptar algumas medidas orçamentais, tudo o que fez foi oferecer concessões fiscais a corporações, que realmente seriam contraproducentes. Na medida em que tais concessões são financiadas por um aumento correspondente de impostos sobre os trabalhadores (ou uma redução de transferências para eles), elas contrairiam a procura agregada ao invés de expandi-la.

Ironicamente, mesmo na Europa e alhures, a total obtusidade (*bluntness*) do instrumento da política monetária está a ser amplamente demonstrada. Até *The Financial Times* (14 de Outubro) agora fala sobre a economia global como tendo entrado num período de “estagnação sincronizada”, “com crescimento fraco em alguns países e sem crescimento ou uma moderada contracção em outros”.

Esta obtusidade do instrumento da política monetária decorre do facto de que o investimento corporativo é essencialmente insensível à taxa de juro: o investimento líquido ocorre em resposta à expectativa de *crescimento* do mercado e se se prevê que o mercado permaneça estagnado então nenhuma magnitude de redução da taxa de juro, e portanto do custo financeiro para o sector corporativo, provocará um bocadinho de investimento líquido.

Naturalmente, autoridades monetárias podem acreditar que taxas de juro mais baixas ajudariam de um modo diferente, através da geração de bolhas de preços de activos. Uma bolha desse tipo, na medida em que faz com que os possuidores do activo em causa se sintam mais ricos (até a bolha entrar em colapso), pode induzir maiores despesas com consumo conspícuo e, dessa forma, estimular a procura agregada.

Mas isto é uma proposta arriscada. Se houver de todo algum aumento do consumo conspícuo através do efeito riqueza, ele leva tempo. Além disso, depois de 2008, o caminho da bolha dos preços de activos para estimular o nível de actividade na economia real, o qual de qualquer maneira é um caminho censurável quando comparado com outras formas de estimular a actividade – tais como maiores gastos do governo em esquemas de assistência social – também perdeu sua eficácia como estimulante.

Neste contexto, não é de surpreender que os chamados "indicadores económicos principais" tenham agora deslizado para os seus níveis mais baixos desde a Primavera de 2006. Considerando o facto de que, nesse ínterim, ou seja, entre aqueles anos e este momento, a economia mundial tem continuado a experimentar crescimento lento,

os actuais temores de estagnação e recessão são sintomas de uma prolongada crise do sistema. De facto, o novo director administrativo do FMI admitiu num discurso na semana passada que "em 2019 esperamos um crescimento mais lento em aproximadamente 90% do mundo". O que é particularmente gritante é que mesmo um país como a Alemanha, que até agora parecia ter escapado à crise, neste momento também está a enfrentar as perspectivas de uma recessão.

Comentadores burgueses acrescentam factores específicos como o conflito comercial entre os EUA e a China para explicar a desaceleração actual. Isto, segundo eles, estropiou os "espíritos animais" dos capitalistas, afectando adversamente seu desejo de investir em activos produtivos e portanto precipitando a desaceleração. Reportagem de *The Economic Times*, por exemplo, fala da situação actual como sendo caracterizada pela "queda da confiança económica".

Mas explicações que encaram a crise essencialmente como episódica, ao invés de estrutural e portanto prolongada, falham em dois pontos vitais: primeiro, desde 2008, a taxa de crescimento da economia mundial reduziu-se bastante substancialmente. De facto, o que tem estado a acontecer na maior economia do mundo, os EUA, foi apropriadamente descrito pela analogia de uma bola a saltitar junto ao chão. Em segundo lugar, as tensões comerciais entre os EUA e a China são elas próprias um reflexo dessa prolongada crise do capitalismo mundial. O proteccionismo agressivo de Donald Trump é um meio de ampliar o nível de actividade nos EUA, através de uma redução real nas importações para os EUA e também através da pressão sobre outros países a fim de proporcionarem maior acesso ao mercado para mercadorias dos EUA.

A raiz da crise actual não está no espalhamento (*obstreperousness*) de um Donald Trump que precipitou a guerra comercial com a China e, assim, levou à "queda da confiança económica". Ela está na natureza do próprio capitalismo neoliberal que desencadeou poderosas tendências para desigualar o rendimento. Estas tendências têm um efeito contraccionista no nível de procura agregada, tanto na economia mundial como dentro de países específicos. Este efeito contraccionista foi mantido sob controle no período anterior a 2008, devido a uma série de poderosas bolhas de preço de activos nos EUA. Com o colapso, contudo, revelou-se a tendência básica rumo a uma crise de superprodução no capitalismo neoliberal.

Uma vez que esta crise afecta em primeiro lugar os produtores de alto custo, as suas primeiras vítimas foram países como os EUA e da Eurozona, seguindo-se países do Leste e do Sul da Ásia, nos quais a terciarização de actividades ocorreu a partir do mundo capitalista avançado devido aos baixos salários dos últimos, que inicialmente pareciam suportá-los. Mas a própria continuidade da crise e a política de "mendiga-teu-vizinho" de Trump finalmente também atingiu estes países asiáticos, razão pela qual estamos agora no processo de nos movimentarmos em direcção a uma recessão verdadeiramente mundial. Isso iniciaria uma era inteiramente nova de intensas lutas de classe e poderosas transformações sociais.

20/Outubro/2019

[*] Economista, indiano, ver [Wikipedia](#)

O original encontra-se em peoplesdemocracy.in/2019/1020_pd/world-economy-decline

Tradução de JF.

Este artigo encontra-se em <https://resistir.info/> .

17. O esperado fracasso do neoliberalismo

LA insurgência que domina as ruas de nossos vizinhos, abalando os alicerces do establishment, desmontando mitos de estabilidade, é a resposta anunciada ao fracasso do neoliberalismo e de sua política de supressão de direitos, pari passu à acumulação de riqueza pela extremada minoria de 1% de beneficiários que em nossos países controlam a economia e todas as expressões de poder. A política econômica que elevou a pobreza no Chile a níveis insuportáveis – filha da ditadura Pinochet –, é a matriz da insana “Pauta Guedes” que aprofunda a desigualdade social, reduz a quase zero os investimentos geradores de emprego, ao tempo em que desfia a rede de proteção social que remonta ao trabalhismo de Vargas.

Não contem, porém, os mais afoitos, com a reprodução mecanicista, entre nós, da resistência e dos levantes que hoje percorrem a América espanhola como rastilho de pólvora. Entre nossos vizinhos, além de uma maturação de dezenas de anos de lutas e resistência, há de se considerar os avanços da organização social em contraste com a crise brasileira dos partidos e da mobilização popular. Ademais de tudo o que parece tão óbvio, é bom lembrar que os processos sociais guardam suas especificidades, e, em nosso continente contrapõem a velocidade das mudanças políticas entre os vizinhos hispânicos ao ritmo notavelmente mais lento das mudanças no Brasil.

Feitas as ressalvas necessárias - até porque o registro de hoje ainda anota o avanço do conservadorismo de extrema-direita --, é de supor que a continuidade do projeto neoliberal nos reserva dias de profunda gravidade.

Mas o processo social, embora as rupturas à vezes puguem surpresa nos analistas, não é fruto nem dos céus nem do acaso.

O que serão os dias vidoyros, e o que eles nos reservam, será ditado pelo nível de organização a que chegarem as grandes massas.

Neste país de imoral concentração de renda, sobrevivem como podem cerca de

28 milhões de brasileiros classificados como “mão de obra subutilizada” e um pouco menos de 13 milhões de desempregados. A categoria dos sem carteira assinada no setor privado bateu recorde na série histórica. Os números, em sua crueza (e ainda não dizem tudo), simplesmente traduzem o apreço que nossas ‘elites’ rentistas têm pelo país e sua gente, massa de manobra para o lucro concentrado. A propósito, e trata-se, apenas de um indicador, o lucro do Bradesco no último trimestre, diz o G1 (31.11.19), cresceu 16,5%; no acumulado do ano o lucro chega a 17,7 bilhões, uma alta de 26,4% na comparação com o mesmo período de 2018. E não se trata de fato isolado. Aguardemos os balanços do Itaú e do Santander. Assim se revela de corpo inteiro o caráter da pauta econômica, a serviço dos donos do poder. Na equação das políticas governamentais e nas planilhas dos prepostos da classe dominante não há espaço para o povo.

Filha do colonizador ibérico, herdeira do escravismo e do monopólio da terra, nossa classe dominante fez-se rica graças a um desenvolvimento predatório da terra e de sua gente. Vive ainda hoje de costas para o país e seu destino, com um pé na terra que explora e outro na metrópole dominante, para onde se voltam também seus sonhos e de onde recolhe ideologia. Sua riqueza é o outro lado da exploração de nossos povos mediante a estrutura social que montou. Para essa gente, como lembrava Celso Furtado, o capital humano só tem relevância como força de trabalho. O neoliberalismo anacrônico aguça a selvageria do capitalismo brasileiro, aprofunda a insanável oposição entre os interesses das classes dominantes e as demandas populares por cidadania, e não há cidadania nem democracia que se preze quando as populações são punidas com o desemprego, o subemprego e a marginalização. Daí a repressão do Estado de classe -- variável em tom segundo o desafio- - nas poucas oportunidades em que o processo social enseja a emergência das massas, reivindicando seus direitos, porque neoliberalismo econômico é incompatível com a plenitude democrática, e a eventual continuidade da “Pauta Guedes” depende do avanço do Estado autoritário pelo qual forcejam o capitão Bolsonaro e sua trupe, e, por isso mesmo, se entrelaçam as lutas sociais e o aprofundamento do processo democrático, sempre ameaçado entre nós ;or constituir uma garantia do avanço do processo social.

Quando estão dadas todas as condições para a agudização da crise social, o governo aposta na contenção da economia, em nome de um ajuste fiscal que não

leva em conta a necessidade urgente de retomada do desenvolvimento, a única alternativa até aqui conhecida para enfrentar o desemprego e a fome.

Maria da Conceição Tavares (InsigthInteligência.n.86) nos adverte que “O Brasil caminha para fechar a década com sua pior performance econômica nos últimos 120 anos. A construção pesada deve cair 40% no acumulado de cinco anos. O peso da indústria no PIB desabarará para o menor nível desde que a série histórica é calculada (...) Os desempregados, os subempregados, desalentados e o precariado que inundam o país somam 40 milhões de brasileiros, recorde de iniquidade de todos os tempos”. As alternativas a esse quadro, ensina ainda Conceição, são os investimentos e o emprego [este dependente daquele], mas o neoliberalismo aposta na contração da economia e na supressão de direitos sociais.

Ao invés de desenvolvimento, as expectativas são, pois, de um pífio crescimento do PIB em algo jamais superior a 1%, clamoroso contraste com aquele Brasil do Estado desenvolvimentista que fenece sob a égide de Bolsonaro-Guedes-Maia quando, nomeadamente entre 1950 e 1980, o Brasil cresceu, em média, 4,5% ao ano, e nos governos Lula enfrentou o tsunami da crise do capitalismo internacional e ainda reduziu as desigualdades sociais e evitou que se instalassem os efeitos da estagnação.

A lição foi desaprendida, mesmo após os fracassos de Collor e FHC, principalmente no segundo mandato do ex-“príncipe de nossos sociólogos”, que, ao final, nos deixou de cócoras diante do capital internacional, de bolsos vazios e a braços com a crise fiscal.

Apesar da estabilização dos preços (marco do primeiro mandato), o desenvolvimento não foi retomado, derrotado, mais uma vez, por uma política econômica liberal, cacoete ideológico da classe dominante, incompatível com desenvolvimento e progresso social cujo cerne é a distribuição de renda.

O preço de tanta vilania será cobrado pela história, mais cedo ou mais tarde, como antecipam chilenos, equatorianos e, por outros meios, bolivianos, uruguaios e argentinos que acabam de derrotar o neoliberalismo de Macri que levou a economia de seu país aos frangalhos, o mesmo destino que nos espera, se o bolsonarismo não for contido tempo.

Se nossa retrógrada e perversa classe dominante estiver disposta colher alguma lição do que ocorre no mundo (a ebulição social não deixou o Iraque e já chegou ao Líbano, à Ásia com Hong Kong e à Europa), é a de que as grandes massas, em algum momento que os sismógrafos da ciência política não podem antecipar, tendem a assumir o papel de sujeito histórico e avançam politicamente por não estarem mais dispostas a aceitar as condições em que vivem. Os sistemas, por mais fechados e autoritários, não serão capazes de conter a frustração de expectativas.

Wanderley Guilherme dos Santos – Com a morte de Wanderley Guilherme dos Santos a teoria política brasileira perde um de seus mais argutos formuladores, e o país um de seus mais instigantes intérpretes. O magistério perde um scholar, formador de quadros e discípulos. Pensador original, de extremado rigor científico, senhor de robusta formação humanística, e por isso mesmo adverso às ideias prontas, sempre aberto a procurar o novo, o não pensado, debruçou-se sobre a realidade brasileira e produziu algumas das mais originais interpretações da ciência política brasileira. Além de discípulos e escolas, deixa um legado institucional, como o IUPERJ, de que foi fundador (e onde formou diversas gerações de cientistas sociais), e a ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), de cuja criação participou. Sua rica contribuição bibliográfica (cerca de 40 livros publicados, um concluído horas antes do desenlace) servirá de guia para os que desejarem compreender, para nela intervir, a tragédia política de nossos dias.

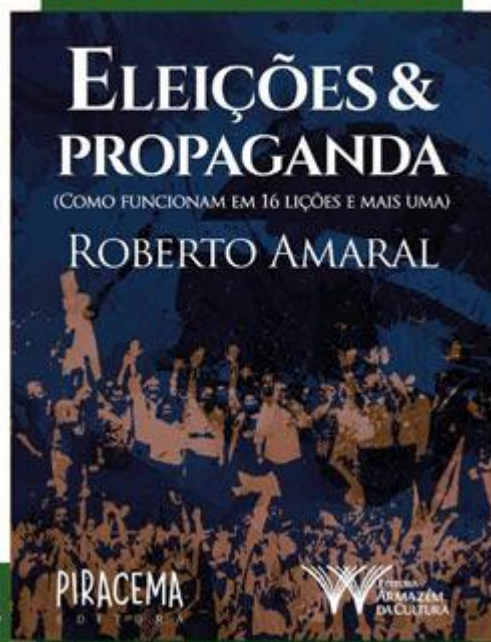
Roberto Amaral

Roberto Amaral é escritor e ex-ministro de Ciência e Tecnologia

Em Eleições e propaganda Roberto Amaral trata do processo político-eleitoral e, nele, do papel crucial desempenhado pela propaganda, aqui desvendada em seus meandros, examinada que é tanto do ponto de vista do emissor candidatos, partidos, grupos de interesse quanto do receptor, ou público-alvo, a população de um modo geral e o eleitorado. Este, aquele segmento específico que o marketing procura conquistar, falando à sua mente e ao seu coração, por vezes sem observar condicionantes éticos.

DISPONÍVEL NAS VERSÕES IMPRESSAS E DIGITAIS

**CLIQUE AQUI
E SAIBA COMO ADQUIRIR**



Leia mais em: www.ramaral.org

PARTE II – Análises

1. BOLSONARO CANCELA ASSINATURAS FSP

https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/bolsonaro-determina-cancelamento-de-assinaturas-da-folha-no-governo-federal.shtml?fbclid=IwAR3SysnMG_vG1Zfklnzkr3CEjq158ht1A5wkqQbBe_VRyHcyr44JFQaW
P8

Ele não tem a menor ideia do que seja nem jornalismo, nem democracia, nem conhece os princípios fundamentais da REPUBLICA como DESCENTRALIZAÇÃO DO PODER SOBERANO: 1. Descentralização do Estado, em torno da independência e autonomia dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário; 2. Separação entre Estado e Sociedade Civil, onde se encontram Imprensa, IGREJAS, Sindicatos, Partidos, Ongs, Inteligência, Poetas-Loucos-Crianças; Institucional: Federalismo, através do qual Estados membros contêm e limitam os arroubos centralizadores da União.

2. Nas entrelinhas: Mentes reacionárias

http://blogs.correiobraziliense.com.br/azedo/nas-entrelinhas-mentes-reacionarias/?fbclid=IwAR2CdqQxyIU2SMzXf1e_x2kB7rRRkdhyzWTnOKS0dnnPpoxIewX0HhmhQ-Q

Publicado em 01/11/2019 - 07:58 Luiz Carlos

AzedoCongresso, Governo, Justiça, Memória, Militares, Partidos, Política

“O AI-5, nas palavras do falecido senador Ernâni do Amaral Peixoto, um político conservador, foi “a morte da política”. Nem por isso, a nostalgia de Eduardo Bolsonaro deixa de ser perigosa”

Em A Mente Naufragada, o cientista político norte-americano Mark Lilla explica que o espírito reacionário difere muito do conservador. Trata-se de invocar o passado para nele viver sem transformações, o que é muito diferente da atitude do conservador, que tem o passado e suas tradições como referência para agir no presente e construir o futuro. Partindo da análise das ideias de três pensadores do século XX — Franz Rosenzweig, Eric Voegelin e Leo Strauss —, Lilla investiga a mente reacionária e conclui que naufragou, porque olha para os destroços de um passado que lhe parece ameaçado, e luta para salvá-lo, porque não sabe conviver com as mudanças. Ironicamente, porém, isso faz do reacionarismo um fenômeno “moderno” no mundo da globalização e do multiculturalismo.

Lilla nos ajuda a entender a diferença entre o pensamento conservador, mesmo de viés autoritário, e o pensamento reacionário. E é um autor muito oportuno, porque explica o caráter ideológico do movimento que o deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), filho do presidente Jair Bolsonaro, se propõe a organizar no Brasil no rastro da eleição de seu pai. O clã Bolsonaro flerta com a ideias propagadas pelo escritor Olavo de Carvalho, radicado nos Estados Unidos, guru da extrema direita brasileira. Há uma diferença, sutil mas relevante, entre a declaração de Eduardo Bolsonaro a favor da reedição do AI-5 em caso de mobilizações de protestos semelhantes às do Chile e a do general Augusto Heleno, chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), de que seria preciso estudar a forma de fazer isso. Um defendeu a volta da ditadura pura e simples; o outro, embora igualmente autoritário, sabe que os tempos mudaram e a história só se repete como tragédia ou farsa. Diante da reação negativa, o parlamentar se retratou.

O Ato Institucional nº 5, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi um golpe de Estado dentro do golpe de 1964, que destituiu o presidente João Goulart. Foi o período de maior repressão da ditadura militar brasileira (1964-1985). Vigorou até dezembro de 1978, com poder de exceção para punir arbitrariamente os adversários como inimigos de Estado. O ano de 1968 havia sido marcado por manifestações estudantis em todo mundo. Eclodiram em Paris e logo chegaram ao Brasil. O lema “é proibido proibir” tinha mais a ver com as mudanças nos costumes, mas aqui se encaixou como uma luva na luta contra o regime militar.

O ambiente era de isolamento político dos militares. A Igreja atuava em defesa dos direitos humanos e as lideranças políticas cassadas pelo regime se uniam de forma, até então, inimaginável: Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek, João Goulart, com apoio do líder comunista Luís Carlos Prestes, em 1967, haviam criado a Frente Ampla, cujas atividades foram suspensas pelo ministro da Justiça, Luís Antônio da Gama e Silva, em abril de 1968. O ministro do Trabalho, Jarbas Passarinho, exigia atestado de ideologia dos dirigentes sindicais. Mesmo assim, uma greve dos metalúrgicos de Osasco sinalizava que o movimento operário se incorporaria às mobilizações de massa de estudantes, intelectuais e artistas.

Morte da política

O ministro do Exército, Aurélio de Lira Tavares, exigia medidas mais enérgicas contra as “ideias subversivas”. Falava em “guerra revolucionária” liderada pelos comunistas, pois parte da esquerda se preparava para a “luta armada”. A gota d’água para a promulgação do AI-5 foi o pronunciamento do deputado Márcio Moreira Alves, do MDB, na Câmara, nos dias 2 e 3 de setembro, lançando um apelo para que o povo não participasse dos desfiles militares do 7 de Setembro e para que as moças, “ardentes de liberdade”, se recusassem a sair com cadetes das escolas militares. O deputado Hermano Alves, do mesmo partido, criticara duramente o regime em artigos no antigo Correio da Manhã. Por exigência do ministro do Exército, Costa e Silva, o governo solicitou ao Congresso a cassação dos dois deputados.

No dia 12 de dezembro, a Câmara recusou, por uma diferença de 75 votos (e com a colaboração da própria Arena, partido do governo), o pedido de licença para processar Márcio Moreira Alves. No dia seguinte, foi baixado o AI-5, que autorizava o presidente da República, sem apreciação judicial, decretar o recesso do Congresso Nacional; intervir em estados e municípios; cassar mandatos parlamentares; suspender, por 10 anos, os direitos políticos de qualquer cidadão; decretar o confisco de bens considerados ilícitos; e suspender a garantia do habeas corpus. No mesmo dia, foi decretado o recesso do Congresso Nacional por tempo indeterminado, sendo reaberto somente em outubro de 1969, para referendar a escolha do general Emílio Garrastazu Médici para a Presidência da República.

Na sequência imediata do AI-5, foram cassados 11 deputados federais, entre eles Márcio Moreira Alves e Hermano Alves. As cassações prosseguiram em janeiro de 1969, atingindo não só parlamentares, mas até ministros do Supremo Tribunal Federal. A forte reação dos partidos políticos, inclusive o PSL, e da sociedade civil às declarações de Eduardo Bolsonaro, que foi aconselhado a se retratar pelo próprio pai, o presidente Jair Bolsonaro, têm esse lastro da história. O AI-5, nas palavras do falecido senador Ernâni do Amaral Peixoto, um político conservador, foi “a morte da política”. Nem por isso, a nostalgia de Eduardo Bolsonaro deixa de ser perigosa: um golpe militar no Brasil exigiria um banho de sangue e não teria apoio internacional. O general Augusto Heleno sabe disso.

3. Xadrez da contagem regressiva para a ditadura

<https://jornalggn.com.br/recado-do-nassif/xadrez-da-contagem-regressiva-para-a-ditadura-por-luis-nassif/?fbclid=IwAR2iwupnXUDeaBfBc6mS2OSbX3gzBV8i65P-Jmdalc7GdesGO2N4S6Quuw>

Está nas mãos do STF impedir o salto final no abismo do estado de exceção. Ou segura Bolsonaro agora, ou será muito tarde.

Luis Nassif 31/10/2019

Peça 1 – as corporações e o fascismo na história

Em sua palestra no Estadão, na última quarta-feira, o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) Dias Toffoli fez uma defesa enfática do poder Judiciário e das corporações públicas. **Disse que as corporações e a burocracia ocuparam o espaço da elite nacional e dos partidos políticos na formulação de um projeto de nação. “Não temos uma elite nacional, então a burocracia ocupou esse espaço”.**

Está certo.

Faltou explicar que, historicamente, o corporativismo foi apropriado por movimento fascistas, como substituto das democracias representativas. Tornou-se pedra angular de vários regimes, construindo uma representação controlada em substituição ao modelo democrático.

Em 1934, na obra “O século do corporativismo”, Mihael Manoilescu constataria que o corporativismo se tornaria um dos instrumentos mais duráveis das ditaduras. Ex-Ministro das Relações Exteriores da Romênia, ele próprio era um entusiasmado pelo fascismo

Peça 2 – a bolsonarização das corporações

Nos últimos anos, formaram inúmeros grupos de WhatsApp de membros do Judiciário e do Ministério Público. O caso da desembargadora Marília Castro Neves, que acusou Marielle de pertencer a facções criminosas, é significativo

desse movimento de bolsonarização do judiciário. Ela integrava grupos de WjatsApp de juízes e desembargadores, muito dos quais esposando os mesmos preconceitos.

Vamos a dois exemplos recentes dessa bolsonarização.

O primeiro, a ação articulada de juízes de Tribunais Regionais Eleitorais, ordenando a invasão de campus universitários pela PM, na véspera das eleições. Foi uma ação articulada pelo WhatsApp

A segunda foi o comprometimento de parte do Ministério Público Estadual do Rio de Janeiro com Jair Bolsonaro, especialmente depois das revelações das transações financeiras dele pelo COAF (Conselho de Controle de Atividades Financeiras).

Vamos a uma pequena reconstituição.

De janeiro a **6 de agosto** o COAF (Conselho de Controle de Atividades Financeiras) produziu cinco relatórios financeiros envolvendo o motorista Queiroz. Mas ele só foi notificado a depor em 22 de novembro de 2018, três semanas depois do segundo turno da eleição.

Leia também: [Mudança na Lei de Delações é nova derrota de Sergio Moro](#)

Em **30 de novembro de 2018**, Flávio se reuniu com o promotor do Ministério Público Estadual do Rio de Janeiro, Cláudio Caio de Souza, para quem seria distribuída a investigação sobre as movimentações financeiras de Queiroz.

No dia **6 de dezembro de 2018**, COAF revelou a movimentação nas contas de Flávio Bolsonaro. Aparentemente foi um acidente de percurso. Uma das hipóteses para o vazamento do relatório da COAF é a Operação Fumaça, deflagrada pela Lava jato em **08 de novembro de 2018**. O relatório do Queiroz encontrava-se nos autos dos processos decorrentes dessa

investigação. Como a deflagração da operação ocorreu em novembro, significa que as investigações ocorreram por um longo período anterior.

Só no dia 5 de fevereiro de 2019, o promotor Cláudio Caio admitiu o encontro e se declarou suspeito para continuar as investigações.

Apenas no dia 15 de fevereiro de 2019, o caso foi para o Grupo Especializado no Combate à Corrupção (Gaeco) do Ministério Público do Rio de Janeiro. A alegação é que os relatórios do COAF que apontaram as movimentações suspeitas na conta Queiroz “são complexos e levam tempo para serem analisados.” Isso apesar do MPE-RJ ter recebido o primeiro relatório em janeiro de 2018.

Significa dizer que procuradores do Ministério Público Federal e Polícia Federal também tinham conhecimento das movimentações suspeitas de Queiroz muito tempo antes da publicação do vazamento do relatório. Em setembro de 2019, o próprio Flávio Bolsonaro pediu a interrupção da Operação Fumaça da Onça, pleito que foi negado pelos desembargadores do TRF2.

Peça 3 – o MPE-RJ e o caso do porteiro

O MPE-RJ tinha o sistema de registro das ligações telefônicas do condomínio há dias. Assim como a anotação à mão do porteiro, indicando a visita de Élcio Queiroz à casa 58, de Bolsonaro.

Leia também: [Recado do Nassif: sobre a imunidade parlamentar de Eduardo Bolsonaro](#)

Nada foi feito. Qualquer investigação minimamente competente faria o seguinte:

1. Requisitaria o equipamento com os registros de chamadas. O equipamento foi entregue voluntariamente pelo administrador do condomínio.
2. Ouviria o porteiro para saber a razão de tal confusão entre a casa de Bolsonaro e a de Ronnie Lessa. Ouviria também outros empregados do condomínio, assim como vizinhos para reconstituir a vida social de Bolsonaro e filhos e suas visitas.
3. Passaria um pente fino nos registros de entrada, para analisar as vezes que o carro de Élcio Queiroz entrou no condomínio, e quem ele visitava.
4. Faria um levantamento das demais visitas a Ronnie Lessa, para bater com as visitas a Bolsonaro, especialmente nos dias que antecederam e sucederam o assassinato de Marielle.

Nada foi feito.

No dia seguinte à matéria do Jornal Nacional, três procuradoras, em coletiva, informaram que estavam aguardando autorização do Supremo Tribunal Federal (STF) para iniciar a perícia. De repente, em menos de um dia anunciaram a perícia e foram taxativas em afirmar que o porteiro mentiu.

Na parte da manhã do mesmo dia, Carlos Bolsonaro consultou o sistema do condomínio e, através das redes sociais, mostrou o monitor indicando, na hora mencionada, apenas uma ligação para a casa de Ronnie Lessa, o provável assassino de Marielle Franco.

Ao mesmo tempo, as redes sociais divulgaram fotos de uma das promotoras, Carmen Eliza Bastos de Carvalho, não apenas como a camisa de Bolsonaro, mas abraçada com o deputado que celebrou a morte de Marielle e rasgou a placa com seu nome. Se não for motivo para suspeição, elimine-se de vez esse instrumento da legislação brasileira



Pior. A perícia constatou apenas se não havia manipulação dos arquivos analisados. Mas não lhe foi pedido para avaliar se teria havido exclusão de arquivos.

Leia também: [Áudio vazado foi recado de Queiroz, por Luis Nassif](#)

Ou seja, uma investigação sobre a qual Bolsonaro estava informado há semanas, tocado por procuradoras simpáticas ao bolsonarismo. E equipamentos submetidos a uma perícia para quem não foi solicitado sequer a análise de possíveis exclusões de arquivo.

Pode ter havido fraude? Não sei.

Tinha todo o cenário aberto para uma fraude? Certamente. Ainda mais sabendo-se que procuradoras responsáveis pelas investigações sobre a morte de Marielle se confraternizavam com deputados que celebraram a morte de Marielle.

Não apenas isso. Hoje em dia, há hordas de bolsonaristas no MPF, nas corporações públicas em geral, no Judiciário, além da disseminação do pensamento no baixo clero.

Peça 4 – a ditadura das corporações

Para quem acha que o país vive a normalidade democrática, algumas constatações.

Tem-se uma suspeita óbvia de abuso de poder e de manipulação de investigação. Em federações democráticas, quando a justiça estadual se mostra incapaz de vencer as pressões e apurar de forma isenta suspeitas de crime, a União interfere.

No Brasil, quais são os poderes que podem interferir? A rigor, apenas 3.

Numa ponta, a Polícia Federal de Sérgio Moro que, antes sequer de analisar o caso, já declarou o porteiro suspeito.

Na outra, a Procuradoria Geral da República, de Augusto Aras, ameaçando enquadrar o porteiro na Lei de Segurança Nacional.

Na base, milícias, ruralistas, clubes de tiro se armando, além do baixo clero das Forças Armadas e das Polícias Militares

Insisto: já entramos no embate final entre ditadura x democracia. Está nas mãos do STF impedir o salto final no abismo do estado de exceção. Ou segura Bolsonaro agora, ou será muito tarde.

02 DE NOVEMBRO DE 2019, 06H42

4. Mônica Bergamo: mundo político desconfia que há algo muito grave a ser revelado da família Bolsonaro

Ataques intensos do presidente e seu clã têm sido feitos tanto em conversas privadas quanto em público

Por Redação

De acordo com a [coluna de Mônica Bergamo](#), várias autoridades tem a convicção de que algo grave, e que ainda não é público, ocorre e já é do conhecimento dos Bolsonaros, tamanha é a inquietação entre eles.

A intensidade dos ataques do presidente Jair Bolsonaro (PSL-RJ) ao governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel (PSC), reforçou a desconfiança generalizada de autoridades sobre a postura agressiva do presidente e de sua família.

Bolsonaro insiste na tese de que Witzel usa a máquina investigativa do Rio para tentar envolver sua família em escândalos. Os ataques do presidente e seu clã têm sido feitos tanto em conversas privadas quanto em público.

O tom dos Bolsonaros tem subido há alguns dias, chegando a falar de saídas autoritárias para uma hipótese de “radicalização da esquerda” que nenhum outro grupo político aponta no horizonte.

5. “Contradições e bate-cabeça da campanha de Bolsonaro são intencionais”

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/24/politica/1540408647_371089.html?%3Fssm=FB_BR_CM&fbclid=IwAR0TNQJOTvygixcPCArcIn0bwYQe0P1c1fyjhgcNAc3c6QdUkG0teZHZfgA

Para o especialista em estratégia militar Piero Leirner, capitão usa tática militar em sua comunicação

GIL ALESSI

SÃO PAULO 29 OCT 2018 - 16:23 BRT

Esqueça a propaganda eleitoral tradicional na TV e no rádio. Deixe de lado também qualquer necessidade de discursos coerentes e sem contradições. Ao contrário, estimule seus aliados a levantar uma série de polêmicas apenas para que você possa em seguida

desmenti-los e desempenhar o papel de apaziguador, paladino "da ordem". Na sequência, [apresente mais desinformação](#). Repasse para dezenas de grupos fechados de [Whatsapp](#), que espalharão para mais centenas, até que a verdade seja uma questão de ponto de vista sem nenhum lastro na realidade. Essa é a estratégia que, segundo o antropólogo Piero Leirner, professor da Universidade Federal de São Carlos e especialista em estratégia militar, foi colocada em marcha pela campanha do presidenciável [Jair Bolsonaro](#) e pode levá-lo ao Planalto nas eleições de domingo. Em entrevista por e-mail ao EL PAÍS ele detalha os passos que fizeram com que o capitão da reserva deixasse seus adversários se perguntando o que os atingiu.

MAIS INFORMAÇÕES

Pergunta. A campanha de Bolsonaro frequentemente [aparenta bater cabeça](#), com o capitão tendo que rebater colocações de sua equipe, como no caso da afirmação de um de seus filhos sobre o [fechamento do Supremo Tribunal Federal](#). Isso é uma estratégia eleitoral?

Resposta. Tenho a impressão que no primeiro turno isso foi feito muito mais de cabeça pensada do que agora. A estratégia visava a criação de um ambiente de dissonância cognitiva [no qual uma pessoa apresenta simultaneamente opiniões contraditórias entre si], para em um segundo momento Bolsonaro aparecer com um discurso de [restauração da ordem](#). Este é um passo clássico de operações psicológicas [militares], algo que está colocado em manuais de informação e contrainformação, propaganda de guerra e estratégias de dissuasão do inimigo há muito tempo.

P. Qual o sentido de usar esta estratégia?

R. O que se podia fazer com oito segundos de TV? Nada. Então houve a apropriação bastante eficaz desse tipo de instrumento de guerra semiótica. Falar e desdizer, e, como você disse antes, "bater cabeça" com os *cabeças de ponte*, os subordinados que ocupam uma posição *de contato* no terreno inimigo. Com isso ele mostrava o seguinte: "a confusão está fora de mim, [mas eu restauro a autoridade aqui](#)". Todo o tempo esse foi o discurso, de que ele é a autoridade. E assim ele multiplicou o carisma, jogando para o plano que oscilava entre uma autoridade carismática e tradicional.

Tenho a impressão que depois disso se tornou um padrão, basta ligar no piloto automático. O que foi repreender o filho [[Eduardo Bolsonaro](#), que falou [na possibilidade de fechar o STF](#)] senão a repetição do discurso de que "tem que levar umas palmadinhas"? Ou seja, mais uma vez ele capitalizou com o erro.

P. Em que medida esta estratégia ajuda o candidato? É possível dizer que, neste cenário, confundir ajuda?

O padrão é sempre aparecer com uma ordem semanticamente paralela à desordem anterior

R. O padrão é sempre aparecer com uma ordem semanticamente paralela à desordem anterior. Se há uma desordem, digamos hipoteticamente, lançada por meio de uma contradição em um assunto econômico, como por exemplo [Paulo Guedes](#) dizendo "vou privatizar tudo", Bolsonaro reage com um "não vamos privatizar as empresas estratégicas" e, posteriormente, a questão é resolvida com um "vou acabar com o [problema da violência](#)". Isso é tão eficaz que até os donos de corretoras, o tal mercado, releva as informações que deveriam realmente interessar e passam a apostar nele.

Outro dia assisti em um programa de TV uma mesa com dois donos de corretoras, e um deles disse: "não é preciso ter plano algum para a [economia](#), isso a gente vê depois. O que interessa mesmo é acabar com o privilégio das minorias que se instalou nesse país". Acho que nem Wall Street chegaria nesse ponto, de onde se vê que até gente que sabe como a engrenagem funciona caiu em processo de dissonância cognitiva.

P. Estas polêmicas provocadas pelo círculo íntimo do candidato ficam dias repercutindo na mídia. Isso é positivo para ele?

R. Claro. Ainda mais considerando que ele conseguiu colar a versão de que a mídia é, ela própria, uma [fake news](#). Então toda a polêmica que fica exposta ele capitaliza depois mostrando que é o anti sistema lutando contra o *establishment*. E fez isso de uma maneira muito simples, pois depois de anos da mídia manobrando à vontade para bater no PT, eis que Bolsonaro bate na mídia e o PT assume a defesa dela! O que a campanha do PT fez? Jogou fora sua narrativa anterior, deixando esse vácuo, que é um tesouro semiótico, pronto para o Bolsonaro pegar e inverter a pauta: agora o [PT](#) é o "partido da Globo". Passei dias ouvindo isso, que na Globonews são todos petistas de carteirinha. Agora, minha sensação é que quanto mais a mídia bater, mais ele capitaliza.

Depois de anos da mídia manobrando à vontade para bater no PT, eis que Bolsonaro bate na mídia e o PT assume a defesa dela!

P. Qual o conceito de guerra híbrida que o senhor trabalha, e como se aplica à política?

R. O conceito foi inventado por um norte-americano que reside na [Rússia](#), o Andre Korybko. Ele fala, sobretudo, em movimentos que se utilizam de pautas identitárias que são articuladas por agentes externos para provocar conflitos e desestabilizar regimes. Foi assim nas chamadas primaveras árabes e, penso, aqui também em 2013. Para ele há um claro envolvimento do assim chamado *deep state* [nome dado a uma mistura de interesses de agentes estatais com investidores e setores industriais] norte-americano.

P. A manipulação de pautas identitárias são a única maneira de usar a guerra híbrida?

R. Eu penso que não, ainda que os meios sejam os mesmos: basicamente uma guerra no campo da informação e contrainformação, cujo objetivo é dissuadir o inimigo sem precisar levantar a espada. Isso é Sun-Tzu [estrategista militar chinês autor do livro *A Arte da Guerra*]. Isso é a base das PsyOps, ou operações [psicológicas](#). O ponto todo é sempre desmoralizar o inimigo, deixando praticamente impossível para ele uma avaliação real sobre o tamanho, o posicionamento, a coesão e o estado de suas forças. Toda informação deve ser criptografada, e sempre é preciso adicionar uma quantidade de camadas de informação diante dos fatos de modo que as pessoas não saibam mais se estão olhando para as distrações ou para a mão que realiza a manobra. Com essa parafernália conceitual, me parece plausível que existe aplicação em qualquer campo. Por que a política ficaria isenta dela?

P. Como reagir a um ataque híbrido?

R. O que você acha que é essa quantidade incrível de vídeos que circulam agora via [Facebook](#) e Whatsapp? Contra-ataques híbridos. Estão certos? Falam a verdade? É bem possível, mas sua origem é tão obscura quanto a da matéria ele pretende desmentir. E o problema disso tudo é que nada parece ter lado, todas essas verdades parecem surgir do nada e se fiar em checagem de fatos. Mas então me diga uma coisa: qual é a agência que vai determinar, em última instância, a checagem? A mesma imprensa que até 20 dias atrás manobrou os fatos à sua vontade? O problema é que quando eles iam só em uma direção, estava tudo bem. Agora que o resultado saiu do controle, fica todo mundo desesperado com a [quantidade de notícias falsas e mentiras](#). Quem olhou para o que estava acontecendo desde 2013 viu que tudo estava seguindo um padrão.

O problema é que quando as fake news iam só em uma direção, estava tudo bem. Agora que o resultado saiu do controle, fica todo mundo desesperado com a quantidade de notícias falsas e mentiras.

P. Existe algum outro país onde esta estratégia tenha sido utilizada?

R. Desta maneira, que eu saiba, não. Você deve estar pensando no caso norte-americano, no escândalo da [Cambridge Analytica](#) e dos contatos do filho de Bolsonaro com [Steve Bannon](#) [ex-estrategista de Donald Trump]. É uma parte do processo, mas não explica tudo. A estratégia tem que ser vista de forma aprofundada, recuando alguns anos. Agora parece que todo mundo acordou, no susto. Não se trata só da campanha que começou este ano, mas de passos mais largos que foram sendo realizados por outros agentes, como o Judiciário e a própria mídia.

A entourage de Bolsonaro certamente mapeou esses movimentos e foi se posicionando, sempre no segundo plano. Quando chegou a sua vez, aí foi o movimento de morde e foge, lançou o ataque semiótico e depois viu como o campo se desorganizou, para aí se reposicionar de novo. E assim foi indo, sempre lá de trás, observando como no *front* os outros ficavam como baratas tontas. Veja o PSDB [[que focou sua artilharia em Bolsonaro](#)], mas sequer foi ao segundo turno da disputa], mais claro impossível.

Isso que você está chamando de propaganda clássica chega a dar dó, não convence mais ninguém

P. O que mudou no papel da propaganda eleitoral clássica, na TV e no rádio? Os adversários de Bolsonaro conseguiram fazer bom uso dela?

R. Isso que você está chamando de propaganda clássica chega a dar dó. Os minutos que são fatiados em críticas, propostas e aqueles cliques ridículos mostrando gente sorrindo, o *brasileiro típico*, não devem convencer mais ninguém. Compare com o que produziu Bolsonaro: vídeos de baixa qualidade, feitos com celular. Todo mundo espalhou, não consumia a banda larga de ninguém! Pareciam *selfies* que se manda para o amigo ali da esquina. Essa estratégia o colocou em *linha direta* com as pessoas. E elas espalharam este conteúdo como se fossem agentes de campanha. Funcionaram como *estações repetidoras*. Delas para os grupos, e desses para outros. Hoje também já suspeitamos que [houve uma ajuda extra](#). Mas, como disse, esse jogo está com a regra alterada circunstancialmente. Então essa propaganda tradicional, do jeito que está sendo feita, é inócua.

P. Algum outro candidato além de Bolsonaro fez uso da guerra híbrida com eficiência?

R. Claro que não. Basta ver onde eles estão.

P. Bolsonaro diz não ter controle sobre a disseminação de *fake news*. Qual sua avaliação?

R. Há dois pontos aí: ele não tem controle de como as *fake news* se espalham, pois as *células* atuam de maneira semi-independente. Mas ele, ou alguém da equipe dele, tem controle sobre a própria boca e como as coisas saem dela. Então ele tem segurança na fórmula, a equipe tem as chaves da criptografia das mensagens passadas. Então é claro que ele poderia dar um *cavalo-de-pau* e tentar mudar a chave, e é evidente que ele não fez isso. O discurso de domingo [21 de outubro, quando Bolsonaro [falou em varrer a oposição](#)] intensificou mais ainda essa estratégia. Tudo feito como sempre, e ninguém consegue reagir.

6. Bolsonaro colocou suas digitais no caso

Marielle, diz Noblat

https://www.brasil247.com/brasil/bolsonaro-colocou-suas-digitais-no-caso-marielle-diz-noblat?fbclid=IwAR2KYWfE3o-51_jwPrLYAE2UNPr5Ccde9iDU264w3Pb2Yz8DWF7xtmC-EBA

O jornalista Ricardo Noblat considera que o clã Bolsonaro colocou as suas digitais no caso Marielle Franco quando Jair Bolsonaro admite que recolheram ou copiaram provas que interessariam ao inquérito sobre a morte da vereadora. "O Supremo Tribunal Federal prendeu o então senador Delcídio do Amaral, líder do governo Dilma, por obstrução de Justiça", lembrou

2 de novembro de 2019, 17:08 h Atualizado em 2 de novembro de 2019, 17:12

Noblat: foram acreditar que Bolsonaro era um liberal, agora cham (Foto: Reprodução | Alan Santos/PR)

247 - Para o jornalista *Ricardo Noblat*, a declaração Jair Bolsonaro admitindo que pegou as gravações do condomínio onde mora antes da polícia é a reelação de que os Bolsonaros colocaram "as digitais" no assassinato da vereadora Marielle Franco e de seu motorista Anderson Gomes.

"É isso mesmo? Não creio. Deve ser um mal entendido. Os Bolsonaros recolheram ou copiaram provas que interessariam ao inquérito sobre a morte de Marielle? E o presidente confessou isso? Não, não pode ser. Puseram suas digitais no caso? Não, deve ser engano", escreveu p jornalista.

"O Supremo Tribunal Federal prendeu o então senador Delcídio do Amaral, líder do governo Dilma, por obstrução de Justiça. Não sei porquê me lembrei disso agora", lembrou

7. Sobrou para o porteiro

Bernardo Mello Franco - O Globo

Depois de quase 600 dias, as autoridades encontraram um culpado para o caso Marielle. É o porteiro do condomínio Vivendas da Barra, domicílio do presidente Jair Bolsonaro, de seu filho Carlos e do ex-PM Ronnie Lessa, preso sob acusação de matar a vereadora.

Na noite de terça, o [Jornal Nacional revelou o teor dos depoimentos do porteiro à polícia](#). Ele disse que Élcio Queiroz, outro ex-PM envolvido no caso, esteve lá no dia do crime e informou que iria à casa de Bolsonaro. Segundo o relato, a entrada foi autorizada pelo “Seu Jair”.

O testemunho coincidiu com o livro do condomínio, onde o porteiro anotou a visita à casa 58. O JN apontou uma contradição: Bolsonaro não poderia estar no local. Meia hora depois da entrada do ex-PM, ele registrou presença no plenário da Câmara, em Brasília.

O presidente reagiu à reportagem com fúria. [Direto da Arábia Saudita, atacou violentamente a TV Globo e o governador Wilson Witzel](#). Ele ameaçou não renovar a concessão da emissora, fórmula usada por Hugo Chávez para calar o jornalismo independente na Venezuela.

“O que parece é que o porteiro mentiu, ou induziram o porteiro a cometer um falso testemunho”, sentenciou.

Exaltado, ele chamou os jornalistas de “patifes” e “canalhas”. Depois afirmou que eles deveriam ser investigados, em mais um ataque à liberdade de imprensa.

Ontem o presidente disse ter mandado a Polícia Federal tomar um novo depoimento do porteiro. [O ministro Sergio Moro reforçou a pressão e ameaçou enquadrá-lo em três tipos penais: obstrução à Justiça, falso testemunho e denúncia caluniosa](#). O novo procurador-geral da República, Augusto Aras, também desqualificou o funcionário do condomínio. [Aproveitou para arquivar a citação a Bolsonaro, que o nomeou há um mês](#).

No Rio, a promotora Simone Sibilio se juntou ao coro. [Ela apresentou uma gravação de áudio para sustentar que Queiroz foi à casa de Lessa, não à de Bolsonaro](#). “Todas as pessoas que prestam falso testemunho podem ser processadas”, emendou.

O porteiro terminou o dia como vilão, mas ninguém explicou por que ele inventaria toda essa trama para atingir o presidente.

BLOGS.OGLOBO.GLOBO.COM

Sobrou para o porteiro | Bernardo Mello Franco - O Globo

Depois de quase 600 dias, as autoridades encontraram um culpado para o caso Marielle. É o porteiro do condomínio Vivendas da Barra,...

8. Os ‘tresloucados e malucos’ Os militares não embarcam no AI-5 e no ‘Três Oitão’ dos Bolsonaro

Eliane Cantanhêde, O Estado de S.Paulo

Em entrevista ao Estado, em dezembro de 2016, o então comandante do Exército, general [Eduardo Villas Bôas](#), me contou que “tresloucados e malucos” batiam às portas das [Forças Armadas](#) pedindo a volta dos militares ao poder e que, de pronto, [ele advertia que algo assim tinha “chance zero”](#). Três anos depois, porém, o clã Bolsonaro arrepia o País com sua apologia a ditaduras.

Villas Bôas relatou que respondia com o artigo 142 da Constituição àquela versão atualizada das “vivandeiras alvoroçadas” que, segundo o marechal Castello Branco, primeiro presidente do regime de 1964, exigiam “extravagâncias” do Poder Militar. Por esse artigo, as Forças Armadas “destinam-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem”.

Boa lembrança, já que o capitão da reserva Jair Bolsonaro nem completou um ano de mandato e seu filho [Eduardo](#), deputado federal e quase embaixador (em Washington!), choca o País inteiro ao defender a volta do demoníaco AI-5, enquanto o presidente, [como informa o repórter Renato Onofre](#), costura sua filiação ao ainda em gestação Partido Militar Brasileiro.

Assim, o novo partido embolaria perigosamente o presidente da República com militares, policiais, a bancada da bala e “tresloucados e malucos” de diversas espécies. E sob o número 38, em referência ao revólver mais conhecido, principalmente entre os bandidos, no bang-bang nacional. O presidente no “três oitão”...

Eduardo Bolsonaro uniu o País inteiro, da esquerda à direita, do PT de Lula ao PSC do Pastor Everaldo, ao defender a volta do demoníaco AI-5. Para o pai Jair, quem fala uma coisa dessas está “sonhando, sonhando, sonhando”. Há quem sonhe com o paraíso, ganhar na loteria, a casa própria ou um bom prato de comida. Fazer apologia a ditaduras não é sonho, é pesadelo — além de crime.

Só não é novidade no clã Bolsonaro, já que o patriarca saiu pela porta dos fundos do Exército após ser acusado de planejar explodir quartéis, passou três décadas no Congresso defendendo ditadores, torturadores, censura e dedicou seu voto a favor do impeachment de Dilma Rousseff a Brilhante Ustra, a estrela dos livros sobre tortura no Brasil.

Já eleito presidente, Bolsonaro chocou o Paraguai ao elogiar Stroessner e irritou o Chile duas vezes: com loas ao igualmente sanguinário Pinochet e

depois atacando o pai da ex-presidente Michelle Bachelet, morto sob tortura. Até o atual presidente Sebastián Piñera reagiu.

Foi assim que Bolsonaro criou os filhos. Eduardo já tinha feito a bravata infantil de que, para fechar o Supremo, bastam um cabo e um soldado. Carlos lidera uma guerra insana pela internet contra tudo e todos. Flávio mantém relações complexas com ex-policiais de má fama no Rio.

Perguntei a um oficial muito entrosado com as três Forças como militares reagiam à fala sobre o AI-5 e ele: “Rindo. Só rindo de um absurdo desses”. E disse que “nunca” haverá um partido militar, incompatível com a missão constitucional das Forças Armadas e um retrocesso gravíssimo no longo processo de profissionalização e descontaminação dos quartéis.

A manifestação do oficial está perfeitamente de acordo com o que me disse naquela entrevista o brilhante general Villas Bôas, ao descartar aventuras golpistas e apelos de vivandeiras: “Nós aprendemos a lição. Estamos escaldados”. Só que o presidente e seus filhos talvez não.

A Câmara, por corporativismo ou preguiça, apenas advertiu o deputado Jair, que em 1999 queria fechar o Congresso, disse que “o erro do regime militar foi (só) torturar, não matar” e lamentou que o então presidente Fernando Henrique não tivesse sido fuzilado. Parecia só bravata e, impune, Jair acabou presidente. Como a Câmara vai reagir agora ao deputado Eduardo?

9. Por que o Chile interessa

BOM OU RUIM, O QUE LÁ ACONTECER TERÁ EFEITOS NA AMÉRICA LATINA, EM ESPECIAL NO CONE SUL

Sergio Fausto*, O Estado de S.Paulo

Nas últimas semanas o Chile virou de pernas para o ar. O que ao início parecia se limitar a um punhado de jovens a pular catracas no metro de Santiago, em desafio pelo aumento da tarifa, transformou-se numa gigantesca onda de protesto social. Os protestos são tanto um produto do sucesso do “modelo chileno” quanto um reflexo de suas crescentes limitações.

Na herança deixada pela ditadura militar do general Pinochet, a coalizão de centro-esquerda que assumiu o poder no Chile em 1990 encontrou uma economia aberta que recém se havia estabilizado e começado a crescer; uma sociedade empobrecida por ajustes estruturais feitos a ferro e fogo e traumatizada pela violação sistemática de direitos humanos; e uma Constituição outorgada que estabelecia severos limites políticos à vontade dos governos democráticos eleitos.

Vistos contra esse pano de fundo, saltam aos olhos os avanços do Chile nas três últimas décadas de governança democrática: o crescimento econômico

acelerado tornou o país o mais rico da América Latina; a pobreza despencou de 40% para 9% e a indigência, de 20% para 3%; a quase totalidade dos jovens passou a completar o ensino médio e mais da metade a concluir o ensino superior; os milhares de violações de direitos humanos foram apuradas e os culpados julgados e condenados; as amarras políticas impostas pela ditadura foram removidas. Falar em fracasso do “modelo chileno” é um equívoco, o que não significa ignorar seus problemas.

À medida que emergia uma nova classe média, criaram-se expectativas mais altas de consumo e reconhecimento social, apenas parcialmente cumpridas. As novas gerações que ingressaram no mercado de trabalho, mais escolarizadas que seus pais, fazem malabarismos para pagar educação, saúde, transporte e moradia com salários relativamente baixos. Apesar do esforço, os jovens não conseguem saltar as barreiras visíveis e invisíveis que os separam do topo da pirâmide, cada vez mais distante e inatingível. Sentem que o Estado não os ajuda a romper esses limites nem os protege do risco de voltar à pobreza da geração anterior. Já os mais velhos recentemente descobriram que o sistema de capitalização criado na ditadura lhes entrega benefícios mínimos de aposentadoria. A classe média batalhadora se percebe sem retaguarda estatal e familiar. E teme pelo futuro.

Os protestos expressam medo e raiva, dirigida contra o establishment político e econômico. Não se trata de uma elite socialmente irresponsável. Desde o primeiro governo democrático adotaram-se políticas sociais para redução da pobreza. Financiadas pelo crescimento acelerado e por um ligeiro aumento da carga tributária, surtiram efeito poderoso. Está claro que agora é preciso maior ousadia para enfrentar resistências do competente empresariado chileno a uma melhor distribuição da renda. A redução das desigualdades requer aumentar a carga tributária total e chamar os mais ricos à responsabilidade de arcar com maior fatia no financiamento público de políticas sociais. Sem matar a competitividade das empresas.

Sebastián Piñera, o atual presidente, é um homem moderado de centro-direita, que não apoiou Pinochet. Por outro lado, simbolicamente, encarna a simbiose entre o poder político e o poder econômico (por ser bilionário). Reagiu inicialmente mal aos protestos, dizendo que o país estava em guerra contra um inimigo oculto. Pediu desculpa, voltou atrás e convocou os partidos de oposição ao diálogo. Está em busca de um novo enredo para o seu governo.

O ex-presidente Ricardo Lagos defendeu o diálogo entre governo e oposição em torno de uma agenda de reformas mais ampla do que as primeiras medidas anunciadas pelo atual mandatário. Piñera e seus antecessores, Michelle Bachelet incluída, têm noção da responsabilidade histórica que carregam.

Mais do que qualquer outro país latino-americano, o Chile tem condições para dar resposta ao descontentamento social sem apelar para o populismo. Boas políticas macroeconômicas há várias décadas, e pequeno endividamento do setor público, asseguram condições fiscais para o país oferecer mais e

melhores serviços públicos. Além disso, o Chile conta com uma boa burocracia estatal, pouco afetada pela corrupção.

Apesar de tudo isso, não é pequeno o desafio de restabelecer a confiança do povo nas elites e de todos no futuro do país. É enorme a descrença dos chilenos em suas instituições e lideranças políticas (talvez porque não conheçam as dos países vizinhos). Não são desprezíveis os riscos de o país se dividir em polarizações destrutivas, como Brasil e Argentina.

O futuro é incerto pela combinação de três ordens de fatores: as fórmulas políticas testadas com sucesso durante a transição e a consolidação da democracia (acordos políticos entre os grandes partidos) são vistas com desconfiança pela população; é necessária uma nova agenda de políticas públicas (mais complexa que a atual, por exigir maior coordenação entre agentes públicos e privados, melhor e maior investimento em ciência e tecnologia, novo equilíbrio entre competitividade e equidade); o mal-estar social chileno não tem motivações exclusivamente econômicas, mas também culturais (e a cultura não se amolda facilmente às decisões políticas).

O Chile está desafiado a inventar um novo projeto comum que vá além das aspirações individuais de cada um dos seus cidadãos sem retroceder às utopias coletivistas e sem perder o trem da integração competitiva à economia global. Desafio que exige à política e aos políticos ultrapassar os limites do curto prazo, da disputa partidária e dos estreitos corredores do poder.

Não é pouco o que está em jogo. O Chile enfrenta em melhores condições desafios que todos os países da região estão condenados a enfrentar. O que ali acontecer, de bom ou de ruim, terá efeitos na América Latina em geral e no Cone Sul em particular.

*SUPERINTENDENTE EXECUTIVO DA FUNDAÇÃO FHC, COLABORADOR DO LATIN AMERICAN PROGRAM DO BAKER INSTITUTE OF PUBLIC POLICY DA RICE UNIVERSITY, É MEMBRO DO GACINT-USP

10. A esfinge e os líderes

É DO INTERESSE DA MAIORIA UM GOVERNO QUE RESPEITE O MERCADO E AS NECESSIDADES DO POVO

Fernando Henrique Cardoso*, O Estado de S.Paulo

03 de novembro de 2019 | 03h00

Nos últimos artigos tenho insistido na necessidade da formação de um “centro democrático progressista”. O que é isso? Desde logo, não se trata de um “centrão”, ou seja, de um agrupamento de pessoas que dominam legendas de partidos e, na prática, se unem para apoiar ou rejeitar propostas do governo, cobrando um preço clientelístico. O “centro democrático” tampouco pode ser um agrupamento anódino, que ora se define como favorável ao povo e esbanja

recursos, como os populistas, ora se comporta de modo austero, com bom manejo das contas públicas, mas sem olhar para o povo, como os “neoliberais”. Então, o que seria?

Escrevi sobre o “liberalismo progressista” dizendo que ele se diferencia do “liberalismo conservador, de corte autoritário”. Neste, o mercado é o *deus ex-machina* que molda a sociedade. O primeiro respeita os mercados, sabe que as economias contemporâneas são “de mercado” (quase sem exceção), mas sustenta que elas não dispensam a regulação e mesmo a ação do Estado na economia. A atuação estatal, não sendo a única e nem mesmo a principal mola do crescimento econômico, continua a ser necessária para evitar que a desigualdade mine a democracia e o crescimento.

Na prática, o risco maior do liberalismo conservador, de caráter autoritário, é o de derrapar para formas abertamente não democráticas de decidir e assim aumentar o fosso entre dirigentes e dirigidos, abrindo espaço para manifestações populares antagônicas ao poder. Já o risco do progressismo é se transformar em populismo e, com o propósito ou o pretexto de servir ao “povo”, desorganizar as finanças públicas, levar à inflação e ao desemprego. O país cai na estagnação, abrindo espaço para a “direita” (ou seja, para formas disfarçadas ou abertas de autoritarismo).

Não terá sido um vaivém entre essas formas de liberalismo, autoritarismo e populismo (mais do que o risco de fascismos ou comunismos) o que vem caracterizando boa parte das formas políticas do mundo contemporâneo? Desse vaivém escapam os países onde liberdade e democracia não formam parte do *ethos* nacional (os que não são ocidentais ou ocidentalizados). A oscilação acima referida, e mesmo a dúvida sobre o valor da democracia representativa, tem aumentado muito, afetando nações de tradição liberal. Não faltam autores que chamam a atenção para estes desdobramentos: a crise das democracias, como morrem as democracias, o povo contra as elites, e assim por diante, dão título a muitos dos volumes que tratam dos fenômenos políticos contemporâneos.

Por trás desse desaguado estão os novos meios produtivos e as formas contemporâneas de comunicação, que moldam as sociedades. A primeira vez que me dei conta disso foi em maio de 1968, quando eu era professor da Universidade de Paris em Nanterre. Anos mais tarde, procurando teorizar a esse respeito, disse no discurso em que transmiti a presidência da Associação Internacional de Sociologia, em 1986, que os fios desencapados da sociedade podem se tocar de repente, produzindo curtos-circuitos fora da polaridade tradicional “proprietários versus trabalhadores” e dos partidos que no passado os representavam. Havendo comunicação em rede, as faíscas que se acendem num ponto se propagam para os demais e o protesto atravessa os limites entre classes e segmentos sociais, contaminando amplos setores da sociedade. Essa dinâmica do protesto e a velocidade da sua expansão já eram perceptíveis em 1968. Foi somente quando a TV e o rádio passaram a cobrir as

manifestações estudantis que estas entraram em contato com as negociações sindicais, que antes se davam à parte e à distância.

Que dizer agora, quando a internet e as redes conectam as pessoas e saltam as organizações? Se Descartes dizia *cogito ergo sum* (penso, logo existo), hoje a frase síntese é outra: estou conectado, logo existo. Mais ainda: as forças produtivas contemporâneas, com robôs e inteligência artificial, aumentam a produtividade, concentram a renda e não geram empregos na proporção da procura por trabalho, a despeito da redução da taxa de crescimento da população. E graças à internet muitos ficam sabendo do que acontece.

Não será esse o fantasma por trás dos “coletes amarelos” de Paris, dos partidários do Brexit na Grã-Bretanha ou dos eleitores de Trump que querem ver os Estados Unidos *great again*? E não haverá risco, em *nuestra America*, de confundir a Frente Ampla (eventualmente vitoriosa no Uruguai), ou os peronistas argentinos e agora as manifestações no Chile, que lembram o Brasil de 2013, e mesmo no Equador ou na Bolívia, com uma luta tradicional da “esquerda” contra a “direita”, como se ainda estivéssemos nos tempos da guerra fria? A guerra agora é outra: menos desigualdade, fim da corrupção política, mais empregos e melhores salários. E quando há diminuição do ritmo de crescimento, como lembrava Tocqueville sobre a Revolução Francesa, a insatisfação eclode forte, como atualmente no Chile.

Dito isso, o centro liberal precisa ser progressista não apenas porque a igualdade de oportunidades e a garantia de um patamar de condições de vida dignas para todos são essenciais para uma democracia estável e uma sociedade civilizada, mas também porque vivemos outro momento do capitalismo, no qual as políticas públicas devem ser complementadas pela ação da sociedade civil. É do interesse da maioria existir um governo ativo e com rumo. Capaz de respeitar as regras do mercado, mas também os interesses e necessidades do povo. E estes não se resolvem automaticamente na pauta econômica, requerem ação política e ação da sociedade.

Não será esse o miolo de um centro radicalmente democrático e economicamente responsável? Talvez, mas na vida política não basta ter ideias, é preciso que alguém as encarne. Ou aparece quem tenha competência para agir e falar em nome dos que mais precisam ou a esfinge nos devora.

* *SOCIÓLOGO, FOI PRESIDENTE DA REPÚBLICA*

MEU QUERIDO MÊS DE NOVEMBRO

Paulo Timm – nov. 08 /2018

Muitos estigmatizam, no Brasil, o mês de agosto, como do desgosto. No hemisfério norte, T.S.Elliot, o grande poeta, autor do mais célebre poema do século XX – Terra Devastada – diz que abril é o mais cruel dos meses. Janeiro é celebrado ao sol dos veraneios e faz, em nossa cidade, a alegria dos nativos. Agora, um grupo de poetas e intelectuais está lançando o “Movimento Torres Além Veraneio”, mas, sabemos, todos, quão difícil será sair do Destino para a

História. E novembro? O que dizer do mês que se inicia com Todos os Santos e, por isso mesmo, tão abençoado? Escolho, pois, o “Meu querido mês de novembro”.

Tenho dos novembros as mais gratas lembranças, a maior delas o prenúncio do verão com o início de noites mais curtas e dias alongados pela mudança do relógio. Os feriados dos dois primeiros dias era tempo de vir à praia arejar a casa, tirar o mofo, colocar os cobertores nos varais, fazer o jardim, ir preparando o veraneio. Mas este era o mês, também, que ia terminando o ano escolar e espichávamos o pescoço para ascender mais uma escada no currículo.. Que emoção chegar, naquele tempo – que nem sei mais se era mesmo melhor do que hoje – ao ginásio, quando se iniciavam os estudos de língua estrangeira e saíamos da aritmética para a matemática das letras. A impressão que tenho é que novembro era uma espécie de puberdade. Tudo irrompia....

Novembro, porém, não é, apenas, um mês existencial. De experiências pessoais. Sempre foi um mês de tramas políticas – e eu sou a elas ligado pela paixão - , começando pela Proclamação da República e pelo Dia da Bandeira, hoje, sobreposta pelos imperativos globalizantes. Quando menino, no Grupo Escolar Cícero Barreto, em Santa Maria, o 19 de novembro era dia de exaltação do nacionalismo e de cantar o Hino à Bandeira, todos enfileirados, de guarda-pó, antes de entrar em aula: “Salve lindo pensão da esperança/Salve símbolo augusto da paz”. Lembro, a propósito, como o velho Comandante Brizola gostava desta data e deste hino, revenciando-os. Acho até que, quando foi Governador do Rio Grande do Sul, conseguiu que imprimissem a letra do hino nos cadernos escolares. Será?

Mas foi também o mês de grandes agitações políticas no período que podemos chamar de Moderno, depois de 1930, cuja Revolução deu-se, com efeito, em outubro, mas se consolidou mesmo em novembro daquele ano. Getúlio Vargas assumiu a chefia do “*Governo Provisório*” em [3 de novembro](#) de 1930, data que marca o fim da República Velha no Brasil. O Brasil saía da sombra do fazendão escravocrata das cartolas importadas da Europa e mergulhava no capitalismo, ainda que de Estado. Enquanto a Revolução de 1930 estava em andamento, Mário Pedrosa, futuro crítico de arte, que conheci, velhinho, na minha livraria – Galilei . , em Brasília- e Lívio Xavier, então militantes da Oposição de Esquerda, dissidência do Partido Comunista do Brasil (PCB), escreveram “Esboço de Análise da Situação Brasileira” mostrando que Vargas representava uma cisão no bloco de poder derivada do desenvolvimento do capitalismo. Tempos, aliás, conturbados, de fortes tensões numa sociedade com raízes multifacetadas em rizoma, resistente ao ritmo da História. Já em novembro de 1935 eclodia o levante comunista contra o que consideravam uma mero golpe intraoligárquico e disso dão conta “As memórias do cárcere”.. Em outro novembro, dia 10, do ano de 1937 Vargas dá o troco contra a corrente das resistências históricas e mergulha o país no Estado Novo, que perdurará até... às vésperas de novembro de 1945.

O nacional-desenvolvimentismo varguista

O modelo político econômico adotado pelo regime varguista foi o nacional desenvolvimentista, dessa forma investiu-se na indústria de base nacional, em órgãos de administração pública, e em reformas nas forças armadas. Assim, foram criados para a administração pública o Conselho Nacional do Petróleo e o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), em 1938. No que se referiu às forças armadas, foi criado o Ministério da Aeronáutica e ampliado o efetivo de soldados do exército. Dentre algumas das principais indústrias públicas criadas durante o Estado Novo estiveram:

- Companhia Siderúrgica Nacional (1941);
- Companhia Vale do Rio Doce (1942);
- Fábrica Nacional de Motores (1942);
- Companhia Nacional de Álcalis (1943);
- Companhia Hidrelétrica do São Francisco (1945).

O projeto nacional desenvolvimentista também abrangia a expansão populacional para a região Centro-Oeste e Norte, projeto conhecido como “Marcha para o Oeste”. Dessa maneira, foram criados os seguintes Estados: Amapá; Rio Branco que posteriormente passou a ser chamado de Roraima; Guaporé, atualmente designado de Rondônia; e Ponta Porã e Iguaçu, separados respectivamente dos Estados do Mato Grosso e Paraná, que foram extintos em 1946.

A “Marcha para o Oeste”

A “Marcha para o Oeste” pretendia estimular a formação de cidades, a abertura de estradas, a produção agrícola e pecuária, e implementar uma forma de vida considerada “moderna”. Na década de 1940 foi criado o Conselho Nacional de Proteção aos Índios (CNPI), sob o comando de Cândido Rondon, para realizar o contato com os indígenas de forma pacífica. No entanto, a “Marcha para o Oeste” gerou muitos conflitos entre os migrantes e os indígenas, e muitas mortes resultaram desses conflitos. Sobretudo, dos indígenas afligidos, por exemplo, pelas doenças para as quais não possuíam resistência imunológica. Em 1943, os irmãos Vilas Boas adotaram a política de Rondon na expedição Rocardor-Xingu, com contato pacífico com os indígenas e promoção de assistência médica.

Acordos de Washington e a Companhia Siderúrgica Nacional

A construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda – RJ decorreu dos Acordos de Washington. Esses acordos

resultaram em uma aliança diplomática entre Brasil e Estados Unidos da América. A CSN foi financiada pelo Estados Unidos e o Brasil comprometeu-se em fornecer aço aos Aliados durante a Segunda Grande Guerra. A construção da CSN impactou no apoio brasileiro ao bloco dos Aliados na Guerra Mundial, até então o Brasil mantinha-se neutro no conflito. Além do fornecimento de aço para os Aliados, o Brasil comprometeu-se em permitir a instalação de bases militares e aeroportos nas regiões Norte e Nordeste do país. Devido a esse acordo os países do Eixo consideraram que o Brasil não estava mais neutro na guerra e atacaram submarinos brasileiros. Após esse ataque o Brasil ingressou definitivamente na guerra ao lado dos Aliados, em 22 de agosto de 1942.

Vargas é deposto no dia 29 de outubro de 1945. Volta, entretanto, ao Poder em 1951, continua sofrendo as pressões contra seu programa nacional-desenvolvimentista e se suicida em 1954. Novas eleições, vence JK, com apoio dos varguistas, que indicam seu afilhado João Goulart como Vice Presidente e...mais tensões: As forças nem tão ocultas quanto poderosas, tentam impedir a posse do Presidente Bossa Nova. Nova novembro, desta vez comandada pelo General Lott, Ministro do Exército, com o objetivo de fazer cumprir a Constituição. A espada de ouro de Lott levanta-se na defesa da democracia, que, depois do lapso de 1964-1985 volta a afirmar-se e, com eleições diretas para Presidente, retomadas em 1989, prévia promulgação de uma Constituição a 03 de novembro do ano anterior. Este, novembro promissor ao aprofundamento da democracia, tanto política, como sócio-econômica, , não mais de tensões, mas de esperanças, ainda que vãs, em governos que se sucedem olhando o passado. Mas, enfim, alegria, alegria, ainda que sobre as lágrimas dos perdedores.

Neste novembro, tudo de novo, ainda que com o sinal trocado, pois que de caráter conservador, aparentado aos anos 50. Que seja! Proclama-se muito a renovação, não com novos tons mas novas cores. A ver. O problema não é a novidade, sempre bem vinda, mas o desconhecido, valendo, aqui a advertência de Mia Couto, escritor moçambicano:

No alimento se coloca ternura ou ódio. Na panela se verte tempero ou veneno. Quem assegurava a pureza da peneira e do pilão? Como podia eu deixar essa tarefa, tão íntima, ficar em mão anônima? Nem pensar, nunca tal se viu, sujeitar-se a um cozinheiro de que nem o rosto se conhece.

O Brasil, contudo, é grande, muito maior do que todas estas passagens, paragens e advertências. Como dizia, Oswald de Andrade, digere tudo na sua inércia, é antropofágico. Digerirá o confronto Lula x Moro, a disputa Haddad x Bolsonaro, a Recessão e o desemprego, a violência urbana, até o imoral, inoportuno e inconveniente aumento de salário dos Juizes do STF. Sobreviveremos. E daqui a quatro anos, com algumas defecções pelo caminho

– temo por mim - , estaremos celebrando novos prenúncios. Novo novembro. Meu doce e cálido novembro.

11. Graças ao governo

https://oglobo.globo.com/opiniao/artigo-gracas-ao-governo-24057070?fbclid=IwAR3pSa6vOpMNPFrkBuS0WNltXxZOW_wHupJbYZTmP6LrhQZ7Do_gwlp_gk

Guedes prometeu privatizar 200 estatais e vender mil imóveis. Não vendeu nenhum nem apresentou um plano de privatização

Ricardo Rangel

O argumento mais comum para defender o governo é que “Bolsonaro é melhor do que o PT”. Supondo-se que seja verdade, e daí? Nota 2 é melhor do que nota 1, mas isso não é motivo para achar que 2 é bom.

Outra linha é que não se devem apontar os erros do governo, porque isso pode trazer o PT de volta. Ora, o que pode trazer o PT de volta são os erros de Bolsonaro, não o fato de falarmos deles. Aliás, se ninguém disser nada, é provável que ele insista nos erros, e que a chance de o PT voltar aumente. (Sem falar que, nessa linha, se aceita qualquer coisa.)

Um terceiro argumento, menos raso, é que a economia vai bem, e isso é o que interessa, porque se a economia não funcionar, nada mais funciona — verdade, mas, se só a economia funcionar, aí também não serve pra nada. A verdade, no entanto, é que a economia não vai bem: o crescimento será raquítico (perto de 0,9%), o desemprego cai devagar (e com aumento da informalidade), e a taxa de investimento está na lona.

“Mas, depois da devastação do PT... demora mesmo a recuperar!”, observam. Ocorre que o PT está fora do poder há mais de três anos e, já no ano seguinte à sua saída, o Brasil voltou a crescer — e a uma taxa maior do que a de hoje. Temer acertou muito durante dois anos e meio, de modo que, no início do governo Bolsonaro, a expectativa era de um crescimento três vezes maior (2,6%) do que será. O que deu errado?

A reforma da Previdência, principal conquista, poderia ter sido aprovada no primeiro semestre, mas o governo criou um projeto do zero (em vez de aproveitar o de Temer), e Bolsonaro brigou com o Congresso e com sua própria proposta, que só andou por causa de Rodrigo Maia. No Senado, o governo se concentrou em fazer Eduardo embaixador, e permitiu que a reforma fosse desfigurada. A reforma atrasou e piorou.

Guedes prometeu privatizar 200 estatais e vender mil imóveis no primeiro ano. Não vendeu imóvel nenhum nem sequer apresentou um plano de privatização (as poucas estatais privatizadas são de processos de Temer). Prometeu abertura comercial, mas não mexeu nas tarifas. Insistiu em uma reforma

tributária com CPMF que nunca teve chance e implodiu. Só esta semana, já em novembro, o governo apresentará uma proposta de reforma administrativa.

Os problemas da economia não advêm apenas da área econômica. A política ambiental gerou a crise do desmatamento, redundou em hostilização de países estrangeiros e inviabilizou o acordo comercial com a União Europeia. A inação diante do desastre com o óleo no Nordeste aumentou o prejuízo na atividade econômica da região.

Bolsonaro insultou a ONU, a ex-presidente do Chile, e insiste na briga com a Argentina, o nosso terceiro maior parceiro comercial. A viagem desta semana ao exterior parece ter corrigido, enfim, os problemas criados com os países árabes (por conta da anunciada mudança da embaixada em Israel para Jerusalém), mas o alinhamento com Trump ameaça nosso relacionamento com a China, nossa maior parceira, e com um governo democrata que porventura venha a ser eleito.

Não se obtém crescimento sustentável sem uma população educada, mas a qualidade do ensino é péssima, e o governo não tem proposta, e Abraham Weintraub prefere ser artista de circo. Nenhum país se desenvolve sem investir em ciência, mas o governo não tem plano para o setor, contesta dados científicos e ofende cientistas, e o ministro Marcos Pontes está perdido no espaço.

E há o comportamento pessoal do presidente, que interfere em empresas e em órgãos de Estado por motivos pessoais, permite que seus filhos se imiscuem no governo, e compra brigas sem parar. Esta semana, comparou o Supremo Tribunal Federal e seu próprio partido, do qual depende para as reformas, a hienas, e reagiu de maneira desequilibrada a uma denúncia falsa, declarando guerra a um governador de estado e a um órgão de imprensa.

Crescimento pressupõe investimento, e investimento exige confiabilidade, estabilidade, previsibilidade, tudo o que não existe no Brasil de Jair Bolsonaro.

Apesar de tudo, parece haver uma pequena aceleração do crescimento a caminho. Mas não é graças ao governo que ela existe: é graças ao governo que ela é pequena.

:

12. 'Brasil submeteu sua história a um processo de avacalhacão'

[Estadão](https://headtopics.com/br/antonio-riserio-brasil-submeteu-sua-hist-ria-a-um-processo-de-avacalhac-o-ali-s-estad-o-9183609) 27.10.2019 <https://headtopics.com/br/antonio-riserio-brasil-submeteu-sua-hist-ria-a-um-processo-de-avacalhac-o-ali-s-estad-o-9183609>

Antonio Risério

Antropólogo defende que o País não vai experimentar guinada democrática enquanto não reinventar a nação para cá. A segunda, exigindo mergulho em águas mais profundas, é a necessidade de repensar a sociedade e reinventar a nação.

519 anos nesse processo de avacalhação

Junho de 2013 expressou de forma aguda a crise representacional do partidocratismo. A chamada “classe política” tinha simplesmente dado as costas à sociedade. E esta – numa resposta lógica e natural, mas surpreendentemente enérgica – declarou nas ruas que aquela não a representava. Infelizmente, a discussão acabou sufocada por dois processos. De uma parte, o da corrupção, vindo à luz de forma inédita em nossa história. De outra, o do “

Todos os candidatos – sem exceção – fizeram de conta que 2013 não tinha acontecido. O ideal seria que os partidos tivessem a coragem de fazer uma espécie de “psicanálise selvagem”, para usar a expressão freudiana cara a

Quanto ao outro lance, o sociólogo Werneck Vianna passou pelo tema em entrevista recente. Observou que o desentendimento a respeito de nossa trajetória histórica e dos nossos valores chegou a um ponto agônico: “Ninguém mais pode reconhecer na nossa história êxitos e sucessos”. Execra-se até mesmo a

Vou resumir o que aconteceu. A partir da década de 1970, a esquerda começou a produzir uma espécie de contra-história do Brasil. E digo contra-história porque era a mesma velha história oficial, que nos veio de Varnhagen e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, mas com o sinal algébrico radicalmente invertido: tudo o que antes se celebrava, passou a ser execrado. E tudo que era desconsiderado, passou a ser glorificado. Com o tempo, qualquer feito nacional se tornou alvo de agressão, desprezo e chacota. Na verdade, o que se fez foi substituir mentiras antigas por mentiras novas. O Brasil passou a ser visto como num antigo filme de bandido e mocinho. E foram se multiplicando textos e mais textos nessa direção, conformando então uma nova história oficial do País, desde que ela se gravou nos parâmetros curriculares do ensino, sob o governo de Fernando Henrique Cardoso.

Esta desqualificação da experiência nacional brasileira, como disse, rola no reino do desconhecimento. E o que é pior: no espaço de uma sociedade bipolar. Vai-se então da euforia à depressão em fração de segundo, mas sob os signos constantes do masoquismo e da autodepreciação derivada da ignorância. Daí que ouçamos frases do tipo “é assim desde 1500, é assim desde as capitanias”, por exemplo. Mas é ridículo postular uma linha de continuidade entre Mem de Sá e a Odebrecht. A suposta analogia é fruto apenas da combinação de ignorância histórica e masoquismo nacional.

Enfim, o Brasil precisa de uma tremenda mudança de mentalidade com relação a si mesmo. “Metânoia” era a palavra grega para isso, como aprendemos com a “Septuaginta”. Sim: mudar a mentalidade deve ser o objetivo maior. E esta será uma tremenda luta ideológica e cultural. Não para voltar atrás, mas para ajustar as coisas, em leituras mais serenas e menos sectárias.

metanoia

/ói/

substantivo feminino

1. 1. mudança essencial de pensamento ou de caráter.
2. 2. POR EXTENSÃO transformação espiritual.

13. SILÊNCIO ENSURDECADOR

João Guilherme Vargas Netto - FB 4 nov via [Artur Araújo](#)

Nestes textos que escrevo sempre evito tratar de política (principalmente política partidária) não porque considere o assunto irrelevante, mas para manter disciplinadamente o foco nas atividades sindicais. Vou abrir uma exceção justificada e criticar veementemente a mal intencionada declaração do deputado Eduardo Bolsonaro sobre o AI-5, que mereceu a repulsa de quase todas as forças políticas e da esmagadora maioria das personalidades relevantes. Ditadura, nunca mais!

A nota pública das centrais sindicais (assinada em 31 de outubro por nove presidentes delas) disse tudo o que eu poderia querer dizer e posiciona o movimento sindical dos trabalhadores como um dos componentes da frente democrática, sem abandonar as preocupações relevantes sobre a retomada do desenvolvimento e o emprego.

Mas, devido à gravidade da agressão e à expectativa de uma repulsa unânime não posso deixar de assinalar alguns silêncios inadmissíveis e preocupantes.

Dos personagens atuais do governo (em seus poderes Judiciário e Executivo) ressalto o silêncio do presidente do STF, por definição o guardião-mor da Constituição, do procurador geral, incumbido de zelar pelo bem público e do ministro da Justiça, calado comprometedoramente quando lhe convém.

Destaco também o silêncio do general Villas Boas, sempre disposto a emitir opiniões influentes nas redes sociais e silencioso agora quando deveria se fazer ouvir.

Mas o que me preocupa sobremaneira é o silêncio envergonhado das lideranças empresariais e das instituições que representam as “classes produtoras” que, atoladas pela avalanche de más notícias e iludidas oportunisticamente sobre os rumos que a Economia tomará, não se

associaram – com seu silêncio – à onda democrática que se formou contra os arreganhos autoritários do bolsonarismo. Desenvolvimento sem democracia?

14. Promotora afastada do caso Marielle: “combater o crime passa por combater ideologia abolicionista”

https://revistaforum.com.br/politica/promotora-afastada-do-caso-marielle-combater-o-crime-passa-por-combater-ideologia-abolicionista/amp/?fbclid=IwAR2UOEEdD1DLkB3-k8ruWY7AW-37OZETQ7EYPgCKPh7aw39wzZAZJ5Q_B4ac

A frase, entre outras, foi dita no seu discurso quando recebeu a Medalha Tiradentes

Carmen Eliza Bastos de Carvalho - Foto: Reprodução/Instagram

03 DE NOVEMBRO DE 2019, 13H37

Carmen Bastos, promotora afastada do caso da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes, já deixou bem claro o que é e o que pensa.

Em setembro deste ano, a promotora recebeu a Medalha Tiradentes, mais alta comenda do estado do Rio, por indicação do deputado estadual Delegado Carlos Augusto (PSD).

No seu discurso de posse, conforme se pode ouvir nos vídeos abaixo, ela afirmou: “Sei que essa tarefa de combater o crime organizado passava por combater uma ideologia abolicionista*. Jamais acreditei na ideia de que o criminoso é vítima da sociedade ou de qualquer tipo de desigualdade social”.

Mais na frente, a promotora ainda afirma: “A proteção dos Direitos Humanos está sendo usado como um escudo de impunidade. É bonitinho falar: ‘estou protegendo os Direitos Humanos’. É lindo. Mas você está mesmo? Direitos Humanos é de todo mundo”.

Após a repercussão do fato de que a promotora [Carmen Eliza teria se recusado a deixar o caso Marielle e Anderson](#), o Ministério Público do Rio de Janeiro (MP-RJ) publicou uma nota informando sobre sua saída voluntária. O MP-RJ ainda divulgou que um processo foi aberto na corregedoria para analisar a conduta de Carmen.

Na nota, o MP-RJ defende a “liberdade de expressão” da promotora, [que tirou foto com o deputado Rodrigo Amorim, que quebrou placa da vereadora Marielle Franco, e fez campanha para Jair Bolsonaro](#). “Nos últimos dias vem tendo sua imparcialidade questionada no que afeta sua atuação funcional, por exercer sua liberdade de expressão como cidadã”, lamenta o órgão.

15. **Viver com 413 reais ao mês, a realidade de metade do Brasil**

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/30/economia/1572454880_959970.html?ssm=FB_CC&fbclid=IwAR3oqeAlQbB97hiADQYF12mLd-Ro6-kXqANPOC1lrZD-NvvqF2Fv7GLhTOw

Desemprego alto e aumento da informalidade faz com que 104 milhões de brasileiros tenham de viver com o equivalente a meio salário mínimo. Número de ambulantes na rua saltou mais de 500% entre 2015 e 2018

A vendedora ambulante Josefa Severina de Souza mora em uma casa de três quartos com os filhos e o marido no bairro Jardim do Colégio, em Embu das Artes, na Grande São Paulo. CAMILA SVENSON



HELOÍSA MENDONÇA

SÃO PAULO 04 NOV 2019 - 13:09 BRT

Há muitos anos, Josefa Severina de Souza, de 58, não sabe mais qual é a sensação de sair de férias do trabalho. Não consegue achar na memória nem qual foi a última vez que conseguiu tirar alguns míseros dias de descanso. Mãe de oito filhos, dos quais quatro ainda moram com ela, a rotina dos últimos 25 anos de Josefa tem sido de trabalho diário nas ruas de São Paulo como vendedora ambulante de segunda a sábado. Atualmente trabalha no bairro de Pinheiros, onde durante todo o dia transitam centenas de pessoas e potenciais clientes. No domingo, se dedica às tarefas domésticas. O marido, de 62 anos, [desempregado há mais de quatro anos](#), faz alguns bicos como pedreiro, mas é a renda dela a principal fonte de sustento de seis pessoas. Somando os cerca de 1.450 reais que ganha com as vendas mais o salário fixo de 1.000 reais que um dos filhos recebe trabalhando em um supermercado, cada membro da família sobrevive atualmente com uma renda per capita mensal de 408 reais, menos do que meio salário mínimo. "Se a gente não trabalha, não sobrevive, né?", explica a vendedora.

A família de Josefa faz parte dos 50% mais pobres da população, quase 104 milhões de brasileiros, que em 2018 vivia, em média, com apenas 413 reais per capita, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua ([Pnad Contínua](#)) publicada em outubro. No mesmo ano, 5% da população, ou

10,4 milhões de pessoas no Brasil, sobreviviam com 51 reais mensais. O levantamento revelou ainda que a desigualdade se agravou no país. A renda domiciliar per capita desses 5% mais pobres caiu 3,8% de 2017 para 2018, enquanto a renda da fatia mais rica (1% da população) cresceu 8,2%.

Na avaliação de Maria Lúcia Vieira, gerente da Pnad Contínua, [os ricos ficaram mais ricos e os pobres mais pobres](#), porque a renda total das famílias vem majoritariamente do trabalho. "Com a recessão, o mercado de trabalho também entrou em crise, e o desemprego aumentou [hoje atinge 12,6 milhões de brasileiros]. O que afeta muito mais os mais pobres, já que o estrato mais rico tem geralmente outras fontes de renda além do emprego, como, por exemplo, dinheiro proveniente de aluguéis, pensões", explica. Ainda que nos últimos dois anos a população ocupada tenha voltado a crescer, os empregos criados foram, principalmente, os informais. "Os postos que estão surgindo são pouco remunerados e de baixa qualificação", diz Vieira.

Informalidade bate recorde

Fabiano Manuel de Souza, de 26 anos, começou a trabalhar de ambulante para sair da fila do desemprego.

Entre julho e setembro deste ano, a taxa de informalidade da população ocupada bateu recorde da série iniciada em 2012, chegando a 41,4% dos trabalhadores. Ou seja, a cada 10 trabalhadores, seis têm ocupação precarizada. Segundo a gerente, o número de brasileiros que trabalham como ambulantes informais vendendo alimentos foi um dos que mais aumentou nos últimos tempos. Entre o segundo trimestre de 2015 e o segundo trimestre de 2019, o número desses ambulantes cresceu 510% subindo de 78,4 mil para 478,3 mil pessoas.

Um dos filhos de Josefa, que já saiu de casa, faz parte desse grupo de novos ambulantes. Após ser demitido de um trabalho com carteira assinada, resolveu seguir os passos da mãe e apostar nas vendas na rua. Fabiano Manuel de Souza, de 26 anos, ajuda a mãe a transportar no ônibus a mercadoria e depois segue para outro ponto também em Pinheiros, na zona oeste da cidade. "Não é um trabalho fácil, e as vendas dependem muito de cada dia. Faça chuva ou faça sol a gente vai pra rua. Agora no calor é mais fácil ganhar com água, mas está tudo meio parado. Não sei se as coisas vão melhorar, acho que esse Governo novo é pior. Eu preferia o Lula, fui até em manifestação contra o Bolsonaro no Largo da Batata para protestar, mas também para aproveitar as vendas", conta.

Apesar dos tempos de economia fraca e pouco dinheiro no bolso, Josefa está mais tranquila nos últimos meses. Neste ano, conseguiu, finalmente, uma autorização na prefeitura da capital paulista para legalizar a sua atividade e o carrinho que utiliza na calçada para expor os produtos que vende: água, refrigerantes, salgadinhos e balas. O local escolhido por ela é estratégico, fica em frente a um ponto de ônibus, a poucos metros do metrô Faria Lima. "Agora

estou na paz, despreocupada. Antes era uma corrida de gato e rato entre eu e os fiscais. Cheguei a perder 13 vezes a minha mercadoria aqui, a polícia levou tudo. Eles corriam atrás de mim como se eu fosse um ladrão, vivia tensa. Eu estava apenas trabalhando. Eu nem tinha o carrinho, vivia com sacolas para sair correndo", conta ao lado da filha Kelly, de 20 anos, que está cursando faculdade de educação física, mas ajuda a mãe nas horas vagas.

Josefa de Souza trabalha como ambulante há 25 anos. CAMILA SVENSON

Para regularizar sua atividade, Josefa entrou no programa "Tô Legal!" da Prefeitura de São Paulo e paga um imposto trimestral de quase 700 reais. Somou-se aos novos gastos um estacionamento para seu carrinho de 150 reais mensais e mais 10 reais diários para que outro vendedor da região a ajude a levá-lo à garagem. Para que o dia seja lucrativo, ela precisa trabalhar das 10/11h da manhã até 21h/22h da noite, de segunda a sábado.

O dia de Josefa começa, no entanto, muito mais cedo, e termina muito mais tarde. A vendedora acorda 6h da manhã para preparar o café da manhã dos dois filhos, de 18 e 16 anos, que vão para a escola e para organizar a marmita do filho que trabalha. Todos moram em uma casa simples de três quartos. Como vive no bairro Jardim do Colégio, em Embu das Artes, na Grande São Paulo, ela leva quase duas horas para chegar ao local de trabalho e precisa pegar dois ônibus para percorrer um trajeto de cerca de 25 km. Na volta, acaba chegando em casa depois da meia-noite. É quando Josefa começa a preparar o jantar e o almoço do dia seguinte dos filhos e marido. "Acabo dormindo 3h da manhã. Mas o jantar é a única refeição forte do dia que eu faço. Não tenho onde aquecer a comida lá no meu carrinho e se compro na rua gasto 15 reais. Não posso, preciso economizar para os remédios. Por isso, nem almoço", explica.

Há três anos, a vendedora trata algumas feridas na perna ocasionadas pela má circulação sanguínea, chamadas úlceras varicosas. O tipo de lesão acomete, muitas vezes, pessoas que passam muito tempo em pé. "Preciso passar uma pomada cara, de 52 reais, que compro toda semana, e enfaixar as pernas. Nem passo mais no posto de saúde porque eles não têm nada. O médico diz que preciso ficar de repouso uns três meses, mas cada dia que não trabalho o dinheiro no fim do mês diminui, não dá".

Se pudesse escolher, Josefa optaria hoje por ter um emprego com carteira assinada, onde pudesse usufruir dos direitos trabalhistas, como o de tirar uma licença médica remunerada. "Mas, infelizmente, eu já não tenho mais idade. Ninguém vai me contratar com 58 anos", lamenta a vendedora que chegou a trabalhar 13 anos registrada em diferentes empregos antes de virar ambulante.

Ela veio da Paraíba para São Paulo aos 13 anos e já conseguiu, quando chegou, um posto em uma fábrica. "Como contribuí esses anos, agora estou pagando o INSS para completar os 15 anos e tentar aposentar por idade. Ainda

tenho que ver o que essa reforma da Previdência vai mudar nos meus planos, mas a aposentadoria vai ajudar muito, porque não vou poder trabalhar para sempre na rua", explica. O marido também deve conseguir se aposentar por idade daqui a 3 anos.

Enquanto as aposentadorias não chegam, Josefa tem um 'plano B' para melhorar de vida. Está há alguns anos construindo um novo andar na casa, com quartos separados para cada filho, para onde pretende se mudar com toda a família. "Aí vamos alugar essa parte de baixo e ganhar um dinheiro extra. A obra a gente começou com um acerto que meu marido ganhou quando foi demitido. Mas não conseguimos terminar e está difícil sobrar dinheiro, vivemos apertados", explica. O dinheiro anda tão escasso que, às vezes, ela pede para um primo um empréstimo. Ele empresta um vale alimentação para que ela compre novas mercadorias e ela só paga dez dias depois. Josefa acredita, no entanto, que com o dinheiro que fizer nas vendas no Carnaval de 2020 talvez consiga poupar um pouco. "É a melhor época. Acho que no ano que vem conseguimos terminar a obra e mudar lá pra cima. Acho que vai melhorar muito", diz sorrindo.

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/30/economia/1572454880_959970.html?ssm=FB_CC&fbclid=IwAR3oqeAlQbB97hiADQYFI2mLd-Ro6-kXqANPOC1lrZD-NvvgF2Fv7GLhTOW

16. Brasil, uma grande aldeia isolada do mundo

https://www.dw.com/pt-br/brasil-uma-grande-aldeia-isolada-do-mundo/a-51051900?maca=pt-BR-Facebook-sharing&fbclid=IwAR0YciqQUltkrKzqTXsJTXcR9-nF_dkon7daSWDISxqX8h5vt5fvNZSjvwv

Produtos de baixa qualidade, delitos ambientais, sexismo, provincianismo, governos disfuncionais. O isolamento comercial e intelectual brasileiro tem razões geográficas e históricas, e acabar com ele faria bem ao país.

"Aqui vive gente de todas as partes do mundo, mas os brasileiros não estão abertos para o mundo", escreve o colunista Philip Lichterbeck

O Brasil é um país fechado. Aqui vive gente de todas as partes do mundo, mas os brasileiros não estão abertos para o mundo.

Por um lado, isso tem a ver com as dimensões continentais deste país, que forçosamente dirigem o olhar para dentro. Por outro lado, a culpa é de décadas de protecionismo econômico. Durante um certo tempo, isso fazia sentido: assim como os "tigres asiáticos", o Brasil queria proteger sua economia da concorrência dos Estados Unidos e da Europa.

A ideia era que se desenvolvessem empresas brasileiras fortes, as chamadas campeãs nacionais. Mas quando isso acabou acontecendo, as barreiras comerciais, na forma de taxas de importação altas e uma burocracia kafkiana, não foram suspensas, mas mantidas.

O resultado dessa proteção do Estado é que se criaram quase monopólios no país, como o conglomerado Ambev, que inundou o país com uma bebida feita de água, milho e química, a qual teve permissão de chamar de "cerveja", sem discussões – e sem o perigo de outra empresa colocar em risco o seu domínio. É óbvio que monopólios são ruins. Em primeiro lugar, para o consumidor, pois permitem a uma única companhia ditar a oferta e os preços. Em segundo, para a economia nacional, pois firmas protegidas de concorrência não estão expostas a pressões inovadoras, e não investem seus lucros na melhoria dos seus produtos.



Colunista Philipp Lichterbeck vive no Rio desde 2012

Isso resulta em maus produtos brasileiros, que não correspondem mais ao padrão tecnológico internacional. Qualquer um que já tenha estado numa loja de ferragens brasileira pode confirmar: não se acha sequer uma tomada decente. A única alternativa hoje são artigos importados, os quais, no entanto, são absurdamente caros.

Isso também fez com que a maioria das casas e apartamentos tenha aparências semelhantes. Por exemplo: as trêmulas, rangedoras e emperradas janelas de correr de alumínio. Muitos brasileiros aprenderam a se contentar com pouco, pois não têm ideia de tudo o que seria possível.

Para essa constatação, não é preciso comparar o Brasil com a Europa. Basta uma olhada em países como Colômbia ou México. Quem voa do Rio de Janeiro para Bogotá ou a Cidade do México, logo tem a sensação de ter viajado de um país do passado para a atualidade. Não tem só a ver com a oferta mais variada de mercadorias, mas também com o maior profissionalismo.

Já se nota isso na diferença entre aeroportos. O Terminal 2 do Galeão é uma catástrofe de planejamento, com uma arquitetura que força passageiros e tripulações a caminharem vários quilômetros por corredores vazios.

Isso tudo nem seria tão grave, se o protecionismo econômico do Brasil não tivesse também resultado numa rejeição mental contra muito do que é novo. Pode-se observar isso especialmente bem no Rio. Em geral, os cariocas consideram sua cidade insuperável: de fato, é difícil encontrar uma metrópole tão provinciana.

Um exemplo ao acaso? Numa área urbana de 12 milhões de habitantes, o metrô para de funcionar à meia-noite. A oferta gastronômica é comparativamente pobre. E nos supermercados do Rio, continuam se promovendo orgias de sacolas plásticas – as quais atualmente já são proibidas até em diversos países africanos. No Quênia, sua produção e venda é punida com 19 mil dólares de multa e quatro anos de prisão. No Rio, assim como no resto do Brasil, sacolas plásticas ainda são vistos como um direito humano.

A falta de visão exterior igualmente marca a política brasileira. Em Bogotá, acaba de ser eleita prefeita uma mulher abertamente lésbica; em numerosos países, políticos homossexuais não são mais nenhuma raridade. Mas no Brasil eles têm que temer pela própria vida. Aqui se elege antes um evangélico incapaz do que um gay competente.

Aliás, o país com mais mulheres no Parlamento é Ruanda, onde elas são 64%. O Brasil, por sua vez, figura nessa estatística no nível da República Islâmica do Irã; nenhum outro país da América Latina tem uma percentagem tão pequena de deputadas.

Portanto aqui falta declaradamente uma percepção de *common sense*. É como uma pessoa que viveu sozinha a vida toda, e não percebe quão excêntrica se tornou. Ela se considera normal e todos os outros, esquisitos. Isso fica óbvio especialmente no atual pessoal do governo.

Ministros como Abraham Weintraub, Ernesto Araújo e Damares Alves têm óbvias deficiências cognitivas. Eles vivem em mundos paralelos e paranoicos. Em sociedades saudáveis jamais teriam chegado a posições de poder. Mas o

Brasil é como uma comunidade de aldeões isolada, que escolheu como seus líderes justamente os habitantes mais agressivos, inescrupulosos e loucos.

Um indicador de quanto o Brasil está separado do próprio continente é o fato de, no momento, outros países da região parecerem estar avançando. No Equador e no Chile, milhões se levantaram contra as injustiças sociais. Os argentinos se cansaram dos experimentos neoliberais de Mauricio Macri. E a Bolívia se revolta contra o caudilhismo de esquerda de Evo Morales, o que atesta a favor do processo de amadurecimento da democracia local.

No Brasil, em vez disso, a população se acomoda em letargia, resignação e uma restauração conservadora. Um fim do protecionismo comercial e intelectual faria bem ao país.

Philipp Lichterbeck queria abrir um novo capítulo em sua vida quando se mudou de Berlim para o Rio, em 2012. Desde então, ele colabora com reportagens sobre o Brasil e demais países da América Latina para os jornais Tagesspiegel (Berlim), Wochenzeitung (Zurique) e Wiener Zeitung. Siga-o no Twitter em @Lichterbeck_Rio.

A Deutsche Welle é a emissora internacional da Alemanha e produz jornalismo independente em 30 idiomas. Siga-nos no [Facebook](#) | [Twitter](#) | [YouTube](#) | [App](#) | [Instagram](#) | [Newsletter](#)
LEIA MAIS

Sem cumprir promessas, Bolsonaro se radicaliza

Para desviar a atenção de promessas quebradas, presidente radicaliza seu discurso. Regimes totalitários precisam de bodes expiatórios, e quem não esteja 100% em linha é atacado. Um momento perigoso. (26.09.2019)

Crônica de uma aberração

O que há de esperar de um presidente cujo único projeto é acabar com um socialismo que não existe e não existia no Brasil? Bolsonaro parece cada vez mais um Dom Quixote, escreve Philip Lichterbeck. (10.04.2019)

Opinião: Um presidente impelido pelas próprias obsessões

Bolsonaro ordenou que seja comemorado nas casernas o 31 de março de 1964, aniversário do golpe militar que iniciou a ditadura. Ato revelador de um caráter patológico e interessado em dividir, opina Philipp Lichterbeck. (26.03.2019)

Os muitos Brasís de muitas verdades

Bolsonaro diz que os índios deveriam viver no "Brasil de verdade". É uma imagem limitada e autoritária de um país cuja quintessência é a pluralidade, escreve o colunista Philipp Lichterbeck. (09.01.2019)

A insanidade das sacolas plásticas no Brasil

Ir ao supermercado no Rio não é só um exercício de paciência: o uso de sacolas plásticas chega a ser fascinante, de tão abusivo. Mas nem tudo está perdido: o canudinho dá esperanças, crê o colunista Philipp Lichterbeck. (01.11.2018)

-
- **Data** 31.10.2019
 - **Autoria** Philipp Lichterbeck (av)
-

17. Diante da subversão

[Octavio Dantas](#) [Puxador de conversa](#) · FB 04 NOV

Há um projeto subversivo em curso, de ruptura da ordem democrática

04/11/2019 - Demétrio Magnoli - O Globo Hienas, Chile, militares, AI-5. O Plano A de Jair Bolsonaro não é, como geralmente se imagina, a busca da reeleição em 2022. O núcleo bolsonarista — o presidente, seus filhos e os assessores olavistas — querem “ver a história se repetir”, nas palavras do rebento 03. Que ninguém se engane: há um projeto subversivo em curso, de ruptura da ordem democrática.

“Conversei com o ministro da Defesa sobre a possibilidade de ter movimentos como tivemos no passado, parecidos com o que está acontecendo no Chile. A gente se prepara para usar o artigo 142 da Constituição Federal, que é pela manutenção da lei e da ordem, caso eles venham a ser convocados por um dos três Poderes.” O Chile não é um espectro, mas um pretexto. Bolsonaro desenha os contornos de um plano golpista cujo ponto de partida seria a reinterpretação subversiva do texto constitucional.

A liberdade de manifestação pacífica é um dos pilares constitucionais da ordem democrática. O artigo 142 não constitui licença para derrubá-lo. Na hipótese de eclosões de violência em manifestações públicas, a lei permite o recurso à polícia, não aos soldados. Nos meses quentes que antecederam o impeachment, a extrema-direita evocava o artigo 142 para pregar uma “intervenção militar constitucional”. Hoje, o presidente atualiza aquele discurso, explicitando sua meta política.

No Chile, Sebastián Piñera convocou os militares para reprimir manifestantes, rompendo um tabu estabelecido no fim da ditadura de Augusto Pinochet. Tudo que conseguiu foi uma derrota humilhante. No fim, desculpou-se perante os cidadãos, suspendeu o toque de recolher, reformou seu governo e ofereceu um novo pacto social. Bolsonaro aposta no caos. De fato, está dizendo que, ao contrário de Piñera, provocaria um desenlace diferente: a história — de 1964, de 1973 — repetida. Marco Aurélio Mello enxergou, no vídeo das hienas, uma “bobagem”, enquanto Celso de Mello preferiu rotulá-lo como um “atrevimento”. Na peça, porém, encontra-se a substância da “filosofia política” do Bruxo da Virgínia, o charlatão que orienta o núcleo bolsonarista. A narrativa de uma conspiração geral das “hienas” — a ONU, o STF, a imprensa e os partidos, inclusive o PSL — contra o “leão” conduz à conclusão de que a vitória do Bem sobre o Mal exige a ruptura das regras do jogo. À luz das declarações sobre o Chile, não se deveria descartá-la como mera bravata destinada às redes sociais.

Merece exame a ensaiada coreografia da operação. Segundo a história oficial, um sujeito indeterminado postou o vídeo, que Bolsonaro removeu, desculpando-se com o STF. Na sequência, Carlos, o 02, atribuiu a postagem ao próprio presidente, enquanto Filipe Martins, o assessor internacional, reiterava seu conteúdo: “o establishment não gosta de se ver retratado, mas é o que ele é — um punhado de hienas”. Tradução: o “leão” expressava sua convicção profunda, alertando os seus para o perigo — mas, sitiado pelas “hienas”, foi obrigado a recuar. Moral da história: sem a ruptura, as “hienas” triunfarão.

O populismo nasce dentro da democracia, mas a envenena aos poucos, corroendo as instituições que a protegem, até instalar um “autoritarismo eletivo”. A dinâmica — tão clara na Rússia, na Turquia, na Hungria e na Venezuela — não se aplica ao bolsonaro-olavismo. Por aqui, a seita extremista que forma o núcleo do governo sonha com uma cisão radical: a “história repetida”. “Ou o presidente age agora para fechar os partidos ligados ao Foro de São Paulo ou eles o derrubarão em seis meses”, tuitou o Bruxo da Virgínia, repetindo seu mantra sobre os “seis meses” derradeiros, que emerge semestralmente. Dias depois, o filhote 03 preconizou “um novo AI-5”. A célere erosão da popularidade do governo e as procrastinadas investigações sobre eventuais laços do clã presidencial com as milícias só reforçam o projeto golpista.

“Acho que vira a página”, sugeriu Hamilton Mourão. O vice simula não entender que essa “página” nunca vira. A subversão da democracia, a conclamação à anarquia militar, é o único e verdadeiro programa de governo de Bolsonaro.

Diante da subversão

[https://oglobo.globo.com/opinioao/diante-da-subversao-](https://oglobo.globo.com/opinioao/diante-da-subversao-24058335?fbclid=IwAR2rvcEDdeJs9pFSBAflgXhvt7ENBJpuij3vNj3dUKnsH1LwRZNUa2mUPgw)

[24058335?fbclid=IwAR2rvcEDdeJs9pFSBAflgXhvt7ENBJpuij3vNj3dUKnsH1LwRZNUa2mUPgw](https://oglobo.globo.com/opinioao/diante-da-subversao-24058335?fbclid=IwAR2rvcEDdeJs9pFSBAflgXhvt7ENBJpuij3vNj3dUKnsH1LwRZNUa2mUPgw)

Há um projeto subversivo em curso, de ruptura da ordem democrática
04/11/2019 - 00:00

Demétrio Magnoli

Hienas, Chile, militares, AI-5. O Plano A de Jair Bolsonaro não é, como geralmente se imagina, a busca da reeleição em 2022. O núcleo bolsonarista — o presidente, seus filhos e os assessores olavistas — querem “ver a história se repetir”, nas palavras do rebento 03. Que ninguém se engane: há um projeto subversivo em curso, de ruptura da ordem democrática.

“Conversei com o ministro da Defesa sobre a possibilidade de ter movimentos como tivemos no passado, parecidos com o que está acontecendo no Chile. A gente se prepara para usar o artigo 142 da Constituição Federal, que é pela manutenção da lei e da ordem, caso eles venham a ser convocados por um dos três Poderes.” **O Chile não é um espectro, mas um pretexto. Bolsonaro**

desenha os contornos de um plano golpista cujo ponto de partida seria a reinterpretação subversiva do texto constitucional.

A liberdade de manifestação pacífica é um dos pilares constitucionais da ordem democrática. O artigo 142 não constitui licença para derrubá-lo. **Na hipótese de eclosões de violência em manifestações públicas, a lei permite o recurso à polícia, não aos soldados.** Nos meses quentes que antecederam o impeachment, a extrema-direita evocava o artigo 142 para pregar uma “intervenção militar constitucional”. Hoje, o presidente atualiza aquele discurso, explicitando sua meta política.

No Chile, Sebastián Piñera convocou os militares para reprimir manifestantes, rompendo um tabu estabelecido no fim da ditadura de Augusto Pinochet. Tudo que conseguiu foi uma derrota humilhante. No fim, desculpou-se perante os cidadãos, suspendeu o toque de recolher, reformou seu governo e ofereceu um novo pacto social. Bolsonaro aposta no caos. De fato, está dizendo que, ao contrário de Piñera, provocaria um desenlace diferente: a história — de 1964, de 1973 — repetida.

Marco Aurélio Mello enxergou, no vídeo das hienas, uma “bobagem”, enquanto Celso de Mello preferiu rotulá-lo como um “atrevimento”. Na peça, porém, encontra-se a substância da “filosofia política” do Bruxo da Virgínia, o charlatão que orienta o núcleo bolsonarista. A narrativa de uma conspiração geral das “hienas” — a ONU, o STF, a imprensa e os partidos, inclusive o PSL — contra o “leão” conduz à conclusão de que a vitória do Bem sobre o Mal exige a ruptura das regras do jogo. À luz das declarações sobre o Chile, não se deveria descartá-la como mera bravata destinada às redes sociais.

Merece exame a ensaiada coreografia da operação. Segundo a história oficial, um sujeito indeterminado postou o vídeo, que Bolsonaro removeu, desculpando-se com o STF. Na sequência, Carlos, o 02, atribuiu a postagem ao próprio presidente, enquanto **Filipe Martins, o assessor internacional, reiterava seu conteúdo: “o establishment não gosta de se ver retratado, mas é o que ele é — um punhado de hienas”.** Tradução: o “leão” expressava sua convicção profunda, alertando os seus para o perigo — mas, sitiado pelas “hienas”, foi obrigado a recuar. Moral da história: sem a ruptura, as “hienas” triunfarão.

O populismo nasce dentro da democracia, mas a envenena aos poucos, corroendo as instituições que a protegem, até instalar um “autoritarismo eletivo”. A dinâmica — tão clara na Rússia, na Turquia, na Hungria e na Venezuela — não se aplica ao bolsonaro-olavismo. Por aqui, a seita extremista que forma o núcleo do governo sonha com uma cisão radical: a “história repetida”.

“Ou o presidente age agora para fechar os partidos ligados ao Foro de São Paulo ou eles o derrubarão em seis meses”, tuitou o Bruxo da Virgínia, repetindo seu mantra sobre os “seis meses” derradeiros, que emerge semestralmente. Dias depois, o filhote 03 preconizou “um novo AI-5”. A célere

erosão da popularidade do governo e as procrastinadas investigações sobre eventuais laços do clã presidencial com as milícias só reforçam o projeto golpista.

“Acho que vira a página”, sugeriu Hamilton Mourão. O vice simula não entender que essa “página” nunca vira. **A subversão da democracia, a conclamação à anarquia militar, é o único e verdadeiro programa de governo de Bolsonaro.**

18. STF é tribunal da impunidade? Mentira!

[https://jornalggn.com.br/justica/stf-e-tribunal-da-impunidade-mentira-por-lenio-](https://jornalggn.com.br/justica/stf-e-tribunal-da-impunidade-mentira-por-lenio-streck/?fbclid=IwAR3bj8y9GZTKmWVrkITUKJrNGdZDQbYcBsi2R7zf-fD4k5KTVedy_j1X8Mc)

[streck/?fbclid=IwAR3bj8y9GZTKmWVrkITUKJrNGdZDQbYcBsi2R7zf-fD4k5KTVedy_j1X8Mc](https://jornalggn.com.br/justica/stf-e-tribunal-da-impunidade-mentira-por-lenio-streck/?fbclid=IwAR3bj8y9GZTKmWVrkITUKJrNGdZDQbYcBsi2R7zf-fD4k5KTVedy_j1X8Mc)

Por Lênio Streck -04/11/2019

Articulista do jornal O Sul diz que jornalismo é área sensível a repercutir informações falsas, e que votação do STF não vai impedir prisão caso existam razões para tal

Jornal GGN – Uma leitura dos jornais e uma audição dos noticiários passa a impressão que o Supremo Tribunal Federal (STF) será o responsável pela instauração da impunidade no Brasil. Tudo devido à possibilidade de soltarem presos e de proibir o encarceramento de pessoas condenadas em segunda instância. O que é uma grande mentira.

Em artigo publicado no jornal O Sul, o jurista Lênio Streck afirma que o contrário da verdade é a mentira. Por exemplo, o habeas corpus não beneficia apenas aos ricos. “Nunca tantos pobres foram beneficiados por habeas corpus como nos últimos 1º anos, fruto principalmente do trabalho da defensoria pública”, pontua, ressaltando que a questão está diretamente ligada ao aumento do acesso dos pobres aos tribunais.

Outra mentira ainda maior é a declaração de que, se o STF julgar procedente a ação da presunção da inocência na semana que vem, será proibido prender pessoas condenadas em segunda instância.

De acordo com Streck, muitos advogados estão “dizendo essa besteira”, mas que a área mais sensível neste caso é o jornalismo. O jurista explica que, recentemente, um colunista gaúcho anunciou em sua coluna uma manchete denominada “Supremo Tribunal da Impunidade” e, em seu texto, disse uma inverdade ao afirmar que o STF se encaminha para instalar outra ferramenta de impunidade, proibindo a prisão de condenados em segunda instância. “Proibindo, caro jornalista? Errou feio. Desinformar é ruim. Não faz bem à democracia. Dá azo aos raivosos atirarem pedras na Suprema Corte”, questiona o jurista.

Leia também: O velho art. 11 da DUDH versus o novo desrespeito à presunção de inocência no Brasil

Segundo Lênio Streck, o Supremo Tribunal Federal está decidindo se a partir da segunda instância a prisão pode ser decretada com um carimbo, ou se isto só é possível na forma da lei, preventivamente, desde que as razões sejam fundamentadas – ou após o trânsito em julgado, como diz a Constituição e o artigo 283 do Código de Processo Penal. “Simplificando: não será proibido prender. Havendo razões para a prisão, pronto. Cadeia no cara”.

19. Recado do Nassif: equipe de Guedes quer reforma administrativa sem conhecer o básico

Luis Nassif -10/10/2019

O amadorismo da equipe de Paulo Guedes é constrangedor. É um pessoal sem nenhum conhecimento de área pública, especializado em reinventar a roda. É o mesmo estilo do Ministro da Educação, celebrando como seus projetos antigos; ou o Ministro da Segurança saudando uma queda histórica de alguns indicadores de crime como se fosse fenômeno que começou em 1º de janeiro.

A última dos gênios de Guedes é a proposta de criação da função de “trainee”, um período de dois anos, antes do servidor ser efetivado.

Pela reportagem da Folha:

*Dentro da proposta de **reforma administrativa**, que está sendo preparada pelo governo federal para reorganizar carreiras, a equipe econômica avalia criar um cargo de ingresso —uma espécie de trainee. Pelo projeto, o **novo servidor** só seria efetivado se cumprisse critérios de bom desempenho nessa fase inicial, que teria dois anos.*

*Segundo integrantes do governo que defendem a **reestruturação do serviço público**, o cargo não seria chamado de trainee na Constituição. Está em análise a escolha de uma denominação que possa definir o espírito da nova função.*

Esse cargo já existe na Constituição e é chamado de “estágio probatório”. **Segundo artigo no site Migalhas:**

Estágio probatório é considerado um período de provas, onde o servidor nomeado vai ser avaliado quanto a sua capacidade e aptidão para o exercício do cargo público. O servidor em estágio será avaliado levando-se em consideração a assiduidade no serviço, a pontualidade a responsabilidade e eficiência.

O período de estágio probatório conforme previsto na Constituição Federal, artigo 41, é de 3 (três) anos. Vale dizer que na redação original da Constituição, este prazo era de 2 (dois) anos e após a EC 19 de 1998 o prazo foi majorado em mais 1 (um) ano.

O servidor que não for aprovado no estágio probatório será exonerado, lhe sendo assegurado o direito de defesa com o regular contraditório.

Como pode um técnico que está estudando a reforma administrativa não ter conhecimento básico sobre o modelo em vigor?

Há pontos a se considerar sim. É uma enorme distorção salário inicial próximo ao teto, ou superior ao mercado privado. Foi o que acarretou o fenômeno dos concurseiros. Mas é temerário mexer em algo tão delicado,

como o modo de funcionamento do setor público, sem ter noção básica sobre o modelo atual.

RICARDO KOTSCHO

Tem alguma coisa estranha no ar. O que nos espera?

<https://www.brasil247.com/authors/ricardo-kotscho>

Tem alguma coisa estranha no ar. O que nos espera?

"No noticiário anódino dos jornais de hoje, que não há nenhuma pista. Ficamos sabendo apenas que vai ser anunciado o novo "Pacotão do Guedes", que propõe "uma reforma profunda ao país". De reforma em reforma, vão destruindo o que sobrou do Brasil", diz Ricardo Kotscho, do Jornalistas pela Democracia

3 de novembro de 2019, 14:44 h Atualizado em 4 de novembro de 2019, 10:02

•

Por Ricardo Kotscho, no [Balaio do Kotscho](#) e para o [Jornalistas pela Democracia](#) - Manhã de domingo. O silêncio só é quebrado quando passa um maluco bêbado gritando no meio da rua "eu tenho uma nega chamada Teresa".

PUBLICIDADE

Conversei com muita gente neste final de semana e está todo mundo se perguntando o que pode acontecer na próxima, depois destes últimos dias atormentados.

Se alguém souber a resposta, por favor me informe. Tem alguma coisa estranha no ar, mas ninguém sabe o que é.

No noticiário anódino dos jornais de hoje, que não há nenhuma pista.

Ficamos sabendo apenas que vai ser anunciado o novo “Pacotão do Guedes”, que propõe “uma reforma profunda ao país”.

De reforma em reforma, vão destruindo o que sobrou do Brasil após dez meses de desgoverno.

Nem li a matéria da manchete da Folha para não me estragar o domingo.

Com seu encantamento pelo modelo econômico ultraliberal do Chile, onde Guedes deu aulas nos tempos de Pinochet, dá para imaginar o que vem por aí.

O Posto Ipiranga só está querendo mudar de assunto, preocupado em “acalmar” os mercados diante das barbaridades faladas e praticadas nos últimos dias pelo clã dos bolsonaros.

(Conheça e apoie o projeto [Jornalistas pela Democracia](#))

Guedes teme que os desatinos presidenciais prejudiquem o leilão do pré-sal marcado para quarta-feira, em que espera arrecadar R\$ 30 bilhões num tesouro submerso avaliado em trilhões.

Na mesma semana, o STF deverá finalmente terminar o julgamento da segunda instância, que pode libertar o ex-presidente Lula.

Enquanto isso, o capitão-presidente corre para apagar todas as provas do assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes tramado no condomínio onde ele e um filho têm casas.

Depois de ver seu nome envolvido numa reportagem do Jornal Nacional, ele alucinou, declarou guerra à emissora e resolveu entregar as investigações aos cuidados dos fiéis subordinados Sergio Moro e Augusto Aras, que já o inocentaram previamente.

Entre um passeio e outro na motocicleta nova que comprou e agora desfila por Brasília, o capitão não diz coisa com coisa aos repórteres, mistura reforma trabalhista com geração de empregos e faz ataques à imprensa e às instituições.

(Conheça e apoie o projeto [Jornalistas pela Democracia](#))

Personagens-chave do roteiro macabro, o motorista Fabrício Queiroz e o porteiro sem nome desapareceram do mapa.

Para evitar surpresas, Lauro Jardim informa no Globo deste domingo que Bolsonaro mandou Queiroz sumir com seu celular, mas não entregou ainda o dele às autoridades para acabar com as suspeitas sobre seu papel nesta história. Seria tão simples...

No JN de sábado, a Globo já baixou a bola e deixou Jair Bolsonaro falar à vontade, mas tem gente imaginando que novas revelações podem estar guardadas para o Fantástico.

Vida que segue.



RICARDO KOTSCHO

Bolsonaros testam os limites da democracia e da nossa omissão

"Não é possível que um país de 208 milhões de habitantes, ainda uma das maiores economias do mundo, apesar de campeã de desigualdade social, se submeta tão docilmente aos desígnios desta família..."

20. Sem Partido, Sem OCDE, Sem Aliados, Bolsonaro Está Cada Vez Mais Perdido

https://antropofagista.com.br/2019/10/12/sem-partido-sem-ocde-sem-aliados-bolsonaro-esta-cada-vez-mais-perdido/?fbclid=IwAR3nU0Z2SHDQWRI3QkC4onQIYxY2- sg45xMKMU_Omb7LgNylkAKsRDOsOU

Celeste Silveira 12 de outubro de 2019 3 Comments

**Ricardo Kotscho – 247*

“Chegamos ao final de mais uma semana sem nenhum sinal no horizonte de reação da sociedade civil diante de tanto descalabro. Sem governo e sem oposição, o Brasil parece tão perdido como seu presidente. **Para onde vamos?**”, avalia o jornalista Ricardo Kotscho, do **Jornalistas pela Democracia**.

De nada adiantou rastejar diante de Donald Trump como um gandula diante do ídolo. Até agora, Bolsonaro, ou melhor, o Brasil só perdeu com essa paixão pelos Estados Unidos.

Escanteado na prometida entrada do país na OCDE, o capitão-presidente só tem colecionado derrotas em seus nove meses de desgoverno alucinado.

Ao rifar seu próprio partido alugado para fazer a campanha, Bolsonaro corre o risco de ficar isolado no Congresso nas mãos do Centrão de Rodrigo Maia.

Na política exterior, o governo é um completo desastre, errou todas as fichas.

Na Argentina, em Israel e nos Estados Unidos, seus principais aliados estão correndo sério risco de perder o poder e o capitão pode ficar com a brocha na mão.

Festejar o leilão do pré-sal pode ser muito bom para um governo falido, nas mãos do posto Ipiranga, mas é extremamente ruinoso para o país.

Estão entregando tudo de mão beijada para cobrir os rombos e, no final da festa de arromba, sem ter mais o que vender, vão ficar pelados na esquina pedindo esmolas para o FMI, como a Argentina ou o Equador.

Ainda não viramos uma Venezuela, mas não falta muito.

Logo o país cairá na realidade de que a tal reforma da Previdência, assim como a Trabalhista, não só não devolverá os empregos, como vai tornar ainda mais inviável a sobrevivência de trabalhadores e aposentados.

Assim como a Lava Jato não acabou com a corrupção, mas com a economia, a grande farsa da “nova política” da extrema direita selvagem está levando o Brasil bovinamente para o buraco.

Só os especuladores do mercado, as guildas corporativas de fardados e togados e a mídia chapa-branca está se dando bem neste governo.

Em apenas nove meses, caíram todas as máscaras e o brasileiro que acreditou nessa mentira se vê diante do espelho como um trouxa que está vendendo o almoço para comprar o jantar e ainda gritando “Mito!”

Nada mais funciona, um desastre no meio ambiente sucede a outro na mesma semana, o processo de desindustrialização avança, junto com a fome e a miséria que voltaram a grassar por toda parte, milhares de famílias descartadas nas ruas das grandes cidades.

Logo vamos ter que fazer uma horta no quintal para comer e criar umas galinhas, se não venderem também o quintal.

(Conheça e apoie o projeto Jornalistas pela Democracia)

Os predadores têm pressa porque sabem que a casa está caindo e não há nada para colocar no lugar.

Os militares já conseguiram tudo o que queriam e se recolheram em obsequioso silêncio para não perder as boquinhas.

Doria, Witzel, Huck e outros do gênero já brigam pelo espólio bolsonariano, que não quer largar o osso diante da cachorrada faminta.

Chegamos ao final de mais uma semana sem nenhum sinal no horizonte de reação da sociedade civil diante de tanto descalabro.

Sem governo e sem oposição, o Brasil parece tão perdido como seu presidente.

Para onde vamos?

Depois de declarar guerra ao mundo na ONU, o inominável resolveu brigar também com o Papa, o Vaticano e a Igreja Católica para agradar a família e seu rebanho neopentecostal, alimentado pela fábrica de fake news nas redes sociais, que o Judiciário se recusa a investigar.

Semana após semana, o nosso STF vai adiando decisões importantes para colocar um pouco de ordem na terra arrasada, que coloca em risco a própria democracia e o Estado de Direito.

Gostaria de desejar um bom fim de semana a todos, mas está difícil.

Como hoje é sexta-feira, agora vou almoçar com velhos amigos, tomar uma cerveja e esquecer um pouco essa tragédia que se abate sobre todos nós.

Eu sei, escrever é preciso, mas não basta. Às vezes, acho até inútil.

Todo mundo já sabe o que está acontecendo, mas ninguém reage e vamos nos afundando cada vez mais, leiloando o futuro dos nossos filhos na bacia das almas.

Vida que segue.

21. O sonho do clã –

<https://www.sul21.com.br/colunas/marcos-rolim/2019/11/o-sonho-do-cla/>

Marcos Rolim - 02/11/2019

As sucessivas estultícias do clã Bolsonaro não expressam uma tática definida, como alguns ainda cogitam. Não há método nessa loucura, mas ressentimento e disposição violenta. O que não exclui a esperteza, nem a ambição. O clã trabalha com dois cenários: no primeiro, a economia se recupera, o governo consegue emplacar duas ou três reformas pró-mercado e Mortífero se reelege. Para isso, ele precisa, basicamente, manter o apoio de uma base fiel, em torno de 1/3 do eleitorado, e inviabilizar os candidatos que possam drenar votos à direita. No segundo cenário, a economia segue na UTI, o desemprego se mantém em taxas elevadas, a crise social se agrava, os serviços essenciais como a segurança pública param e o Brasil mergulha em dinâmicas de violência aguda, para além dos marcos da criminalidade conhecida. Nesse segundo cenário, se entender que suas chances eleitorais são rarefeitas, Bolsonaro tentará o golpe. Os inimigos? Os políticos corruptos, o Supremo Tribunal Federal (STF), a imprensa e o “comunismo internacional”. Essas serão as entidades apontadas como as responsáveis pelo desgoverno.

A mensagem a respeito do segundo cenário foi sintetizada esta semana em três momentos. No primeiro, Bolsonaro postou em sua conta no Twitter um vídeo onde um leão é cercado por várias hienas. O leão, claro, é ele próprio, Johnny Bravo para os íntimos. E as hienas? Bem, o grupo é amplíssimo. Elas são os partidos políticos (PT, PCdoB, Psol, PDT, PSDB e PSL), o STF, a imprensa (Globo, Folha, Estadão e Veja), entidades da sociedade civil (OAB, CNBB, CUT, MST, Greenpeace e MBL – sim, também o MBL). Ainda há espaço para hienas que representam a “Lei Rouanet”, a “Via Sensata” (um blog de direita) e “o isentão”, ou seja, aqueles que posam de equidistantes, mas

que, “quando apertados”, como o escreveu Rodrigo Constantino, se revelam “comunas”. Logo depois, o “leão” se arrependeu e pediu desculpas às “hienas”, o que não impediu que o vídeo circulasse amplamente pelo madraçal fascista. Logo depois, Bolsonaro gravou a inacreditável live da Arábia Saudita, acusando Witzel, seu aliado, de ter vazado informações sigilosas para implicá-lo no assassinato de Marielle. O pronunciamento termina aos gritos com ameaças à Rede Globo e uma sucessão de adjetivos como “canalhas”, “patifes”, etc.

O terceiro momento veio com a entrevista de Eduardo Bolsonaro onde o deputado sustenta a necessidade de um novo AI-5, “caso a esquerda radicalize”. Na tribuna da Câmara, referindo-se ao golpe de 64, ele já havia dito que, se as manifestações do Chile fossem reproduzidas no Brasil, a “história poderia se repetir”. Cobrado por conta da entrevista de 03, o Mortífero disse que “não tem nada a ver”, que quem falar em AI-5 agora “está sonhando”. A escolha verbal nessa resposta é curiosíssima, mas parece não ter chamado muita atenção. Na verdade, estamos diante de ato falho, uma vez que, no Brasil, apenas o clã Bolsonaro e mais alguns psicopatas são capazes de “sonhar” com o AI-5.

Os analistas políticos tendem a subestimar as chances de um golpe no Brasil, compreendido como ruptura para um regime autoritário tendente à ditadura. Outros empregaram e seguem empregando a expressão para designar o impeachment de Dilma, o que sempre me pareceu impreciso, além de agregar o risco de reduzir a percepção do público sobre a gravidade dos golpes. Para que fique claro, então, refiro-me à possibilidade de uma ruptura com a democracia no Brasil, com o surgimento de um regime semelhante ao modelo chavista, com apoio em segmentos das Forças Armadas e das polícias, nas camadas médias ressentidas e em bolsões militantes de perfil fascista, parte deles organizados como milícias. As possibilidades de ruptura com a democracia não são visíveis nesta conjuntura. Ocorre que essa realidade pode ser alterada muito rapidamente. Um ambiente de crise institucional, com a emergência de grandes movimentos de rua sem direção ou pauta política e violência disseminada, somado à percepção de que a impunidade dos corruptos é uma realidade assegurada pelas instituições mais importantes da democracia, podem construir o ambiente ideal para a aventura golpista.

Considerando as chances desse cenário, é preocupante que Bolsonaro tenha, ainda, 30% de aprovação entre os eleitores. Com essa mesma base, o sonho golpista será acalentado também para um eventual segundo mandato o que daria a Bolsonaro a chance de chegar à quarta indicação ao STF, com o que teríamos uma correlação na Suprema Corte de perfil, digamos, saudita. Nesse caso, a transição para uma ditadura poderia se dar totalmente “por dentro” do Estado, sem tanques nas ruas. A propósito, entre todos os possíveis candidatos alternativos de direita à presidência, ninguém reúne maiores possibilidades eleitorais do que Sérgio Moro. Se não mudar de ideia, Bolsonaro o indicará ao STF, mesmo antevendo grandes dificuldades para a aprovação pelo Senado. Eventual rejeição pelo Parlamento, não obstante, transformará Moro em um candidato ainda mais forte. Talvez ele seja a única possibilidade eleitoral capaz de receber todos os votos bolsonaristas e não apenas esses. Nos cenários mais prováveis, em síntese, as coisas podem piorar muito.